3 1761 04643395 9

CANÇÕES
Populares do BRAZIL

J. Ribeiro dos Santos: Editor
RIO de JANEIRO

CANÇÕES POPULARES DO BRAZIL

TYP. DA EMP. LITTER. E TYPOGRAPHICA
(Officinas movidas a electricidade)
178 R. D. Pedro, 184 PORTO 1911

Algumas das musicas que figuram neste livro são edições dos srs. *M. A. Gomes Guimarães, Bevilacqua* e *Arthur Napoleão,* de quem obtivemos auctorisação para publical-as aqui, e em cujos importantes estabelecimentos são encontradas á venda com acompanhamento para piano.

CANÇÕES POPULARES

DO

BRAZIL

Collecção escolhida das mais conhecidas e inspiradas modinhas brazileiras, acompanhadas das respectivas musicas, a maior parte das quaes trasladada da tradição oral pela distincta pianista D. JULIA DE BRITO MENDES

Com um prefacio de BRITO MENDES

EDITOR: — J. RIBEIRO DOS SANTOS
LIVRARIA CRUZ COUTINHO
82, RUA DE S. JOSÉ, 84
RIO DE JANEIRO

M
1689
B86C3
cop.2

A' maneira de prologo

—Um prologo para um livro de modinhas! desdenhou o Alberto, poeta de grande nome e maior talento, autor de diversos poemas revolucionarios onde se faz a apologia da bomba de dynamite como um dos melhores argumentos para educação da burguezia. E eu que te julgava um espirito superior, emancipado da rotina, continuou elle, um espirito inteiramente desapegado d'essa velharia da edade média, d'esse tempo em que os menestreis descantavam toda a noite debaixo da janella da sua amada para obter d'ella um simples sorriso! Hoje, felizmente, já não estamos n'esse tempo. As nações onde ainda prepondera essa velha usança estão destinadas a succumbir diante d'aquellas em que, em

lissimo, pelo menos para ti, traz a humanidade inteira debaixo do seu doce jugo, do seu necessario jugo, estabelecendo a harmonia entre os homens...

— A harmonia e a desharmonia, a paz e a guerra...

— Sim, de accordo. Mas como ia dizendo: estabelecendo a harmonia entre os homens e regulando todos os mesquinhos interesses terrenos? O amor é o sentimento maximo de que se originam todos os demais. Ora contém o homem nos seus impetos brutaes, ora agita-lh'os, atirando-o na voragem da morte. Umas vezes attrahe, outras repelle. E de tudo isso resulta o equilibrio que governa os homens na terra e os astros no céo.

Deves conhecer, tão bem como eu, aquelle magnifico trecho de prosa em que o padre Antonio Vieira diz que toda a acção humana se resume em buscar o pão para a bocca. Pois bem. Se o conheces, e com elle concordas, amigo philosopho, responde-me: — Qual é a mola invisivel, mas patente e realissima, que impelle o homem a essa acção? Não é o amor? Não é o amor que o obriga a buscar o pão? Olha lá para baixo, para a rua. Que faz toda aquella gente em tão

azafamado e incessante vai-vem? Não é o amor que lhe guia os passos?

— Tens razão. Submetto-me á tua logica. Faze lá o teu prefacio.

*

* *

Este meu amigo Alberto, que préga a revolução social, a anarchia e outras coisas graves, é um grande e ardente patriota. Dedica uma profunda attenção e um profundo amor aos factos e costumes da sua terra, que é este immenso Brazil, este rico paiz que para elle não tem igual em todo o orbe terraqueo.

E como eu lhe conhecesse este aliás louvavel pendor e quizesse ouvil-o mais um pouco, espicacei-o com estas palavras propositadamente exaggeradas:

— Paiz maravilhoso este! Extraordinario paiz este onde a exuberancia do sólo não é excedida em outra parte e onde só uma coisa ha que se lhe compare: — a exuberancia dos talentos. E estes, meu caro, apprehendem e assimilam tudo com tamanha facilidade, com tamanha rapidez,

que — não sei se te diga — nem tempo têm de reflectir nas contradicções em que cabem a cada passo...

— Boa carapuça para quem servir..., interrompeu o poeta.

— E não achas que te vae bem?

— A mim!? Não sei. Póde ser. Cahi tambem, porventura, em alguma contradicção?

— Cahiste.

— Onde? Em que?

— Em tudo quanto acabas de dizer, em todas as opiniões que eu já te combati e n'outras que ainda me faltam esmiuçar e igualmente combater.

— Quaes são ellas?

— Lá chegaremos. Affirmas tu que, além de tudo, és um patriota extremado, um sincero amante das tradições e dos costumes do Brazil. Creio n'isso, convencidamente, e só louvores me mereces por essa razão. Mas se assim é, porque tanto desestimas as cantigas populares, as modinhas, como vulgarmente lhe chamam? Pois não são as modinhas, com as suas deliciosas musicas, o que de mais caracteristico se encontra nos costumes brazileiros? Não são ellas, com a sua nota profundamente terna, incompa-

ravelmente terna; não são as suas musicas, de suave e languida melodia, a expressão mais perfeita da doçura da alma brazileira? Pódes apontar-me outra coisa, nos dominios da arte ou fóra d'elles, que mais particularmente recorde os costumes do paiz? Não, de certo. Em qualquer ponto do globo onde nos encontremos, e ahi as ouçamos, logo as distinguiremos entre as demais pela forte e suggestiva impressão de caricia e affecto que nos deixam, a nós ou a quem quer que já um dia as tenha ouvido cantar. Estou em affirmar que, na modinha, comprehendida a respectiva musica, é que reside, presentemente, o unico signal typico do povo brazileiro. Que dizes a isto?

— Pura e simplesmente que concordo comtigo. Porque hoje, afinal, meu amigo, não vim aqui visitar-te se não para accordar comtigo em tudo quanto anteriormente me parecêra estar em desaccôrdo. Dou-te, por isso, os meus parabens. Devo, todavia, confessar-te que, apezar do amor que dedico ao estudo dos homens, dos factos e das coisas do meu paiz, nunca attentei na existencia d'essa particularidade dos nossos habitos, tão diminuta e inexpressiva ella me parecia. Vejo, porém, que não tinha razão. Aos

meus olhos de philosopho, acostumados a fitar o alto, tinha escapado esse detalhe da nossa vida, detalhe que é, comtudo, como tu dizes, o mais perfeito caracteristico da nossa existencia de povo. Inteiramente de accôrdo, meu caro amigo.

— Ainda bem. Apraz-me devéras vêr-te corroborar as minhas ideias. Mas o peor é que assim não temos pé para discutir, com grande magua da minha parte, porque, se a concordancia das nossas opiniões me apraz, não menos me apraz o encanto da tua deliciosa palestra.

— Muito obrigado. Mas diz-me mais alguma coisa sobre esse genero de litteratura, em que só conheço um livro, aliás bastante curioso, de Sylvio Romero, os *Cantos Populares*. Conheces?

— Conheço. Por signal que dá uma canção muito antiga, a *Nau Catharineta*, como canção popular do norte do Brazil. Não é. A *Nau Catharineta* é genuinamente portugueza e foi trazida para aqui pelos primeiros colonisadores. Encontrei-a, nos meus tempos de estudante, n'um velho e poeirento romanceiro popular portuguez, e um meu avô, em Portugal, que tambem já a conhecia de tradição, cantava sempre trechos d'ella quando entretido em qualquer

mister. Incluo-a, entretanto, n'esta collectanea, por estar muito popularisada no Brazil.

Como a *Nau Catharineta* ha, por ahi, muitas outras cantigas indevidamente incorporadas ao *folk-lore* brazileiro, todas ou quasi todas com sensiveis alterações na letra e na musica.

— Pelo que estou vendo conheces profundamente o assumpto.

— Profundamente, não. Isso é amabilidade tua. Mas superficialmente, como tudo.

— E os *Cantares Brazileiros*, de Mello Moraes Filho, conheces?

— Conheço, esse e outros livros do genero, entre os quaes os do Catullo Cearense, que é um poeta inspiradissimo e merece um logar distincto na classe que eu chamarei dos trovadores eruditos, classe a que pertencem Laurindo Rabello e outros poetas de que Mello Moraes Filho dá uma boa relação nos citados *Cantares*. Não te falo d'elles por um motivo muito simples: — é que tu sabes tão bem d'elles como eu, não é verdade?

— Ah! isso sèi.

— Pois bem. Adiante. Além d'esses livros temos, entretanto, numerosissimos outros, publicados em varios pontos do Brazil, a maioria

dos quaes certamente desconheço. Ser-me-hia impossivel, por isso, enumerál-os. Mas o que significa, afinal, tão excessiva producção? Significa que o fundo da alma brazileira é essencialmente poetico, como se póde verificar até entre a gente inculta e analphabeta. Não vemos ahi, a avolumar o nosso *folk-lore*, tantas composições poeticas de origem africana e indigena, o que se constata pelas phrases e termos especiaes que n'ellas apparecem, proprios das referidas linguas? Posso-te dar alguns exemplos d'essas canções, onde os estranhos enxertos de linguagem comprovam a existencia de sentimentos poeticos no proprio negro africano, ou no indio, individuos absolutamente ignorantes. Ora ouve lá:

« Se me dá de vestir,
Se me dá de comer,
Se me paga a casa,
Ó meu bem,
Eu caso com você...
Alê, alê,
Calunga,
Mussunga,
Mussunga ê.»

Este estribilho, como vês, é africano. Repete-se ao fim de cada verso em portuguez.

De versos entremeiados de phrases e termos indigenas temos numerosos exemplos, que igualmente poderei repetir, se tu quizeres.

— Oh! com todo o prazer.

— Pois então ouve:

« Vamos dar a despedida,
Mandú sarará,
Como deu o passarinho,
Mandú sarará,
Bateu aza, foi-se embora,
Mandú sarará,
Deixou a pena no ninho,
Mandú sarará.»

E est'outro:

« Virgem do Rosario,
Senhora do mundo,
Dá-me um côco d'agua
Senão vou ao fundo.
Indêré, ré, ré, ré,
Ai! Jesus de Nazareth!...»

D'estes versos, de hybrida composição, resalta a nostalgia das duas raças que se extin-

guem, afastadas dos dominios onde viviam em completa liberdade. Aquelles termos estranhos, appostos ás mencionadas canções, não exprimirão reminiscencias patrias, reminiscencias que não se geram apenas no espirito que d'ellas conserva viva sensação, mas tambem se transmittem de paes a filhos?

Os elementos africano e indigena, violentamente arrancados das selvas para o grande convivio da civilisação, sentiram-se prisioneiros dentro d'ella. E com a alma cheia de amor e soffrimento, começaram a cantál-os, pelas noites de luar, em versos onde concorriam a lingua natal e a dos seus senhores, esta exprimindo, talvez, a grande dôr da escravidão, aquella a saudade de passados dias, e ambas, conjunctamente, o forte temperamento poetico que legaram aos descendentes, ás gerações posteriores, depois da intensa fusão de raças que se operou e ainda está operando.

Vou-te lêr ainda, se m'o permittes, uns curiosos versos que aqui tenho, em portuguez africanisado, e que pintam muito bem a revolta de um espirito acabrunhado pela escravidão.

— Lê-os.

— São estes:

« Dizofôro dim baranco
Nó si póri aturá,
Tá comendo, tá... drumindo,
Manda negro trabaiá.

Baranco dizi — preto fruta,
Preto fruta corezão;
Sinhô baranco tambem fruta
Quando panha casião.

Nosso preto fruta garinha
Fruta sacco de fuijão;
Sinhô baranco quando fruta
Fruta prata e patacão.

Nosso preto quando fruta
Vai pará na coreção,
Sinhô baranco quando fruta
Logo sai sinhô barão.

— Interessantes, na verdade. Chegam a ter graça. E a musica?

— A musica é muito conhecida. Se queres vêl-a, disse-lhe eu, procurando-a entre as demais que deviam entrar no livro, tenho-a aqui. Não é desagradavel, apesar do cunho caracteristica-

mente africano que se lhe nota, aquella toada rude e monotona que n'esta composição está, aliás, um pouco adoçada, devido talvez á influencia do meio. Ah! meu amigo, na musica, como no *folk-lore*, deu-se o mesmo phenomeno de fusionamento. E isso é naturalissimo, desde que facto identico se está passando com relação aos individuos.

— Mas, observa Alberto, que rima de musicas é aquella?

— Examina-as. Pertencem ás modinhas e com ellas figurarão no livro que vou prefaciar. Uma canceira para as obter!

— E como o conseguiste? indagou, folheando-as uma por uma.

— Ora, meu amigo, inquirindo de quem as soubesse cantar para que minha mulher, ouvindo-as, pudesse apanhál-as e escrevêl-as. Colhidas assim, na maior parte, da tradição oral, essas musicas devem ter muitos defeitos, que mais sobresahirão n'aquellas que porventura tiverem autores conhecidos ou andarem por ahi impressas — o que só me foi possivel averiguar relativamente a um numero limitadissimo d'ellas. Mas isso poderá remediar-se em proxima edição, se algum benevolo amigo ou leitor me quizer

fazer qualquer communicação n'esse sentido. Ah! meu caro amigo, que canceira me deram estas musicas! Que canceira!...

Mas n'isto vieram chamar para o chá, e como o poeta manifestasse desejos de retirar-se, apesar do meu convite, não insisti. Tomei-lhe do braço e, feitas as despedidas, acompanhei-o até á porta.

Era noite. Fóra, um luar bellissimo de plenilunio, convidando ao passeio e á paz, n'um recanto florido, onde alguns olhos nos falassem n'aquella muda mas eloquente linguagem que toda a gente entende.

E, já no limiar da porta, conclui:

— Adeus, Alberto. Aqui estamos sempre promptos para te receber e ouvir com o maior agrado. Não te esqueças, porém, nos teus estudos de philosophia, de que todos os problemas sociaes estão ligados ao amor e de que as canções dos trovadores representam, na sociedade, uma alta funcção que por agora me abstenho de analysar. Adeus, Alberto.

— Adeus. Até breve.

* * *

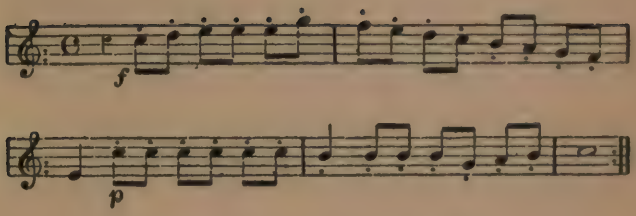
E lá se foi o meu amigo Alberto, caminhando a passo rapido, o vulto embebendo-se na doce e inspiradora claridade com que a lua, lá do alto, enchia a terra n'essa noite — a terra... e a alma dos trovadores.

BRITO MENDES.

CANÇÕES POPULARES DO BRAZIL

PAI JOÃO

(LUNDÚ)



Quando iô tava na minha tera
Iô chamava capitão,
Chega na tera dim baranco,
Iô me chama — Pai João.

Quando iô tava na minha tera
Comia minha garinha,
Chega na tera dim baranco,
Cáne sêca co farinha.

Quando iô tava na minha tera
Iô chamava generá,
Chega na tera dim baranco
Pega o cêto vai ganhá.

Dizofôro dim baranco
Nó si póri aturá,
Tá comendo, tá... drumindo,
Manda negro trabaiá.

Baranco — dize quando môre
Jezuchrisso que levou,
E o pretinho quando môre
Foi cachaxa que matou.

Quando baranco vai na venda
Logo dizi tá 'squentáro,
Nosso preto vai na venda,
Acha copo tá viráro.

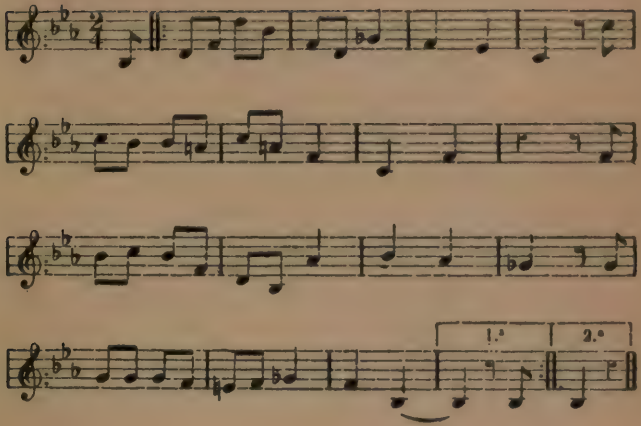
Baranco dize — preto fruta,
Preto fruta co rezão;
Sinhô baranco tambem fruta
Quando panha casião.

Nosso preto fruta garinha
Fruta sacco de fuijão;
Sinhô baranco quando fruta
Fruta prata e patacão.

Nosso preto quando fruta
Vai pará na coreção,
Sinhô baranco quando fruta
Logo sai sinhô barão.

QUANDO MEU PEITO

* * *



Quando meu peito não gemer mais nunca;
Quando meus olhos não se abrirem mais:
Recorda os dias que te amei, donzella,
Que, lá do céo, escutarei teus ais.

Quando embalada num sonhar profundo,
A minha imagem te assaltar a mente,
Recorda os dias que te amei, donzella,
Que, mesmo morto, te ouvirei contente.

Não quero c'roas, nem tambem grinaldas;
Não quero flores no meu tumulo, não!
Que tua imagem me dará consolo,
Quando meu corpo repousar no chão.

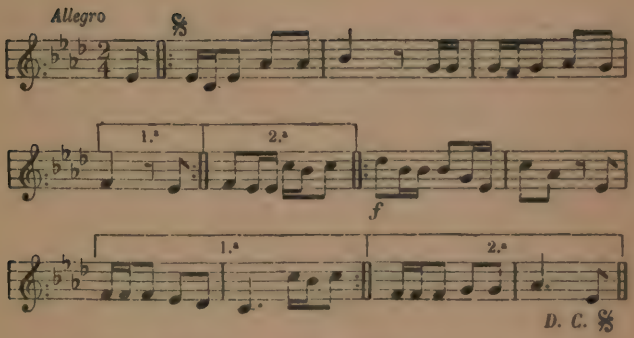
Ai! se algum dia, alguem te perguntar
Qual meu destino, qual a minha sorte,
Oh! não respondas e sómente digas
Que fui um louco e não temi a morte.

Eu só te peço que vás qualquer dia
Ao cemiterio para orar por mim.
Junto a uma cruz encontrareis meu leito;
Onde descanço deste mundo emfim!

Alli, sósinha, ajoelharás: e triste
Inclina a fronte sobre a louza fria,
Deixa teu halito aquecer meu leito,
Pede que eu possa te surgir um dia.

MENINA, PORQUE RAZÃO

(LUNDÚ)



— Menina, porque razão
Eu passo, sahe da janella?
— E quando vou na cozinha
Botar fogo na panella...

ESTRIBILHO

Castiga, castiga,
Seu bem aqui 'stá;
Quem d'elle não gosta,
De quem gostará?

— Menina, porque razão
Quando passo não diz — entre?
— Ora, senhor, vá andando,
De comportas 'stou sciente...

Castiga, etc.

— Menina, pois não sou bicho,
Eu sou creatura humana...
— Ora, meu caro outro officio,
Com comportas não m'engana.

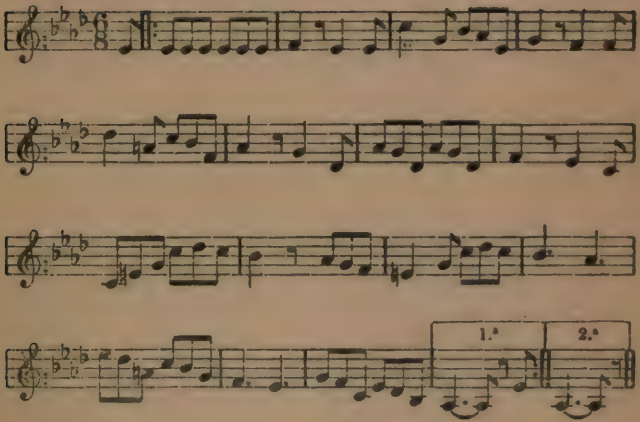
Castiga, etc.

— Menina, tenho um vestido
Mui chique pr'a lhe trazer...
— Ora qual! diz o dictado
Que no ver está o crêr!...

Castiga, etc.

CANTO DO PESCADOR

(LUNDÚ)



Nas margens d'uma ribeira
Um pescador passeava,
Entre rochedos e ondas
A Cupido assim fallava:

— Que te curve meus joelhos
Não esperes, rei traidor;
Minha canôa, meu remo,
Minha rêde, meu amor.

Mas se algum incauto peixe
Na rêde se prende, eu digo,
E' assim que o tyranno rei
Pretende fazer commigo.

— Mas que eu seja teu vassallo
Não esperes rei traidor;
Minha canôa, meu remo,
Minha rêde, meu amor.

Eu vi de Nevina ingrata
O pobre, infeliz amante,
Já sem canôa, sem remo,
Vagando na praia errante.

— Com taes leis nunca pretendas
Captivar-me, rei traidor;
Minha canôa, meu remo,
Minha rêde, meu amor.

Se acaso a bella Sylvia
Alli chegou no entanto,
Ouviu o triste pescador
Soltar seu raivoso canto.

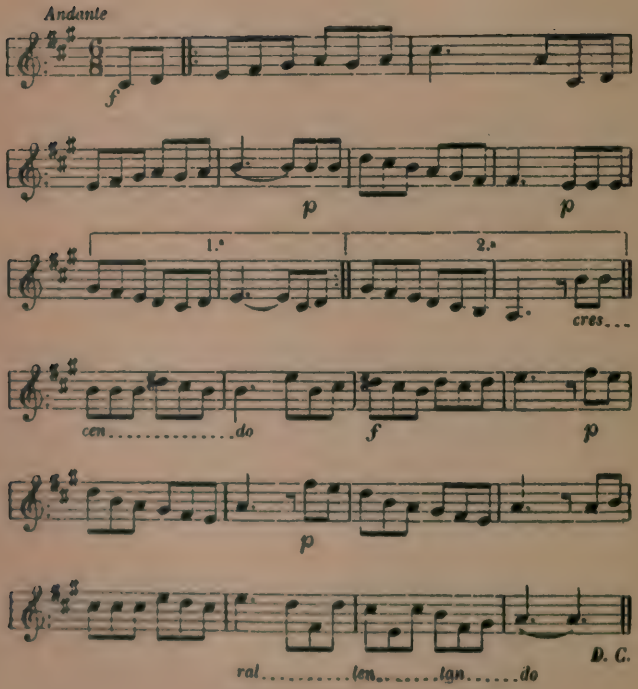
— Captivar minha vontade
Não poderás, rei traidor;
Minha canôa, meu remo,
Minha rêde, meu amor.

Sorrindo, Sylvia lançou-lhe
Com tal graça, certo olhar,
Que o pescador, murmurou,
Começando a suspirar:

— Adeus canôa, adeus rêde,
Já não sou mais pescador;
Sou da bella Sylvia escravo,
Fiel vassallo do amor.

HYMNO DA DESCRENTE

* * *



Foi ditosa e feliz a minha infancia
Toda cheia de crença d'amor;
O porvir eu amava com ancia
O que mais tarde devia transpôr.

Quão mentida me foi esta esp'rança
Muito cedo perdi a illusão!
Ai de mim — que inda sendo criança
Vi morrer este meu coração. } *bis*

E morrer sem gozar um instante
O porvir que no berço sonhei...
Inda moça e do crime distante,
Bem depressa o crime acordei!

Acordei, quiz voltar; era tarde,
Já não pude á desgraça fugir!
Só me resta hoje, triste e covarde;
O meu negro destino carpir; } *bis*

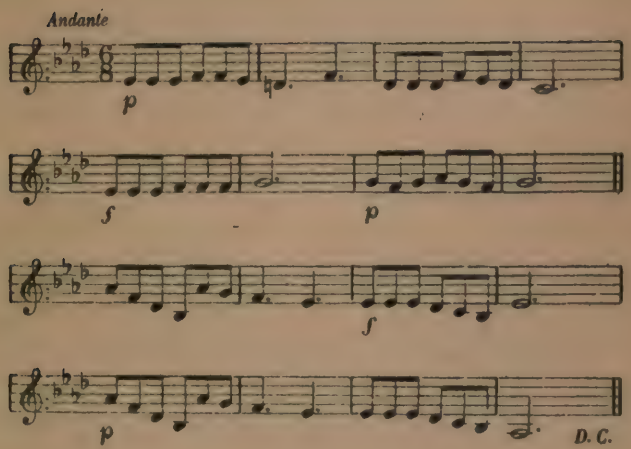
Essa crença de amores que eu tive
Ai p'ra sempre, p'ra sempre perdi,
Em vez d'ella o cynismo revive,
Junto ao fel que inda moça bebi.

Qu'importa que nada me reste
Dessa idade de crença e de prazer?
Que m'importa que o mundo deteste
Esse pranto que a dôr me faz verter? } *bis*

Que m'importa a indifferença do mundo
Se p'ra o mundo indifferente já sou?
Do meu crime o remorso profundo
Já a esp'rança e a fé me roubou!

Só me resta o socego da campa
Onde em breve irei repousar!
Esta nodoa que o crime m'estampa
Só com a morte a posso apagar. } *bis*

QUIZERA SER BORBOLETA



Quizera ser borboleta
Nos valles d'uns seios nús,
Onde se vive de aroma,
Onde se morre de luz!

Mulher, occulta teu seio,
Não digas que ahi tem mel,
Que os beijos dos pyrilampos
Tornam-se nodoas de fel.

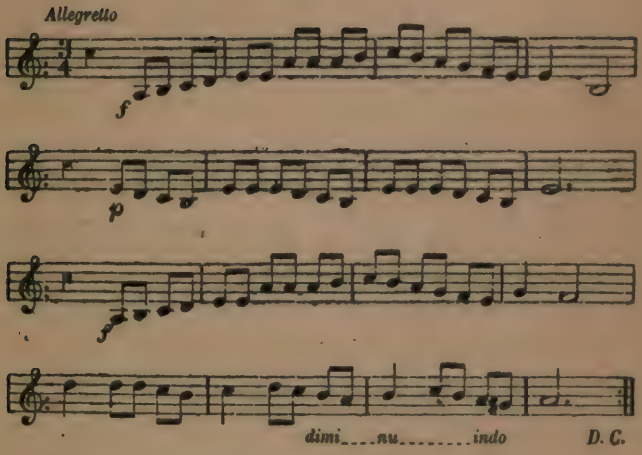
O seio da mulher murcha,
Como a flôr do campinzal;
E' como a flôr que se estende
Ao rigor do vendaval!

ESTRIBILHO

Sou borboleta, és a rosa,
Sou mariposa, és a luz;
Tenho medo de tocar-te
Com minhas azas azues! } *bis*

AO LUAR

* * *



Vê que amenidade,
que serenidade
tem a noite, em meio,
quando em brando enleio,
vem lenir o seio
de algum trovador!

O luar albente
que, do bardo a mente
no silencio, exalta,
chora a tua falta,
rutilante estrella
De etheral candor!

Minha lyra geme,
no concento extreme
que a saudade inspira!
vem ouvir a lyra,
que, sem ti, delira
n'esta solidão!
Vem ouvir meu canto
no fluir do pranto,
com que a dôr rorejo.
Lancinante harpejo,
que das fibras tanjo
d'este coração!

Vem, meu anjo, agora,
recordar nest'hora
nosso amor fanado,
quando eu, a teu lado,
mais que aventurado,
por te amar vivi!
Quero a fronte tua
vêr á luz da lua
resplendente e bella!...
Descerra a janella,
que soluça o estro
só pensando em ti!

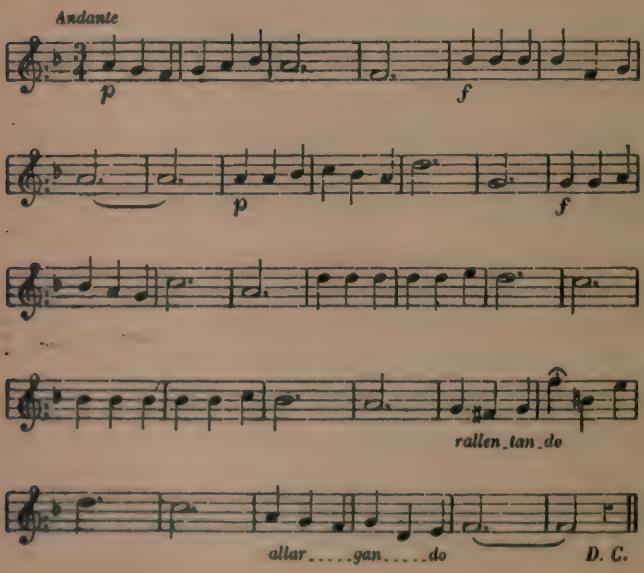
Dá-me um teu conforto,
que esse affecto é morto

que me consagravas...
quando protestavas,
quando me juravas,
eviterno amor!
Vem um só momento
dar ao pensamento
radiosa imagem,
depois, na miragem,
deixa, em tua ausencia,
cruciar-me a dôr!

Da saudade o dardo
vem ferir do bardo
o coração silente!
Esta dôr latente
só na campa algente
poderá findar!
Mas, si ainda o peito
palpitar no leito
de eternal abrigo...
hei-de, só, comtigo,
sob a lousa, em somno
funeral, sonhar!

A CASA BRANCA DA SERRA

Guimarães Passos — Miguel Emygdio Postana



Na casa branca da serra
Que eu fitava horas inteiras,
Entre as esbeltas palmeiras
Ficaste calma e feliz;
Ahi teu peito me déste
Quando pisei tua terra,
Ahi de mim te esqueceste
Quando deixei meu paiz.

Nunca te visse eu, formosa,
Nunca comtigo falasse!
Antes nunca te encontrasse
Na minha vida enganosa!
Porque não se abriu a terra?
Porque os ceus não me puniram,
Quando meus olhos te viram
Na casa branca da serra?

Olhaste-me um só momento,
E, desde esse triste instante,
Tu me ficaste constante
Na vista e no pensamento;
E, mesmo se te não via,
Eu passava horas inteiras,
Vendo-te a sombra irradia
Entre as esbeltas palmeiras...

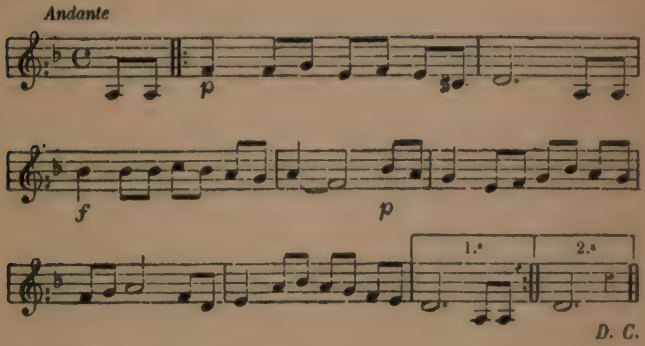
Falei-te uma vez e calma,
Tu me escutaste, mas logo
Abrazou-se tu'alma ao fogo
Que lavrava na minh'alma.
Transfigurada e feliz,
«Sou tua!» tu me disseste...
Depois de mim te esqueceste,
Quando deixei meu paiz.

Embora tudo!... Bemdigo
Essa ditosa lembrança,
Que, sem me dar esperança,
Une-me ainda comtigo...
Bemdigo a casa da serra,
Bemdigo as horas fagueiras,
Bemdigo aquellas palmeiras,
Querida, da tua terra!

CANTO DO CYSNE

* * *

Laurindo Rabello **A. J. S. Monteiro**



Quando eu morrer, não chorem minha morte.
Entreguem o meu corpo á sepultura ;
Pobre, sem pompa, e sejam-lhe a mortalha
Os andrajos que deu-me a desventura.

Não se insulte o sepulchro, apresentando
Um rico funeral de aspecto nobre ;
Como agora a zombar me dizem vivo
Podem morto dizer-me : ahi vae um pobre.

Dos amigos hypocritas não quero
Publicas provas de affeição fingida:
Deixem-me morto só, como deixaram-me
Luctar contra a má sorte toda a vida.

Outros prantos não quero, que não seja
Esse pranto de fel amargurado
De minha companheira de infortunio,
Que me adora, apezar de desgraçado.

E o pranto, assucena de minha alma,
Do coração sincero e d'alma sã,
De um anjo que tambem sente os meus males,
De uma virgem que adoro como irmã.

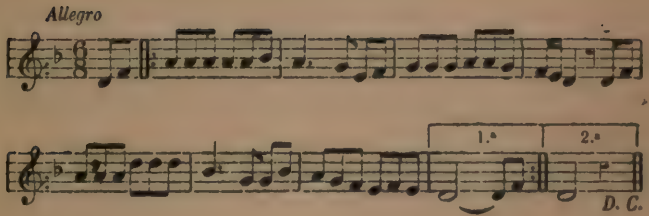
Tenho um joven amigo, tambem quero
Que junte em minha eça os prantos seus
Aos de um pobre ancião, que perfilhou-me
Quando a filha entregou-me aos pés de Deus.

Dos meus todos eu sei que terei preces,
Saudades e lagrimas tambem,
Que não tenho lembrança de offendêl-os,
E sei quanta amizade elles me têm.

E tranquillo, meu Deus, a vós me entrego,
Peccador de mil culpas carregado,
Mas os prantos dos meus perdão vos pedem
E o muito que tambem tenho chorado.

CANÇÃO DO TROVADOR

* * *



Trovador, o que tens, o que soffres,
Porque choras com tanta afflicção?
O teu pranto assás me compunge,
Trovador, ah! não chores mais não!

Se acaso a mulher que tu amas
Te tratou com acerbo rigor,
Trovador, ah! por isso não chores,
Oh! não creias, por Deus, em amor.

O amor da mulher é a nuvem,
Que o vento a impelle no ar;
O amor da mulher é voluvel,
E' tão vario qual onda do mar.

O amor da mulher é um fragil,
Pequenino, adoudado batel,
Que vagueia, sem norte, sem rumo,
Té quebrar-se n'um fraco parcel.

O amor da mulher é luzerna,
N'uma noite d'inverno a luzir;
E' estrella no céo entre nuvens
Que a furto se vê transluzir.

A mulher tem o dom da belleza,
Tem maneiras que sabem levar...
Mas no meio de seus attractivos,
A mulher tem o dom de enganar!

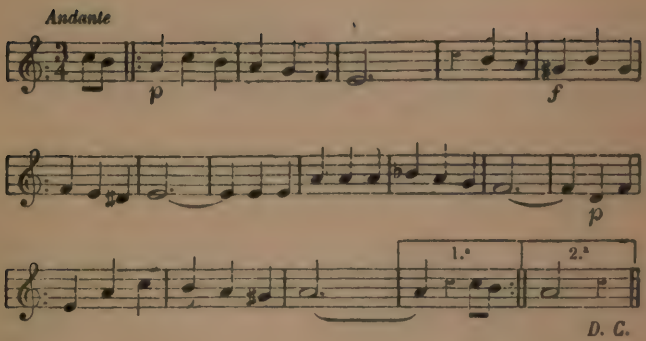
Um exemplo tu tens em Helena
Que os muros de Troia abateu,
Que infida deixando o consorte,
Para os braços de Páris correu.

A mulher tem feitiço nos olhos
E nos labios veneno lethal,
A mulher nos illude chorando
E sorrindo nos crava o punhal.

O amor da mulher, como a rosa,
Desabrocha, mas logo fenece:
A quem hoje a mulher idolatra,
Amanhã, menospreza, aborrece.

Trovador, ah! esquece essa ingrata,
Não mendigues a sua affeição;
Oh! despreza a quem te maltrata,
Não suspires por ella, mais não!

A GENTIL CAROLINA



A gentil Carolina era bella
Como é bella nos campos a flôr;
Em seu riso brilhava a innocencia,
Em seus olhos o fogo de amor.

Aos encantos de lindo mancebo
Coração, alma e vida entregou;
Era d'elle e sómente por elle
Que seu peito de amor se abrazou.

Meia noite no bronze da torre
Gravemente o silencio cortou,
Pelos ares a briza rolando
De écho em écho o zunido levou.

Carolina que as horas contava,
Meia noite! murmura, e estremece:
Lança os olhos além da janella,
Branca lua no céo apparece.

De improviso se ergue, abre a porta,
Sahe de casa tremendo, medrosa;
Entre os vastos arbustos sósinha,
Move os passos, subtil, cautelosa.

Eis que indo a passar os canteiros
De repente, assustada, parou;
Um presagio sinistro de morte
Á sua alma opprimida falou.

No jardim, entre o vasto arvoredo,
Branca sombra suppõe vêr além;
Quer fugir, mas fallecem-lhe as forças,
Mão gelada seus passos detem.

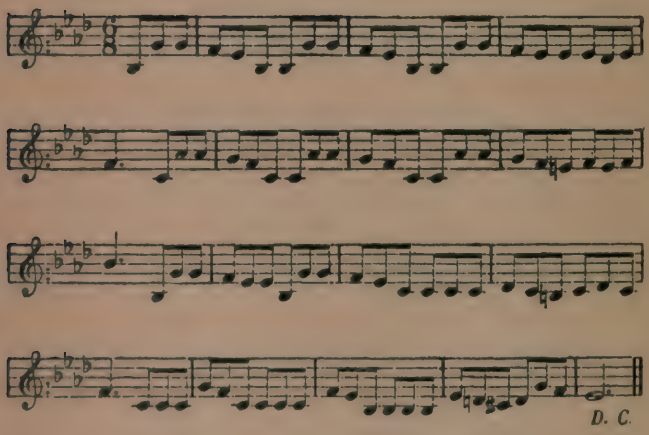
Quer gritar, morre a voz em seu peito,
Nem sequer soltar póde um gemido;
Afinal, dando passos, tropeça
N'um cadaver no chão estendido!

Grito horrivel lhe escapa do peito,
N'esse rosto que a morte embranquece,
N'esse corpo de sangue banhado
Carolina o amante conhece!

A aurora raiando mais tarde
D'esse quadro de horror teve medo;
Dous amantes jaziam sem vida
No quintal, entre o vasto arvoredo.

E a gentil Carolina era bella
Como é bella nos campos a flôr;
Em seu riso brilhava a innocencia,
Em seus olhos o fogo de amor.

O VAGO MESTRE



Nasci como nasce
Qualquer vágo mestre,
Não sei nem soube
Quaes foram meus paes.
Cresci nas tavernas
Ao som das garrafas
Pescando de linha
Na beira do cáes.

Já cursei as aulas
De todos os vicios,
No jogo sou mestre
No furto sou rei.
Conheço as combucas
De toda a cidade
Com agua da pipa
Foi que me criei.

Cigarro no queixo
Chapéo desabado
Faca na cinta
Cacete na mão.
Gingando na rua
Com ar insolente
Provoco a policia
Tomando o facão.

Eu para Fernando
Já fui arriscado
Por causa do roubo
Que fiz no café.
Valeu-me a firmeza
Que tive no pulso
Valeu-me a destreza
Que tive no pé.

Em noite de escuro
Se tenho dinheiro
Enterro-me ás vezes
No grosso pifão.
Em noite de lua
Encosto-me á esquina
Cantando modinha
No meu violão.

Se cáio no meio
De um samba gostoso
Não me apanhem
Não vejo ninguem
E pachólamente
Conquisto as mulatas
Sem ter muitas vezes
No bolso um vintem...

Se ouço na rua
Tocar a xaranga
Ponho-me contente
Saltando a pular
Distraio-me ás vezes
Quebrando vidraças
Chingando os basbaques
Que vejo passar.

De noite sómente
Por simples gracejo
Apago na rua
Os bicos de gaz
Tenho um emprego
Que me é rendoso
Vendendo brilhantes
De Cumes de Váes.

Se compro fiado
Não pago a quem devo
Todos intimidam-se
Da minha navalha
E assim vou vivendo
Sem eira nem beira
Gozando as delicias
Da vida canalha.

Se o somno me pega
Cançado do preste
Não busco outro abrigo
Para lá ficar
As geladas pedras
Me servem de leito
As portas da egreja
Me servem de lar.

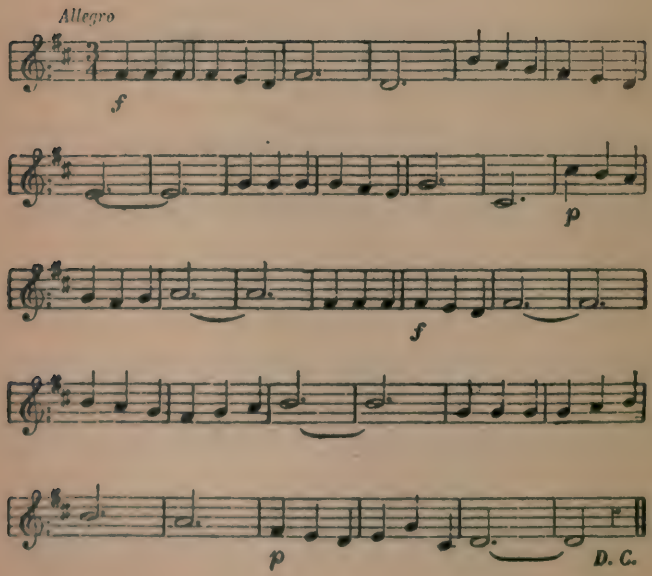
Que me importa o vulgo
Me chamar moléque
Por me ver constante
Na venda a beber
Pois se sou amigo
Das aguas vergentes
Por isso só quero
Na venda viver.

Se almoço, não janto,
Se janto não ceio
Para mim é bastante
Comer uma vez
Para casa não levo
Nenhum desafôro
Visito as cadeias
Tres vezes por mez.

Se estou em casa
Faço e aconteço
Se saio á rua
Sou forçado a brigar
Não conto desgraça
Quebrando cabeça
Virando moléques
De pernas para o ar.

O POETA E A FIDALGA

* * *



Bem sei que tu me desprezas,
Bem sei que tu me aborreces,
Zombando das minhas preces
Com orgulhoso desdem;
Mas não supponhas, não creias
Que o teu rigor me consome,
Pois mesmo pobre e sem nome
Sei desprezar-te tambem.

Bem sei mulher, bem conheço
Que fui um louco em fitar-te,
Muito mais louco em amar-te
Sem consultar a razão!
Aquellas doces promessas
Que nos teus olhos eu lia,
Não eram mais que ironia,
Não eram mais que irrisão.

Eu sei medir a distancia
Que nos separa na vida:
Tu tens a aurora florida,
Eu tenho as noites crueis!
Tu tens um manto de flôres
Que te alcatifa os caminhos...
Eu trilho em senda de espinhos
Que dilaceram-me os pés.

Teu vulto passa indolente
Por sobre os fundos pezares,
Tens n'alma os gelos polares
Em vez da luz do Equador!
A bella Venus de Milo
Fêl-a sem braços o artista;
Mas Deus foi mais egoista,
Negou-te os fluidos do amor!

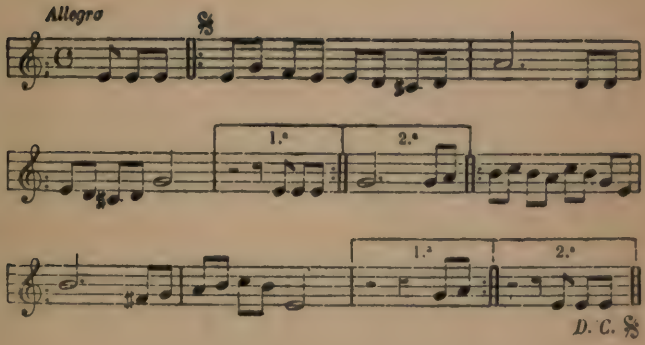
Não rias!... Isso é loucura!
Não zombes de um desgraçado,
Que, se não teve passado,
Póde um porvir aspirar!...
Não rias que, da existencia,
No drama ignoto, infindo,
Quem abre a scena sorrindo,
Encerra o acto a chorar!

A fidalguia o que vale?
O teu orgulho o que importa?
Se o ouro me fecha a porta,
A gloria me estende a mão!
Eu antes quero ser filho
Das musas da natureza,
Que ter por mãe a riqueza
E ter por pae um brazão.

Se de custosos brilhantes
Tu tens a fronte adornada;
Eu tenho a minha innundada
Das ondas da inspiração!
Sim, eu não troco, orgulhoso,
Por teu thesouro fulgente,
Uma só nota plangente
Da lyra do coração.

Não julgues que o céo que sonhas
Seja constante de rosas,
Ha muitas sombras nublosas,
Para empanar-lhe o setim!
Nem sempre o lago é tranquillo,
Nem sempre a flôr tem perfume,
Nem sempre os astros têm lume,
Nem sempre o gozo é sem fim.

FADO PRIMAVERA



« A brisa dizia á rosa :
« Dá formosa,
« Dá-me, linda, o teu amor.
« Deixa-me dormir no teu seio
« Sem receio,
« Sem receio, minha flôr. »

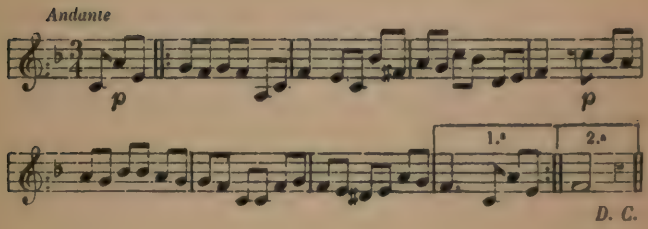
« De tarde virei da selva,
« Sobre a relva,
« Os meus suspiros te dar;
« E, de noite, na corrente,
« Mansamente,
« Mansamente te embalar! »—

« E a rosa dizia á brisa:
—« Não precisa
« Meu seio dos beijos teus;
« Não te adoro... és inconstante...
« Outro amante,
« Outro amante aos sonhos meus! »

« Tu passas de noite e dia,
« Sem poesia,
« A repetir-me os teus ais;
« Não te adoro... quero o Norte,
« Que é mais forte,
« Que é mais forte e eu amo mais! »—

No outro dia, a pobre rosa,
Tão vaidosa,
No hastil se debruçou...
Pobre d'ella! — Teve a morte,
Porque o Norte...
Porque o Norte a desfolhou!

SEMPRE TE AMANDO



Sempre te amando, desprezando a outras
passando os dias a pensar em ti,
sempre chamando por teu doce nome,
desde o momento em que te conheci.

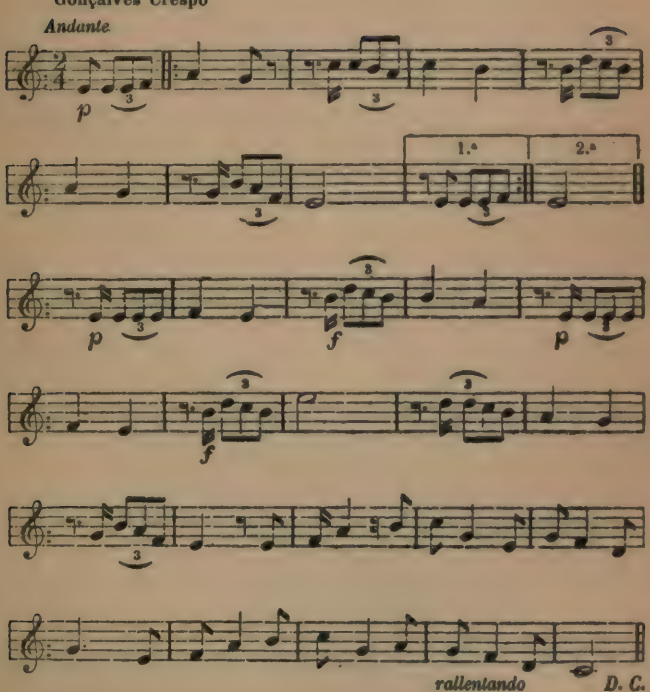
A' bella rosa a borboleta abriga,
nunca despreza tão sincero amor:
tu és a rosa que me dás allivio,
eu sou o orvalho que alimenta a flôr.

Quizera a fronte repousar no collo,
gozar delicias que jamais senti :
amarga vida vou passando agora,
desde o momento em que te conheci.

Quando meu corpo descançar na louza,
mulher formosa, tu irás alli,
pois mesmo ao peso da funerea campa,
ai, não, não posso me esquecer de ti.

MUCAMA

Gonçalves Crespo



Mostraram-me um dia na roça dançando
Mestiça formosa de olhar azougado,
Co'um lenço de côres nos seios cruzado,
Nos lobos da orelha pingentes de prata.
Que viva a mulata!
Por ella o feitor
Diziam que andava perdido de amor. *bis.*

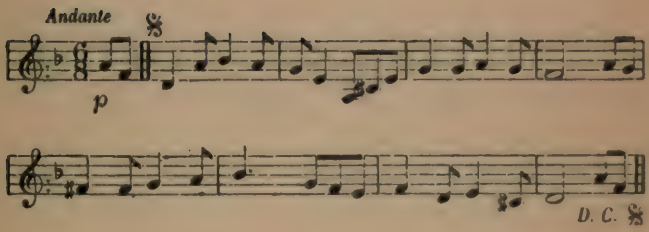
De em torno dez leguas da vasta fazenda
Ao vêl-a corriam gentis amadores,
E aos ditos galantes de finos amores,
Abrindo seus labios de viva escarlata,
Sorria a mulata,
Por quem o feitor
Nutria chimeras e sonhos de amor. *bis.*

Um pobre mascate, que em noites de lua
Cantava modinhas, lundús maguados,
Amando a faceira dos olhos rasgados,
Ousou confessar-lh'o com voz timorata...
Amaste-o, mulata.
E o triste feitor
Chorava na sombra perdido de amor. *bis.*

Um dia encontraram na escura senzala,
O catre da bella mucama vasio.
Embalde recortam pirogas o rio;
Embalde procuram no escuro da matta.
Fugira a mulata,
Por quem o feitor
Se foi definhando perdido de amor. *bis.*

AI! MEU BEM, SE EU NÃO TE AMO

* * *



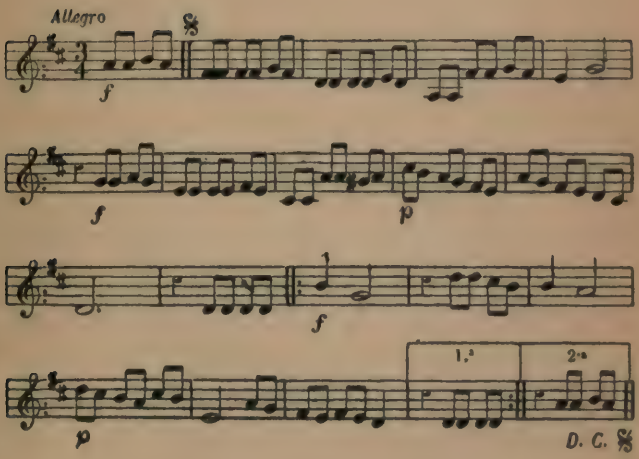
Ah! meu bem, se eu não te amo,
Deus lá do ceu não me escute,
E nem o sol me allumie,
Nem a terra me sepulte.

Ah! meu bem, se te não amo
Seja um ente sem ventura;
As ondas do mar sanhudo
Sejam minha sepultura.

Se não crês no que te digo
Tens aqui meu juramento,
Acharás teu nome escripto
No meu terno pensamento.

Pois mesmo depois de morto,
Debaixo do frio chão,
Acharás teu nome escripto
No meu terno coração.

CANÇÃO DO BOIADEIRO



Ai que triste vida passa o boiadeiro,
Sempre o dia inteiro em tamanha lida!
Cercando a boiada, bezerros e bois,
Apanhando um e lhe fugindo dois

ESTRIBILHO

Oh! que triste vida,
Ai que sorte amarga;
Eu trabalho mais
Que um burro de carga.

Lá desponta a aurora, vem amanhecendo,
Eu saio correndo pelo monte a fóra,
Com o nariz pingando, sem estar constipado,
A cercar o gado que ahi vem pastando;
No orvalho frio vou-me, tiritando.

Metto os pés no charco, todo me arrepio,
Tenho o corpo gélido já de tanto frio.

Com esta geada, n'esta fria mão
Que eu tenho o aguilhão para dar ferroada,
Eu subo barrancos e desço chapada,
Nem um boi responde, faço uma chamada.

Vem cá Marisco, vem cá Namorado,
Oh vem cá Rozilho, chega boi Pintado.

Oh vem cá Pintado, oh vem cá Rozilho,
Ai se eu te pilho, estás bem arranjado;
Vem cá Diamante, saiam d'essa matta,
Já rompi o fato, má raios o parta.

Lá no matadouro, terei a vingança,
Abrindo-te o couro, furando-te a pança.

Lá vem o patrão, de cara amarrada,
— Ah seu mandrião, que é da boiada?
Você é o diabo, você não é homem,
És um relaxado, não vale o que come.

Corri toda a costa, corri todo o pasto,
Só pude encontrar da boiada o rasto.

Respondeu zangado, ponha-se já fóra;
Nem mais uma hora, para meu empregado!
Pegue o ordenado, você é um tratante,
Um cara de verme, vae-te para os infernos.

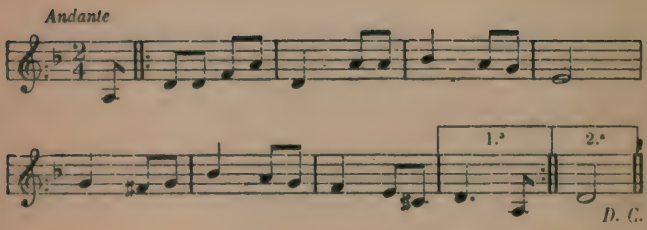
Se agora não presto n'esta occasião,
Mas se duvidar, dou-lhe um bofetão.

No meio da viagem quasi fico louco,
Para matolutagem o dinheiro é pouco;
Dois cobres e meio ainda estão aqui,
Ainda não gastei no bom paraty,
Vou vêr um patrão para gastar então.

Qualquer um me serve, eu cá não escolho,
Pois quem me quizer, é só piscar um olho.
Todos estão piscando, todos estão querendo,
Todos estão fazendo, que estão me namorando,
E eu sem parar servirei com gosto
E como autor estou a seu dispôr.

Queira já dispôr d'este pobre artista,
Ou do boiadeiro, até outra vista.

A NOSSA AMISADE



A nossa amisade,
ai! já se acabou!
Assim foi a rosa
que se desfolhou.

Eu fui n'um jardim
colher uma flôr,
sómente p'ra dar-te,
qual terno penhor.

A nossa amisade,
meu bem, se acabou.
Assim foi a rosa
que, cedo, murchou.

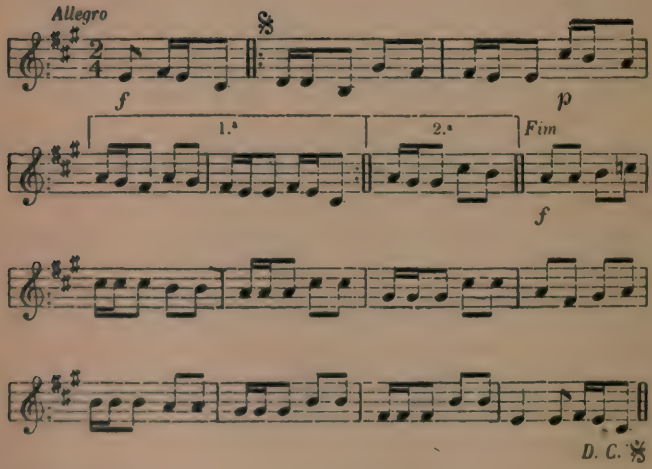
Da flôr que me déste
de tantos carinhos,
ficaram-me apenas
agudos espinhos.

A nossa amisade
bem cedo acabou,
foi como a rosinha
que se desfôlhou.

ESTRIBILHO

Perdôa, donzella,
que Deus perdoou
quando Magdalena
a seus pés chorou.

VEM CÁ, MEU ANJO



ELLE

Vem cá, meu anjo,
creoula ingrata,
que o teu requebro
me prende e mata!

ELLA

Não vou, não vou,
deixe dançar,
e não me amolle
com seu fallar.

ELLE

Não dance, ó bella,
que esse *quebrado*
faz qualquer homem
por ti babado.

ELLA

Não páro agora,
commigo mangas;
vae lá para fóra
chorar pitangas.

ELLE

Tu és a rosa
fresca, orvalhada,
tu és a estrella
da madrugada!

ELLA

Tu não me *engrossas*
com tuas petas...
No céo não luzem
estrellas pretas...

*

ELLE

E's mais ainda
do que uma estrella:
és uma santa
formosa e bella!

ELLA

De santo preto,
sem ser bonito,
conheço apenas
São Benedicto.

ELLE

Pois olha, escuta:
quero fallar-te,
tenho uma cousa
para offertar-te

ELLA

Franquezas d'essas
me causam medo!
P'ra dar-se um mimo
tanto segredo!!

ELLE

Antes não visse,
meu Deus, tal fado!
Ai, triste vida
do apaixonado!...

ELLA

Pois se console,
meu caro amigo!
Quer por ventura,
casar commigo?

ELLE

Ai, não, creoula,
não sou tão louco...
Só se tu fosses
mais alva um pouco.

ELLA

Tambem declaro,
já que é tão franco,
que eu não desejo
casar com branco.

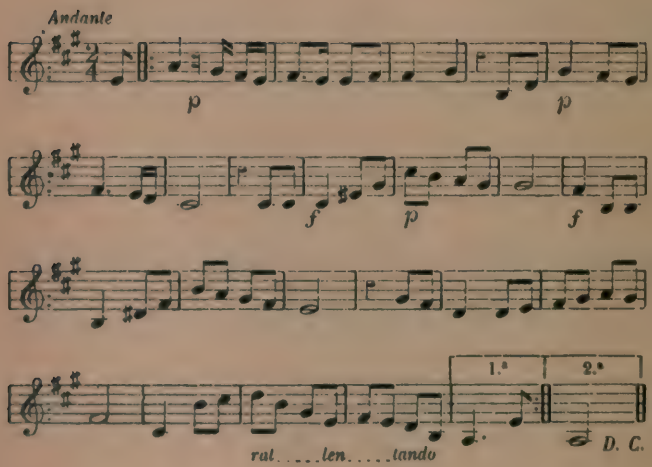
ELLE

Pois n'estes casos,
creoula amiga,
póde ir sahindo
já de barriga.

ELLA

Ora, meu branco,
deixe eu dançar,
que eu não sou bella
para *engrossar*.

PERDÃO, SENHOR, MEU DEUS



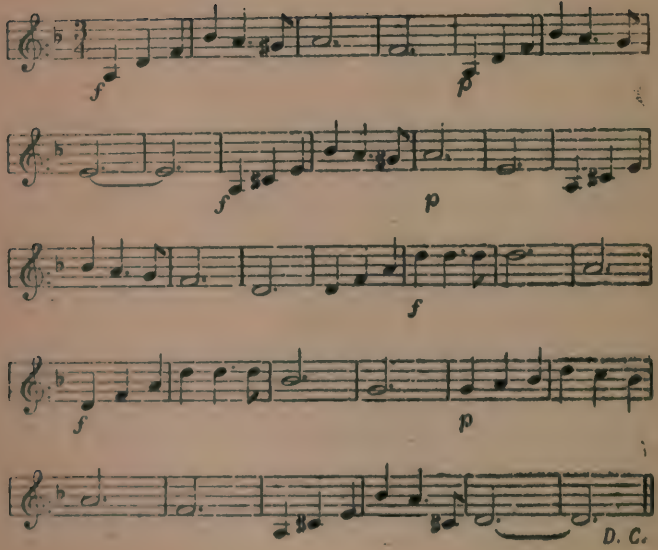
Perdão, Senhor, meu Deus, minh'alma sente,
e não póde deixar de não sentir!
Se eu disser que eu não sinto, eu sinto sempre
é melhor confessar do que mentir.

Eu sinto e sinto tanto, que não posso
minha dor, meu soffrer aniquillar!
Já não póde a razão salvar-me agora...
Quer o fado que eu ame, eu hei-de amar.

É meu fado adoral-a! Amor cegou-me,
e o cégo é sempre cégo em face á luz!
O amor nos vem de Deus, e Deus protege
quem carrega, a soffrer, tão santa cruz!

Eu vejo na mulher pura, innocente,
o que ha de mais bello a conceber!
Se o amor da mulher não vence o homem,
não existe na terra outro poder.

MINHA ESPERANÇA



A tua imagem, Hercilia,
quando eu padeço no leito,
na febre atroz da vigilia,
vem consolar o meu peito!
Vem relembrar essa idade
em que passei a teu lado!...
E então mais vibra a saudade
do inolvidavel passado!

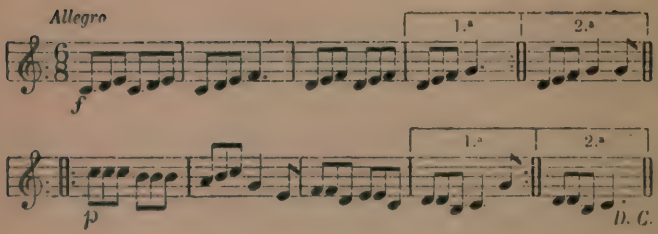
De nosso amor nada resta
mais que uma triste lembrança!
A mão da morte, funesta,
roubou-me toda a esperança!
De teus carinhos privado,
sem ter um riso, um conforto,
padeço agora isolado...
Sou qual espectro de um morto!

Por isso, na atroz vigilia,
no eculeo de acerba dôr,
a tua imagem, Hercilia,
recorda o tempo do amor!
Ai! dessa passada gloria,
que na saudade transluz,
só resta a pedra marmorea
e o vulto negro da cruz!

ESTRIBILHO

Esta dôr, que nada acalma,
que a tristeza assim me inspira,
gera os threnos de minh'alma,
nos soluços desta lyra!

O CORCUNDA



Um dia que o corcunda
sahiu a passear,
as moças na janella
puzeram-se a mangar.

Um dia que o corcunda
botou sua luneta,
as moças pelas ruas
faziam-lhe careta.

Ha tempos que o corcunda
sahindo de collete,
as moças da janella
soltavam-lhe foguete.

O pobre do corcunda
não póde usar bonnet,
que as moças logo o chamam
de velho jacaré.

N'areia faço a cova
e n'ella após me deito,
mas nem por mil diabos
esta corcunda ageito.

Eu volto então p'ra casa,
corrido, envergonhado,
pois logo as moças gritam:
sahe fóra, cão damnado.

Se o pobre do corcunda
penteia o seu cabello,
as moças mais bonitas
lhe chamam de camello.

Ha dias o corcunda,
sahindo encartolado,
levou medonha vaia
na rua, apedrejado.

Por causa de uma moça,
levei terrivel tunda,
mas nem assim livrei-me
do raio da corcunda.

Seu peso me assassina,
me abate e me aniquila;
vou vêr se algum soldado
me compra esta moxilla.

Se vou n'algum pagode,
mil moças logo eu acho,
que a rir d'esta corcunda
me fazem seu capacho.

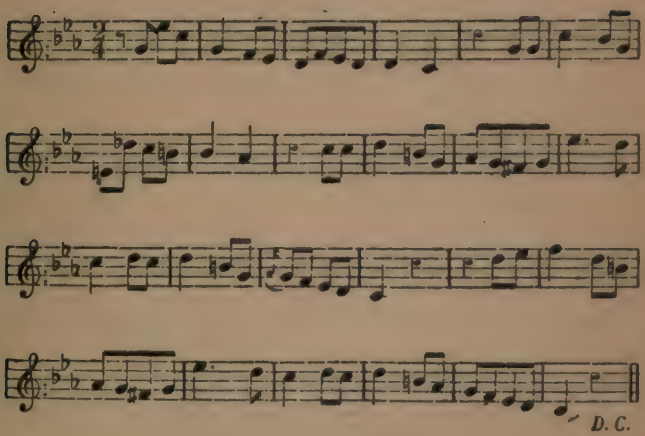
Ha dias, a morena,
por quem meu peito bate,
só por pedir-lhe um beijo,
chamou-me de mascate.

Até na propria cama
não posso a gosto estar;
a burra da corcunda
não deixa-me virar.

ESTRIBILHO

Bem sei, sou corcunda,
mas tenho dinheiro;
por falta de moças,
não morro solteiro.

SE NÃO ME AMAS, OH! MULHER



Se não me amas, ó mulher, porque me prendes?!
O teu amor, o teu affecto é meu viver!
Não escarneças, ó mulher, de quem te adora!...
Ai!... não sorrias, ó mulher, do meu soffrer!

Tu és a causa voluntaria de meus prantos!
Tu és a causa voluntaria desta dôr!
Hoje, zombando, tu repelles meus extremos,
e vaes pagando com ludibrios este amor!

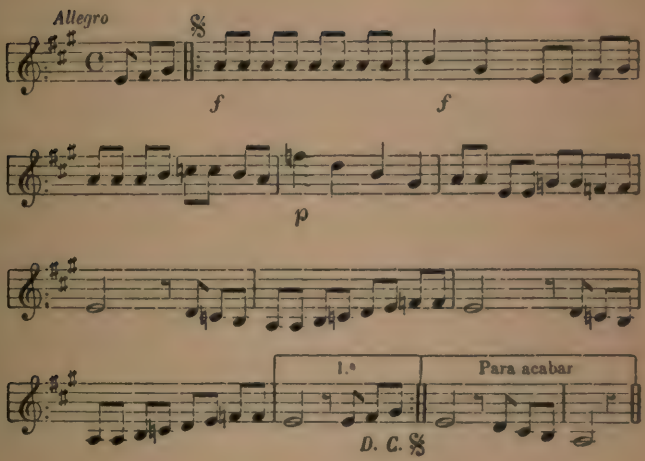
Ai... tu murchaste para sempre as minhas crenças!
Eu já não posso mais gosar o que gosei!
Sei que sou pobre; e, olha, a um pobre não se ama!...
E fui um louco, oh sim mulher, porque te amei!

Eu fecharei meu coração a teus rigores!
A' indifferença e ao desprezo eu vou te dar!
Mas, juro!... A ti, que espesinhaste os meus affectos,
a ti, cruel, não amo, oh! não, nem hei de amar!

O TESTAMENTO

(LUNDÚ)

J. J. Alves J. J. Alves



Nada de graças, nada de diterios,
Que eu vou tratar de negocios muito serios:

As mocinhas do tom, quando eu morrer,
Passarão cinco dias sem comer.

Pois uma morte que causa tanta magua
Requer um jejum de pão e agua.

Não quero meu corpo puxado por cavallos,
E nem se ouçam dos sinos os badalos.

Cincoenta velhas bem feias e carecas
Atrás irão a tocar suas rabecas.

Muitas outras, formadas em piquetes,
Irão tambem atacando alguns foquetes.

Trinta moças, bonitas e gorduchas,
Irão dansando bellas valsas e cachuchas.

Outras tantas, vestidas de touquim,
Tocarão de outro lado seu flautim.

Quatro donzellas que façam bem crochet,
Irão cantando o meu *Libera-mé.*

Um velho calvo, que seja bem pansudo,
Irá na frente soprando em um canudo.

O meu caixão irá escancarado,
Para ser visto pelo sexo amado.

Levarei lindas palmas e capellas,
Offerecidas por velhas e donzellas.

Irei de botas — em fralda de camisa,
Pois um defuncto de luxo não precisa.

Quando á porta eu chegar do cemiterio,
Tudo se cale e fique muito serio.

Hão-de todos pegar no meu caixão
P'ra meu corpo lançar no frio chão.

Quarenta velhas, que sejam bem velhinhas,
Cantarão na minha cova as ladainhas.

E quando o padre me estiver encommendando,
As moças todas devem 'star sempre chorando.

Quando acabar e disser — Amen-Jesus,
Hão-de todas fazer — signal da cruz.

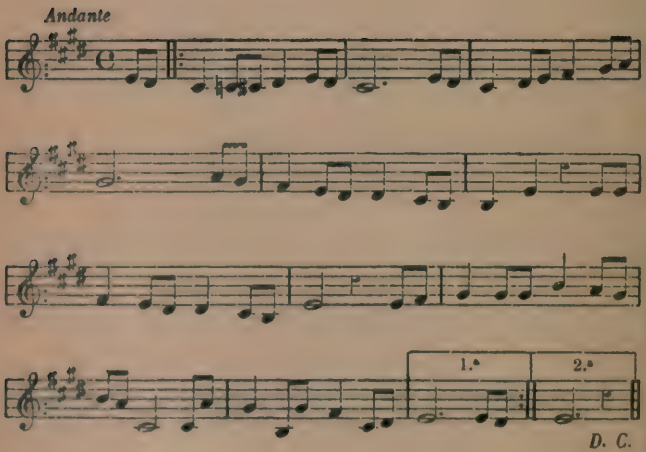
E quando se puzer a capa rôxa,
Cada moça pegará na sua tocha.

Em torno á cova dansarão a galopada
Até que a terra fique bem socada.

Pois eu não sei para que diabo serve
Que ao defuncto a terra seja leve.

NÃO ÉS TU

* * *



Não és tu quem eu amo, não és,
nem Thereza tambem, nem Cyprina,
nem Mercedes, a loura, nem mesmo
a travessa e gentil Valentina.

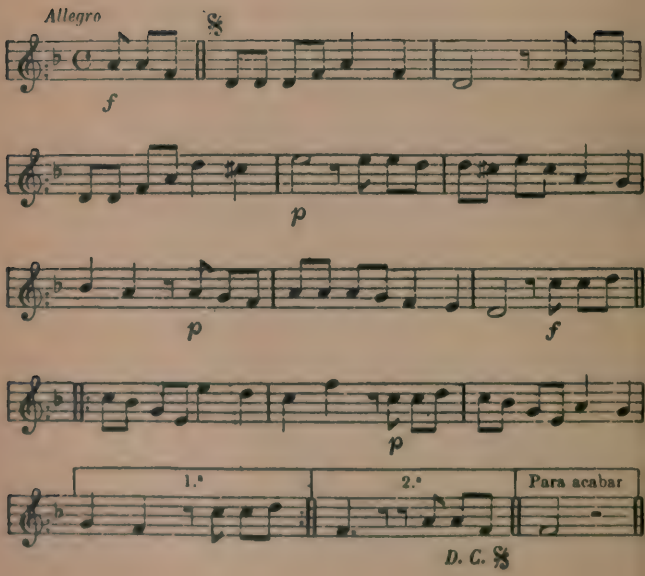
Quem eu amo, eu te digo, está longe:
lá nas terras do imperio chinez,
num palacio de louça vermelha,
sobre um throno de azul japonez!

Tem a cutis mais fina e brilhante
que as bandejas de cobre luzido!
Uns olhinhos de amendoas, voltados,
um nariz pequenino e torcido.

Tem uns pés!... oh, que pés!... Santo Deus!
Mais mimosos que uns pés de creança!
Uma trança de seda, e tão longa
que a barriga das pernas alcança!

Não és tu quem eu amo, nem Laura,
nem Mercedes, nem Lucia, já vês!
A mulher que minh'alma idolatra
é princeza do imperio chinez!

PERDÃO, EMILIA



Já tudo dorme, vem a noite em meio,
A turva lua vem surgindo além,
Tudo é silencio, só se vê na campa
Piar o mocho no cruel desdém.

Depois um vulto de roupagem preta,
No cemiterio com vagar entrou,
Junto ao sepulchro se curvando a medo,
Com tristes phrases nesta voz fallou:

— Perdão, Emilia, se roubei-te a vida,
Se fui impuro, fui cruel, ousado!
Perdão, Emilia, se manchei teus labios,
Perdão, Emilia, para um desgraçado.

— Monstro tyranno, p'ra que vens agora
Lembrar-me as magoas que por ti passei,
Lá nesse mundo em que vivi chorando,
Desde esse instante em que te vi e amei?!

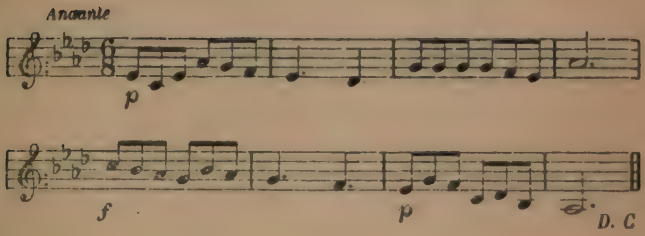
Chegou a hora de tomar vingança,
Mas tu, ingrato, não terás perdão!
Deus não perdôa as tuas culpas todas...
Castigo justo tu terás então.

Perdi as flôres da capella virgem,
Cedi ao crime, que perdão não tinha;
Mas tu manchaste a minha vida honesta,
Depois zombaste da fraqueza minha!

Ai, quantas vezes, a meus pés curvado,
Davas-me provas de teu puro amor!
Quando eu julgava que tu fosses anjo,
Não via fundo nesse olhar traidor.

Mas eis que um corpo, resvalando á terra,
Tombou de chofre sobre a pedra fria,
E quando a aurora despontou, na lousa
Um corpo inerte a dormitar se via.

GOSTO DE TI PORQUE GOSTO



Gosto de ti porque gosto,
Porque meu gosto é gostar,
Mas tu de mim não te lembras...
Porque me fazes penar?

Ausente, de ti distante,
Não posso a vida soffrer:
Sentindo tantas saudades,
Como é possivel viver?

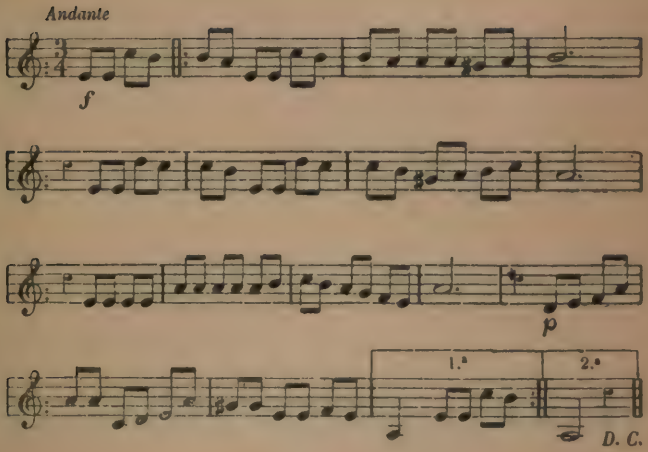
Gosto de ti porque te amo,
Porque meu gosto é te amar,
Mas não te lembras, ingrata,
Que eu vivo longe a penar!

As noites passo velando,
Os dias passo a gemer!
Sentindo tantas saudades,
Como é possivel viver?

Que tu me estimas devéras
Meu coração não mais crê...
Gosto de ti, porque gosto,
Sem mesmo saber porque.

ACORDA, ADALGISA

* * *



Acorda, Adalgisa,
Pois que a noite é bella,
Vem ver o luar...
Vem ouvir os cantos
Tão cheios d'encantos
Que vêm lá do mar!

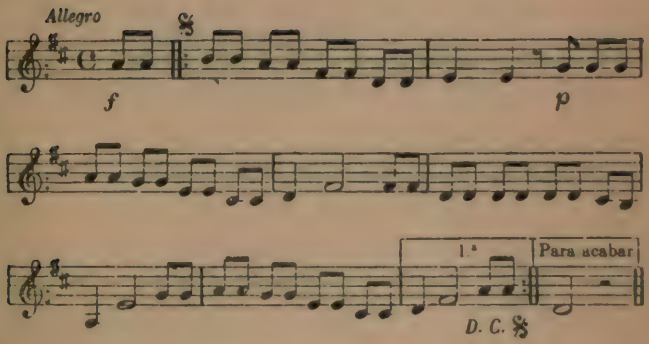
São os pescadores
Que, cantando amores,
Se vão barra fóra,
Remando a falúa
Ao brilhar da lua
Na propicia hora.

Acorda, Adalgisa,
Pois que a noite é bella,
Tem dó de mim...
Que no dormir te esquece
Quem por ti padece
Tormento sem fim!
A voz que te chama
E' de quem te ama,
E' dum trovador
Que geme e suspira
Nas cordas da lyra
Pedindo-te amor!

Acorda, Adalgisa,
Pois que a noite é bella...
Sob um céo de anil,
Passa a brisa mansa,
Qual gentil creança,
Só pensando em ti.
Vem ouvir os cantos
Que são os prantos
Deste teu cantor,
Que vive sósinho,
Que vive pensando
Em teu doce amor!

O SAPO NA LAGOA

(LUNDÚ)



Eu vivo triste como sapo na lagôa,
Cantando triste, escondido pelas mattas
Para ver se endireito a minha vida
Vou deixar das malditas serenatas.

Ha sete mezes que não pago o aluguel.
Mas a chave, sempre vive em minha mão,
O senhorio quer dinheiro e eu não tenho,
Desta vez vou parar na detenção.

O meu nome na « Gazeta de Noticias »
Ainda hoje eu vi bem declarado:
Hontem á noite foi preso um vagabundo,
Por estar na esquina recostado.

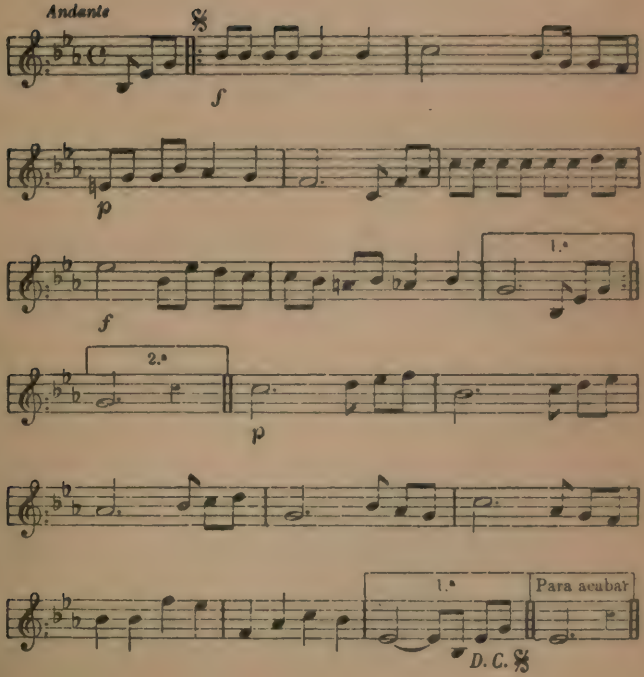
Eu só tenho um terno no bahú,
Este mesmo está cheio de bolô,
Até os pratos que eu tinha na despensa,
Tudo isto o senhorio carregou.

A' meia-noite, quando eu pego no violão,
E as cordas ponho bem afinadas
Uma garrafa de cachaça vem no bolço,
Para beber com os policias camaradas.

A visinha sempre vive me espiando,
Se eu entro pela frente ou pelo fundo.
Uns me chamam de grande malcriado,
Outros dizem: é um grande vagabundo.

ROSA DO SERTÃO

* * *



Como eu te adoro seductora virgem,
nesta vertigem que me faz soffrer,
com este affecto que me opprime em dôres,
castos amores que não pódes vêr.

ESTRIBILHO

Ai! Como és formosa,
ó linda rosa
lá do sertão!
Ai, quem me déra
na primavera
dar-te os orvalhos
do coração.

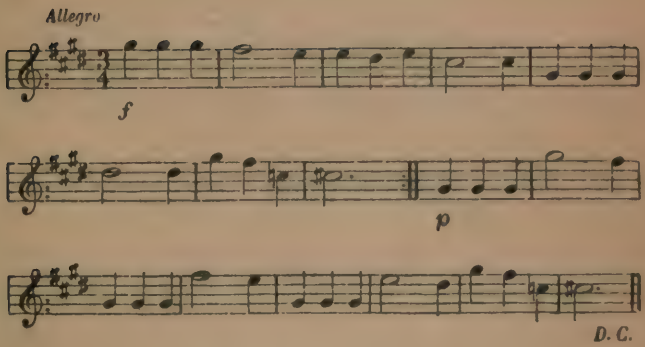
Se o triste peito tu sondar pudesses,
nelle viesses vêr a minha dôr,
logo verias porque assim te adoro,
porque eu te choro, melindrosa flôr.

Mas tu me foges como um vão suspiro,
que este retiro faz por ti soltar!
Assim não posso te dizer que vivo
sempre captivo do teu meigo olhar!

Mas se algum dia no final delirio,
este martyrio rematar aqui,
lembra-te sempre que vivi pensando,
morri te amando, meditando em ti!

DEIXEI CABANAS

* * *



Deixei cabanas,
Deixei meu gado,
Para vêr Analia
Qu'é meu cuidado.

Analia bella,
Eu te votei,
A fé mais pura
Que te jurei.

Analia, escuta
Os meus gemidos,
Sahem do peito,
Não são fingidos.

Ah! vem, Analia,
Entra em meu peito,
Vem ver o estrago
Que me tens feito.

Analia foge
Não sei p'ra onde;
Chamo por ella,
Não me responde.

Eis a fortuna
Qu'eu tenho achado,
Amar constante
Sem ser amado.

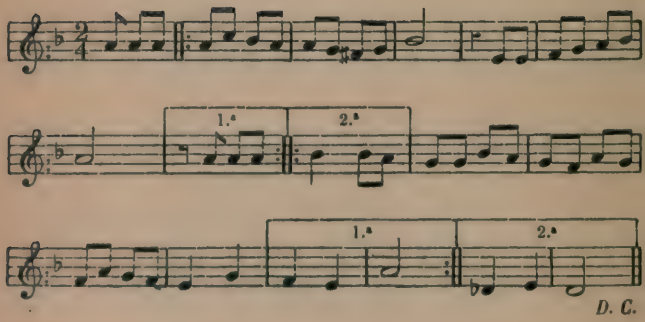
Amar constante,
Sem ser amado,
Por outro amante
Ser desprezado.

Agora creio
Dever morrer,
Para essa ingrata
Nunca mais vêr.

Analia bella,
Que eu tanto amei,
Quanto te adoro
Nem mesmo eu sei!

Ah! Deus do céo
Dá-me soccorro,
P'ra vêr Analia,
Senão eu morro.

A CASINHA PEQUENINA



Não te lembras da casinha,
Pequenina,
Onde o nosso amor nasceu!
Tinha um coqueiro do lado,
Que coitado,
De saudade já morreu.

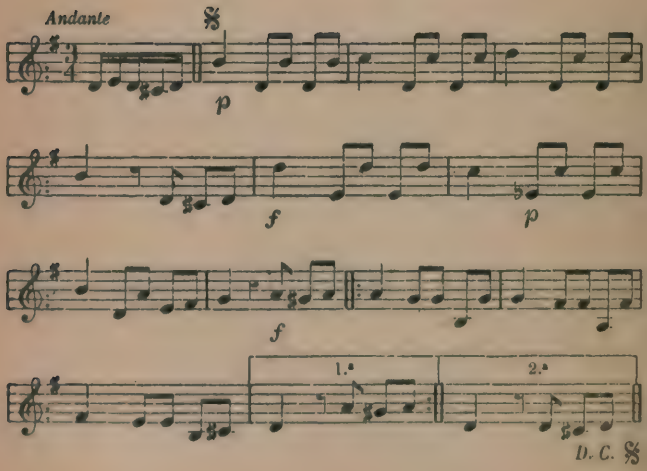
Não te lembras oh! morena
Da pequena
Casinha onde te vi,
Daquella enorme mangueira,
Altaneira,
Onde cantava o bem-te-vi!

Não te lembras do cantar,
Do trinar
Do mimoso rouxinol;
Que contente assim cantava
Annunciava
O nascer do flammeo Sol.

Não te lembras das juras,
E perjuras,
Que fizestes com fervor;
D'aquelle beijo demorado
Prolongado
Que sellou o nosso amor!

QUERO FUGIR-TE

* * *



Quero fugir-te, mas não posso, ó virgem,
Pois sou captivo de um poder sublime;
Quero fugir-te, mas fatal vertigem
Me dobra o corpo como a brisa ao vime.

Do Eden de amor és meu vedado pomo,
Ninguem no mundo minha dôr compr'ende!
Quero fugir-te, quero sim; mas como?
Se um teu sorriso me seduz, me prende!

Para enganar-me, digo muitas vezes
Que és má, que és feia, que é loucura amar-te:
Então deliro e bebo até ás fézes
A taça amarga que o soffrer reparte.

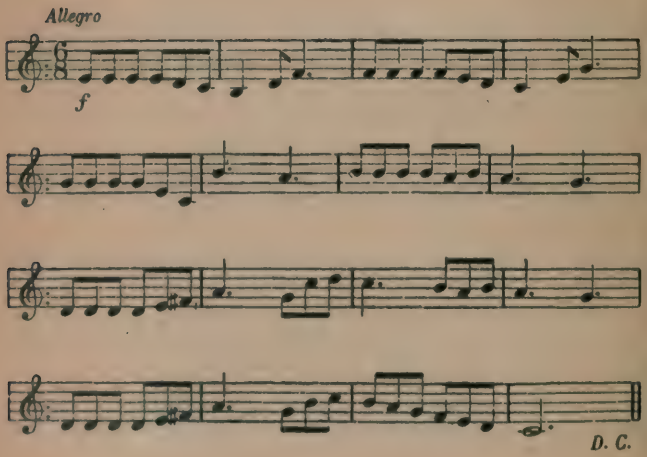
Quero fugir-te, na floresta vago,
Colho uma rosa, teu retrato é nella;
Contemplo o céo, e lá teu rosto mago
Inda admiro em cada nivea estrella.

Se mais te fujo, mais a ti me prendo!
Não ha ausencia que de ti me ausente;
Se os olhos gozam quando t'estou vendo,
Em te não vendo, gozo-te na mente.

Tu és o iman que me attrahe á vida;
Qual mariposa, em teu olhar me abrazo;
Quero fugir-te — que impotente lida!
Da minha sombra fugir posso acaso?

Fugir não posso; não se foge á sina,
Não foge o corpo quando é presa a idéa;
Sou teu escravo — sobre mim domina,
Eis os meus pulsos — lança-me a cadêa.

MEU CORAÇÃO ESTÁ VASIO



Meu coração está vasio,
Vou pôr-lhe escriptos agora;
Si m'o quizer alugar,
Dou preferencia á senhora,

Tem salas, quartos, saletas,
Gabinete e corredor;
O aluguel é barato,
Mas, exijo fiador.

Nelle já têm habitado
Moças todas bonitinhas,
Altas, baixas, gordas, magras,
Claras, louras e moreninhas,

De algumas levei calotes,
Por nellas me haver fiado:
Agora o ajuste é outro,
Um beijinho adiantado.

Tem um formoso jardim
Todo enfeitado de grades,
Com suspiros, não-me-deixes,
Amor-perfeito e saudades.

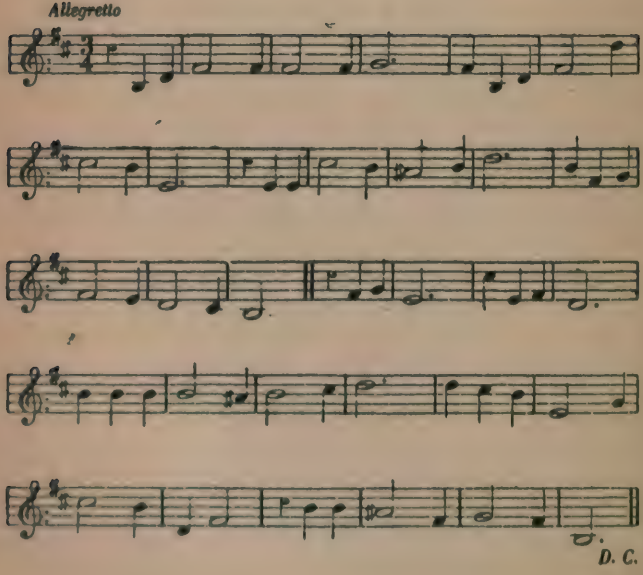
Em cada compartimento
Estão retratos diversos,
E no papel das paredes
Uma enfiada de versos.

Quem nelle morar agora
Não precisa de folhinha,
Que o nome alli ha de achar
De toda e qualquer santinha.

Entre, pois, minha senhora,
Tome posse da morada,
Que depois de estar lá dentro
Não se lembra de mais nada.

FOSTE FALSA HONTEM Á NOITE

F. P. Cirne — Musica de ***



Eu bem sabia que vivia
Neste mundo só por ti,
Era tua a minha vida,
Desde o dia em que te vi.

Foste falsa hontem á noite,
Meu rival eu conheci;
Que conversavas com elle
Não m'o negues, bem o vi!

Bem sabias que eu vivia
Dia e noite a suspirar,
Esperando aquella hora
De te vêr e te fallar.

Foste falsa hontem á noite, etc.

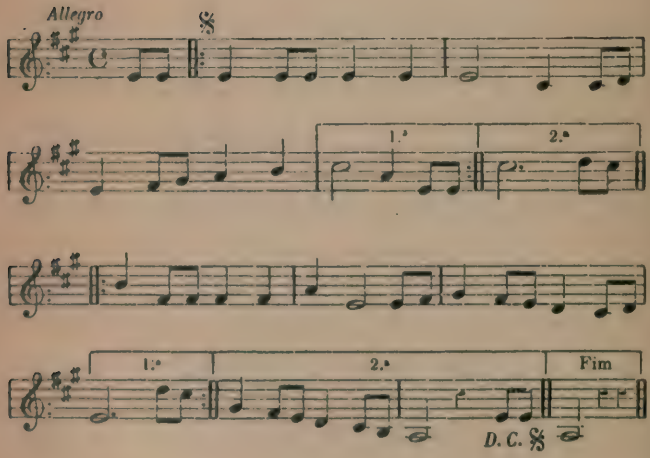
Eu bem sei que tu tens outro,
A quem votas mais amor,
Mas eu sempre vou bebendo
Negro calix de amargor.

Foste falsa hontem á noite, etc.

Estas correntes que arrasto
Pelas ruas da cidade,
Não têem tamanho peso
Como as tuas falsidades.

Foste falsa hontem á noite, etc.

SEU NASTAÇO CHEGOU DI VIAGE



Seu Nastaço chegô di viage,
Nós viemó sabê como istá;
E' di nós o que é mais curioso
Ha de tê qualquér côsa a contá.

Tem razão, meu amigo, iscute:
O rocêro qui vai na cedade
Si não morre da febre amarella,
Tem serteza trazé novidade.

Lá na casa qui eu fui hospedado
C'o cumpadre Rimão Lidogéro,
Seu Antonho, qui é moço sabido,
Mi levô no lugá do crotéro.

P'ra dizê qui é egreja não é:
Mas aquelle qui morri matado,
A poliça encafua lá dentro,
C'umo um porco vai sê retaiado.

Pois o causo qui eu vô lhes contá
Faz a gente ficá socombida,
Só intêro se enterra na cóva
Os qui morri di morte morrida.

Deu nas costas da praia do má
Um difunto cadavre já morto,
Affirmaro os mercos presente
Que o sojêto era fio do Porto.

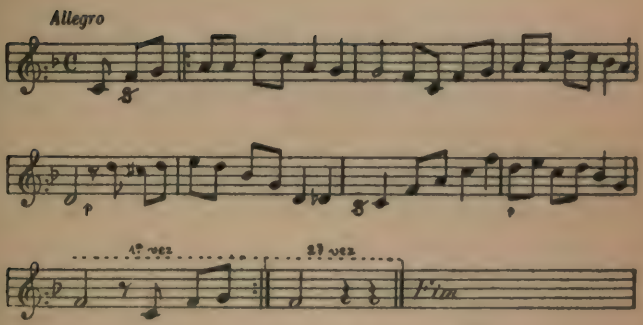
Veio o téba mandão dos formado
E foi logo cortano o freguez,
Fez a ostropia nas tripa do cujo
Descubriro c'o homme era ingrez.

Toma tento c'os sabio da côrte,
Sinhá avó tantas vez disse isso;
Os marçonos que estuda nos livros
E' que aprende c'o demo o fitiço.

Cruz canhoto! repetem em côro
Os matutos com a tal narração;
Toma figa, marvados rabudo,
Inemigo de Deus, tentação!...

Um a um se esgueirou assombrado
Indo aos outros narrar o que ouviu,
Desde então ao fatal Necroterio
Nunca mais um matuto affluiu.

QUIZERA AMAR-TE



Quizera amar-te mas não posso, ó anjo,
Porque gelado tenho o peito meu!
Não me crimines, que eu não sou culpado...
Amor no mundo para mim morreu.

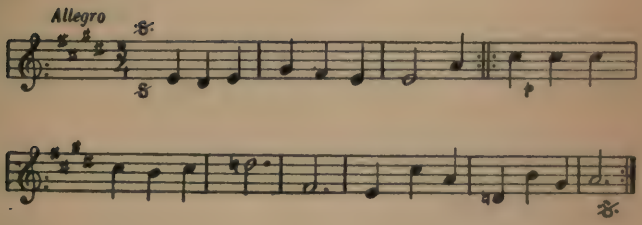
Quizera amar-te, mas não posso, ó anjo,
Que ainda conservo no meu peito a dôr,
Do vil desprezo de um amor ingrato
A quem sagrei o meu primeiro amor.

Guardo no fundo do meu peito as juras
Que tantas vezes eu outr'ora ouvi!
Meu peito ardia, mas gelou-se agora...
Eis porque, ó anjo, já não creio em ti!

Ai! tu não sabes como é triste amar-se
Ardendo em fogo de voraz paixão,
E, ao fim de tudo, desbotada a crença,
Sentir as garras de cruel traição!

Quizera amar-te, mas não posso... É tarde!
Cobre minh'alma da tristeza o véo!
Descri das juras desse amor da terra!
Só creio agora no amor do céo.

COMO O ORVALHO DA NOITE



Como o orvalho da noite
Busca o carinho da flôr,
Assim minh'alma em delirio
Suspira por teu amor.

Mas tu qual uma insensata
Com teus desprezos me mata.

Mas se eu pudesse encontrar
Nos teus labios um sorrir,
Seria minha ventura
E tambem o meu porvir.

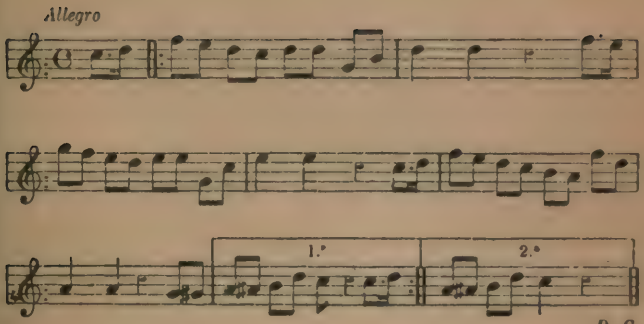
Mas com tanta crueldade
Nem sequer tens-me amisade.

Permitta os céos que algum dia
Mais feliz eu possa ser;
Se continuar nesta sorte
Antes prefiro morrer.

A morte é um sonho dourado
Para quem é desprezado.

MULATINHA DO CAROÇO

(LUNDÚ)



Mulatinha do caroço
No pescoço,
Aqui 'stá o teu cambão:
Mette o ferro d'aguilhada,
Minha amada,
No teu dengue cachorrão.

Eu gosto da côr morena,
Sempre amena,
Que me prende e me arrebata ;
Essa côr é da faceira,
Feiticeira,
Mulatinha que me mata.

Eu gosto dos olhos della,
Quando ella
Para mim os quer volver ;
Esses olhos melindrosos,
Tão formosos,
Dizem sim até morrer.

Não gosto da côr do lyrio,
Que delirio
Vi causar já de repente :
Nem tambem da côr soturna,
Ou nocturna,
Que o sepulchro traz patente.

Amo a côr que se colloca
Na pipoca,
Na parte que não rebenta ;
Essa côr, assim querida,
E' conhecida
Nos bollinhos de mãi Benta.

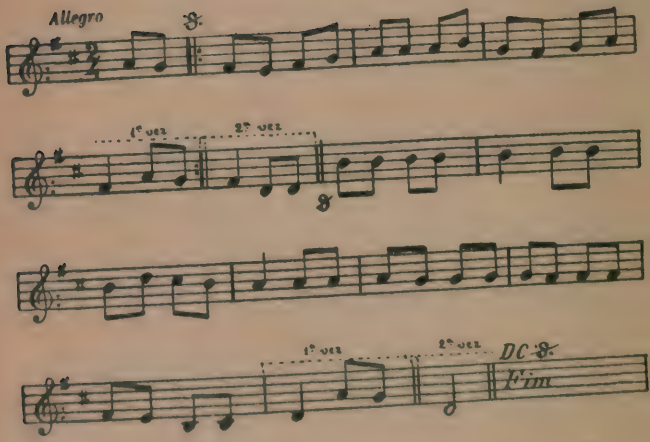
Oh ! que sim, por essa côr
Do meu amor,
Me derreto e m'espatifo ;
Tenho febre, tenho frios,
Calefrios,
Tenho gosma, tenho typho.

Fura, fura, minha bella,
Na costella
Do teu grato camafeu:
Dar-te-hei o que puder,
Se és mulher,
Meu amor de ti nasceu.

Dar-te-hei o que quizeres,
Se fizeres
Quanto trago em minha mente;
Nos teus braços, meus cuidados,
Oh! peccados!...
Vai-te embora, que vem gente!

ESTES MOCINHOS D'AGORA

(LUNDÚ)



Estes mocinhos d'agora
Já não sabem mais amar;
Fazem tudo quanto podem
Para as moças enganar. } bis

Bandoleiros, inconstantes,
Só querem pagodear;
Namoram a todas ellas
Para o seu tempo passar. } *bis*

Estes mocinhos d'agora
Só desejam 'specular;
Procuram só moças ricas
Para má vida lhes dar. } *bis*

Estes mocinhos d'agora
Sentimentos já não tem;
Fazem mil promessas falsas
Dizendo que querem bem. } *bis*

Estes mocinhos d'agora
Só nos querem enganar;
Façamos nós outro tanto,
Para taboa a todos dar. } *bis*

Estes mocinhos d'agora
O seu prazer é mentir;
Fingem tudo quanto podem
Para melhor conseguir. } *bis*

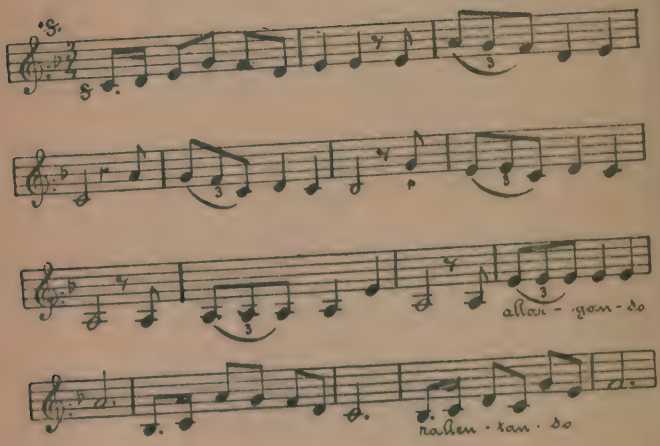
Estes mocinhos d'agora
A vergonha já perderam;
E da ronha e da maldade
Muito succo já beberam. } *bis*

Estes mocinhos d'agora
Não merecem compaixão;
Entes são mui abjectos,
Devem ir p'ra Correcção. } *bis*

O QUE É SYMPATHIA

* * *

Casimiro de Abreu **F. Gonzaga**



Sympathia é o sentimento
Que nasce n'um só momento,
Sincero, no coração; *bis*
São dois olhares accesos,
Bem juntos, unidos, presos,
Numa magica attracção. *bis*

Sympathia! São dois galhos
Banhados de bons orvalhos
Nas mangueiras do jardim; *bis*
Bem longe ás vezes nascidos,
Mas que se juntam crescidos
E que se abraçam por fim. *bis*

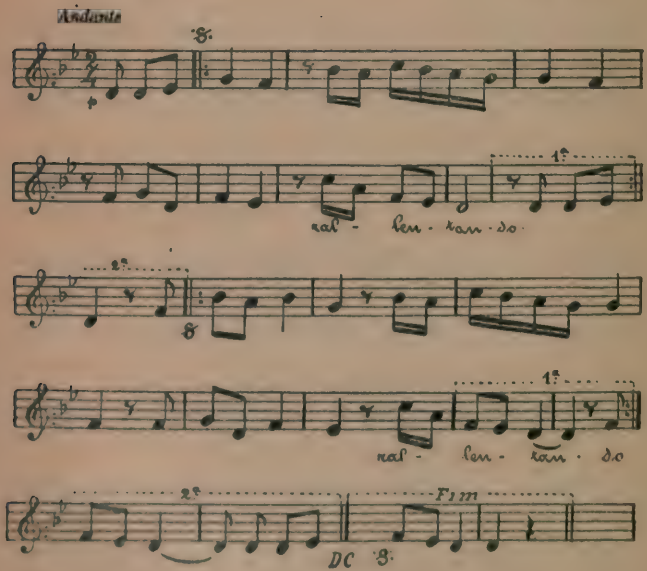
São duas almas bem gemeas
Que riem no mesmo riso,
Que choram nos mesmos ais; *bis*
São vozes de dois amantes,
Duas lyras semelhantes,
Ou dois poemas iguaes. *bis*

Sympathia — meu anjinho,
E' o canto do passarinho,
E' o doce aroma da flôr; *bis*
São nuvens d'um céu d'agosto,
E' o que m'inspira teu rosto...
Sympathia é quasi amor! *bis*

NAS HORAS LONGAS

* * *

Xavier de Novaes — Musica de ***



Nas horas longas de uma tarde amena
Minh'alma pena por fatal tributo ;
E tantas magoas que meu peito encerra,
Ninguem na terra me pranteia o luto.

Perdi a infancia e com ella a crença
Na luta immensa de um soffrer de horror;
E pouco a pouco vou perdendo a vida,
Triste, abatida, qual a murcha flôr.

E tantas glorias que eu sonhei, criança,
Tanta esperança que occultei n'est'alma;
Hoje, nem sonhos de illusão de amor,
Nem murcha flôr duma singela palma.

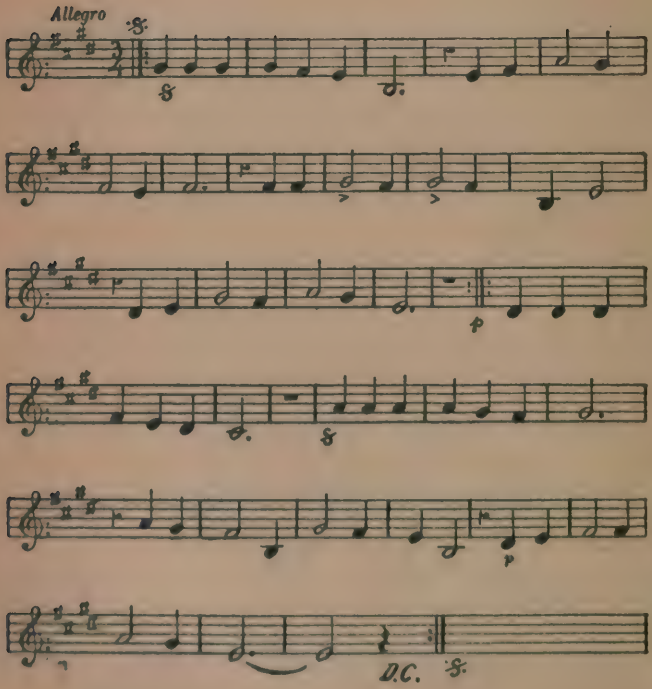
Oh ! Deus eterno, e eu vivo ainda,
Vergonha infinda para um pai trahido;
Vergonha, opprobrio de um viver impuro,
Negro futuro de um pensar perdido.

Para que vivo? Para ver-te um dia
Pallida e fria me estendendo a mão,
Curtindo dôres, que as entranhas corta,
De porta em porta mendigando o pão.

Nesse silencio que a noite encobre
Tranquillo dorme quem me faz penar.
E' esse o monstro, seductor, vaidoso,
Que vida e goso quiz de mim roubar.

Após a campa... após o esquecimento !
Nem um lamento sobre o leito eterno!
Nem um suspiro, nem uma oração !
O' maldição! ó maldição do inferno !

CASO DE AMOR TÃO FINGIDO



Caso de amor tão fingido
Eu já fiz, hoje não faço;
Eu por ti já dei a vida,
Hoje não dou nem um passo.

Se fazes gosto em deixar-me,
Ninguem te priva, ó cruel,
Mas ao menos saiba o mundo
Que te fui sempre fiel.

Um pensamento de morte,
Uma lembrança de amor,
Uma esperança perdida,
Eis o que faz minha dôr.

Vem ó Lilia, vem chorosa,
Em meus braços reclinar-te,
Vem ouvir ternos queixumes
Quero tudo relatar-te.

Vês cruel, quanto padeço,
Vê tambem qual é meu fado,
Vê que na vida de amores
Quem ama quer ser amado.

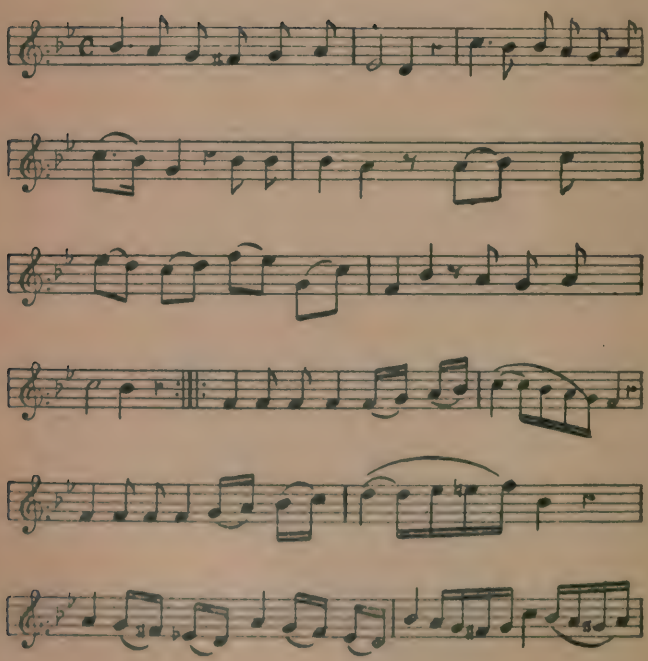
ESTRIBILHO

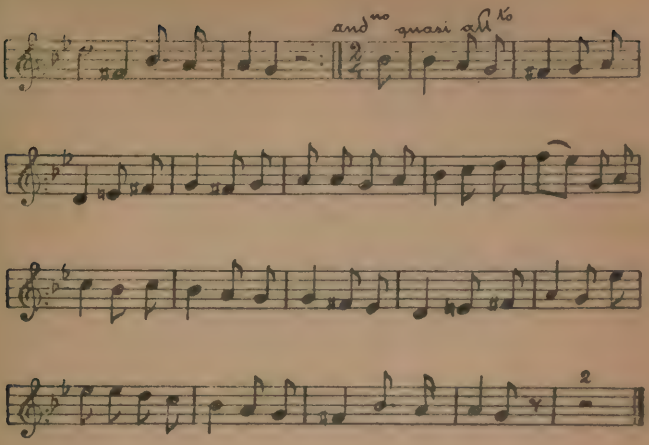
Basta, ó cruel, já não posso
Soffrer da sorte o rigor;
Não vês que por ti padeço
Lembranças do nosso amor?

TRISTES SAUDADES

❋ ❋ ❋

Damião Barboza





Da saudade lastimosa
Que persegue amantes peitos,
Eu soffro nesta alma afflicta
Os crueis, duros effeitos.

bis

ESTRIBILHO

Quem déra me ouvisse
Alguem de ternura,
Que meigo escutasse
A minha amargura.

bis

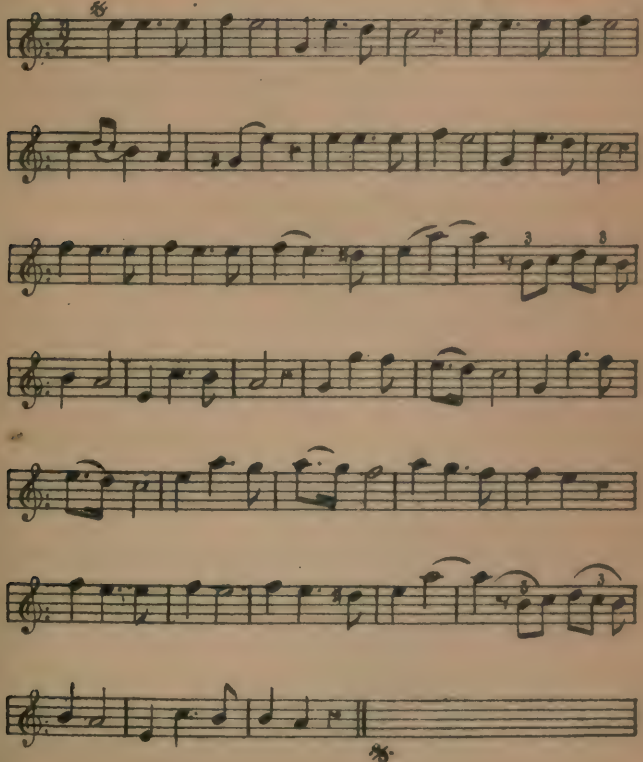
Tristes saudades padecem
Peitos a amor sujeitos,
Conheço por experiencia
Os crueis, duros effeitos.

bis

Ciumes, ais não conhecem
Peitos a rigor affeitos,
Pois só quem ama é quem sente
Os crueis, duros effeitos. } *bis*

EU SINTO ANGUSTIAS

Laurindo Rabello João Cunha



bis Eu sinto angustias
Me suffocar,
Não ha remedio
Senão chorar. *bis*

bis Eia, choremos,
Comece o canto,
Tambem cantando
Se verte o pranto.

bis O canto ás vezes
É brisa d'alma,
Que o mal consola
E a dôr acalma. *bis*

bis E cada lettra
Que o canto diz,
Um ai exprime
Do infeliz!

bis O canto é prece
Que vôa a Deus,
Se um triste canta
Os males seus... *bis*

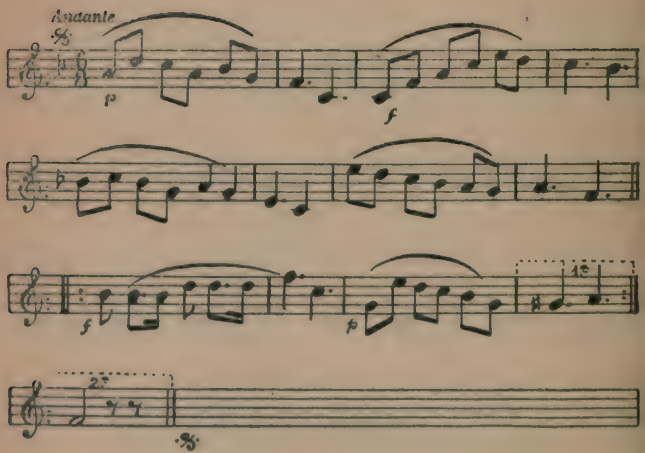
bis E livre o canto
No ar s'isola,
O céo penetra
E Deus consola.

bis Depois que a ingrata
Ferlu-me tanto,
Que de mim fôra
Sem este canto!... *bis*

bis Talvez que as chagas
Fossem mortaes,
Se as não curasse
com estes ais.

SONHEI COMTIGO, DONZELLA

* * *



Sonhe' comtigo, donzella,
já era de madrugada!
Vinha rompendo a alvorada
com seu dourado clarão!

Que aurora! que céo!... que nuvens!
Que doce contentamento
sentia nesse momento
meu alegre coração!

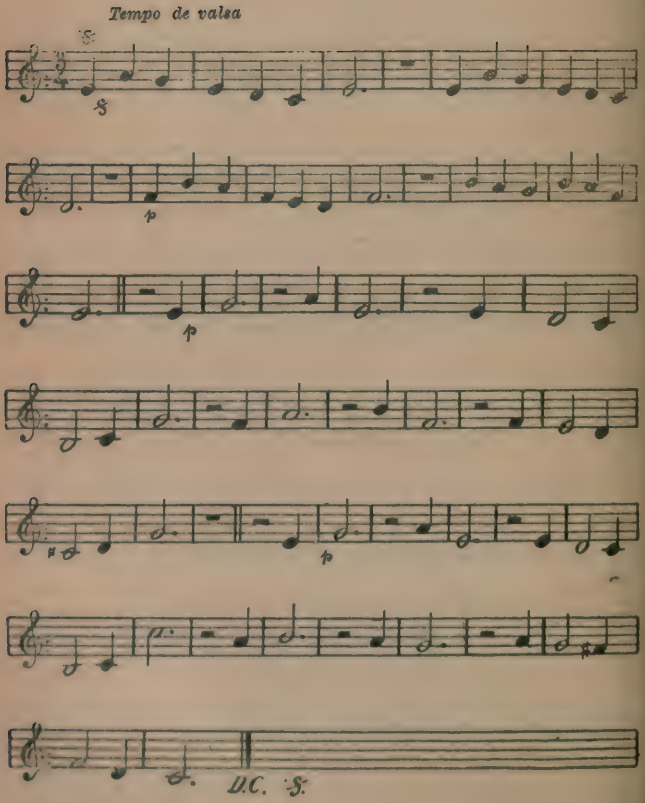
No bosque gemia a rola,
de manso soprava a brisa!...
Do lago na face lisa
candidas garças boiavam!
Tecendo c'roas de flôres,
os anjos cantavam hymnos!
Gratos effluvios divinos
o rosto teu circundavam!

Tu bem junto a mim sentada!
eu reclinado em teu seio,
de goso meu peito cheio,
minh'alma presa nos céos!
Os labios teus, côr de rosa,
vertiam gottas de essencia!...
Dos olhos na transparencia
eu via o rosto de Deus!

Fui cruel, bem sei, perdôa!
Não pude guardar segredo!
No silencio tive medo
de estalar o coração!
Perdoa, virgem donosa,
perdoa tanta loucura:
Perdoa a quem só procura
te render adoração!

*

REMAE, REMAE



Minha barquinha adorada,
que rumo queres levar?
Eu sei que estás anciosa,
já tens saudades do mar.

A brisa desata as tranças,
nas minhas velas desmaia!
A onda beija serena
o seio alvo da praia.

Vamos sulcando estas aguas,
da terra ingrata esquecer!
Eu quero contar ás vagas
o meu profundo soffrer!

Não tem negrumes a noite,
no mar não vejo perigo,
quando comtigo me vejo...
quando me vejo comtigo.

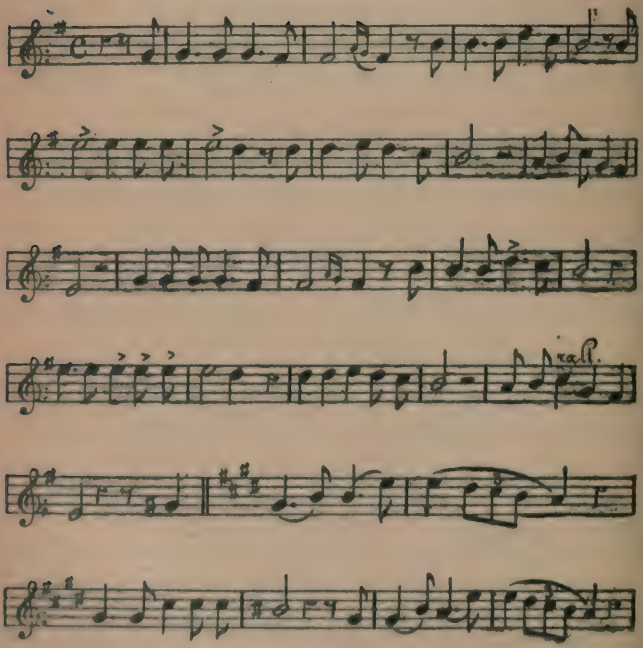
ESTRIBILHO

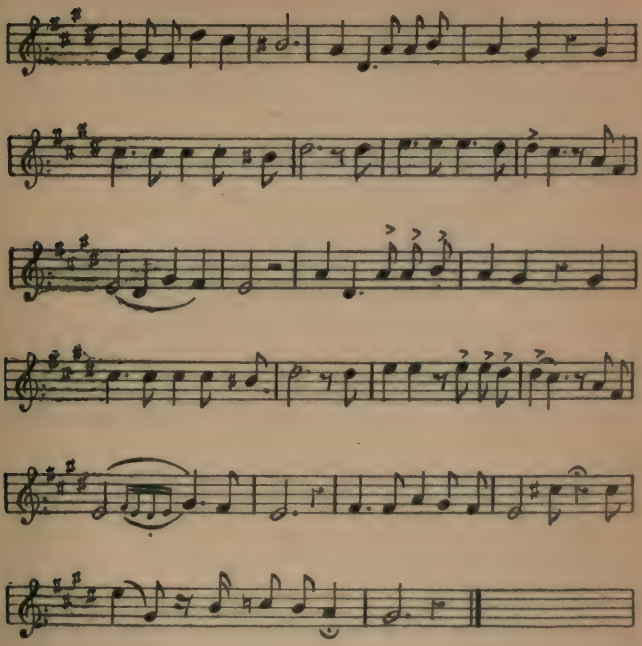
Remae, remae!
Remae, remae!

A ROSA MURCHA

* * *

A. C. de Andrada — José Amat





Murchaste, minha rosa,
Crestada pelo sol!
Ninguem teve-te amores,
Saudou-te o arrebol! *bis*

Eras a mais formosa,
Perdeste teu odor;
Pobre, não comprehenderam
Tuas fallas de amor. *bis*

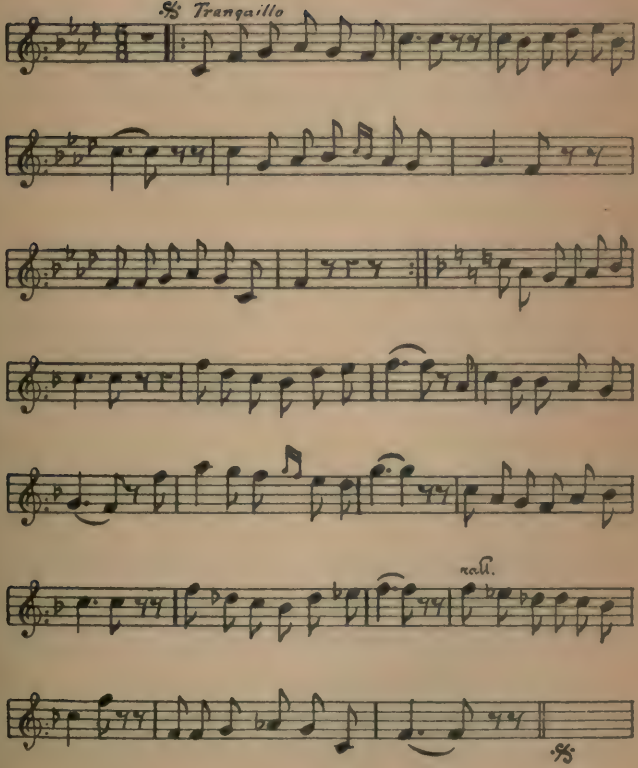
Não quiz a meiga brisa
Teus encantos beijar,
Não quiz a rubra aurora
Teus risos namorar.

Pobre de minha rosa,
Só eu na vida te amei!
Murchaste, ó pobresinha,
Eu comtigo murchei! *bis*

SERENATA

* * *

A. Cardoso de Menezes



Aos frouxos raios da lua,
Que se derramam no ar,
Vai deslisando a falúa
No liso espelho do mar.
Ao longe, por entre as fragoas,
Ao sopro da viração,
Murmuram brandas as agoas
Mysteriosa canção.

No azul do céo transparente,
Todo innundado de luz,
A face do Omnipotente
Em cada estrella transluz.
Tamanha serenidade,
No céo, na terra, no mar,
Terna, suave saudade
N'alma nos faz despertar.

Alegres reminiscencias
Dos tempos que já lá vão,
Fazem pulsar apressado,
Commovido o coração!
Tempos que lembram a infancia,
Da vida puro arrebol,
Limpidos dias banhados
Da luz brilhante do sol!

Lembram-nos ternos carinhos
Do anjo do nosso lar,
Os beijos estremecidos
Que só as mãis sabem dar!
Lagrima ardente deslisa
Dos nossos olhos, então...
Lagrima pura, abrolhada
Na fonte do coração.

E logo dentro em noss'alma
Dissipa-se o dissabor;
Reapparece-lhe a calma
No pranto consolador!
Suprema felicidade
Se espalha por nosso ser,
E ao pungir da saudade
Sente-se a fé renascer!

De nossos labios se exhalam
Murmurios do coração,
Linguagem que as almas fallam
Em fervorosa oração!...
Por isso, fitando a lua,
Que resplandece no ar,
Deixo vogar a falúa
No liso espelho do mar!...

QUEREM VÊR ESTA MENINA

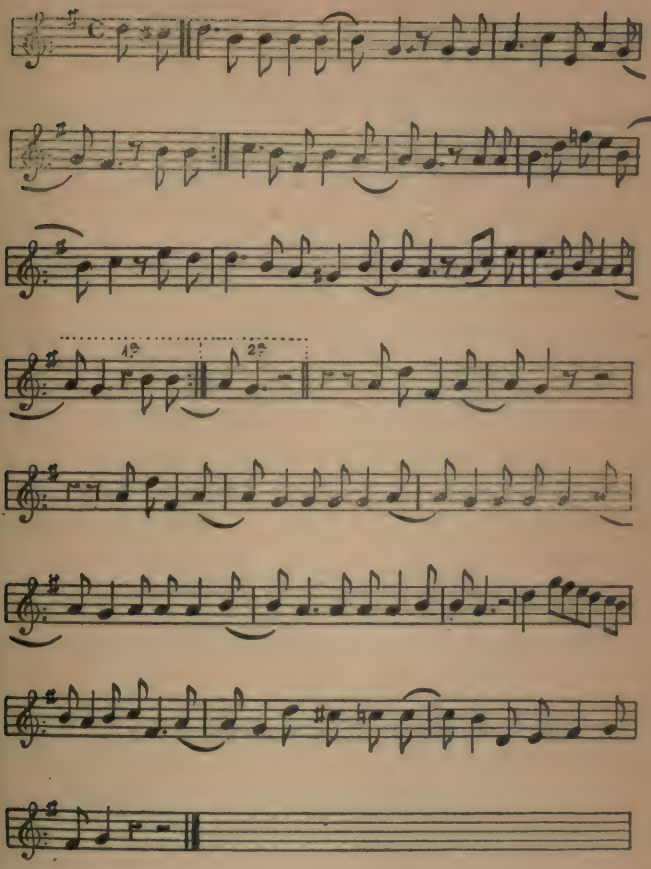
Querem vêr esta menina?
Dizem que com todos manga;
Comigo perdeo seu tempo,
Inda que chore pitanga. *bis*

Inda que chore pitanga
Comigo perdeo seu tempo.

Quer me abraçar,
Eu lá não vou;
Póde chamar,
Não vê qu'eu vou! } *3 vezes*
Não vê qu'eu vou! *2 vezes*

Cuida que hei de procurál-a.
Menina, já não sou panga,
Posso vêl-a padecer
Inda que chore pitanga.

Padre Telles



LUNDÚ DAS MOÇAS

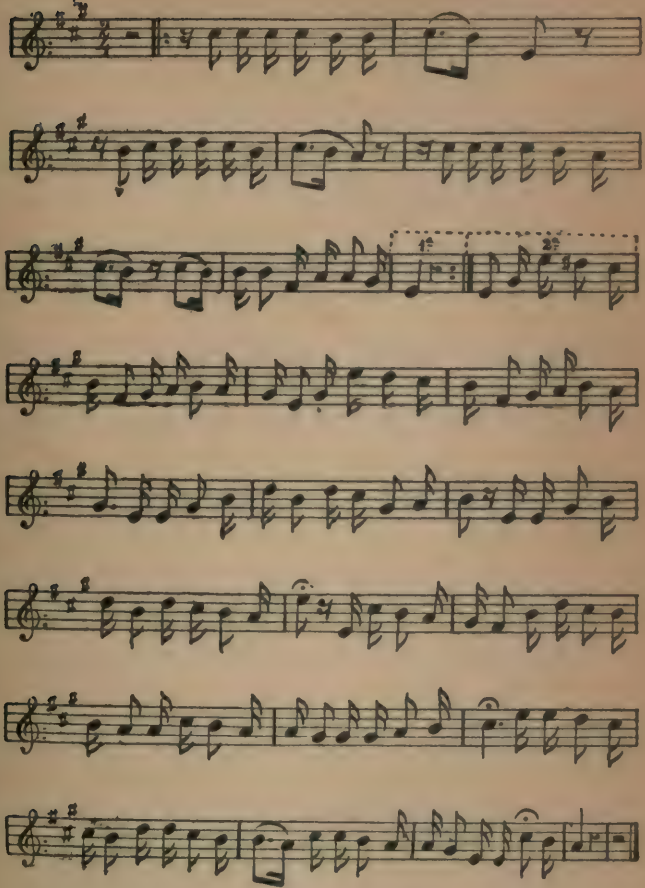
Santo Antonio, meu santinho,
Attendei minha oração,
Eu prometto ter-vos sempre
Juntinho ao meu coração.

bis
Livrai-me do laço
Oh! meu santo Antonio,
Para que o demonio
Não venha tentar
A dar-vos um banho
No fundo do mar. *bis*

Dai-me um noivo, meu santinho,
Um gordo ou bem magro,
Que me adore e recompense
O amor que lhe consagro.

bis
Eu não quero dos que falam
Em bailes, funcções sómente,
Qu'esses tirados d'ahi
A fórma só tem de gente. *bis*

F. S. Noronha



Não me dês destes que falam
Com modos de santarrão,
Que cochicham segredinhos
Limpando as unhas da mão.

bis Dos que olham com tregeitos
Com artes não sei de quê,
Falando sempre em amores,
Meu santinho, não me dê. *bis*

Dos que andam farejando
Casamentos com dinheiro,
Desses não, porque só querem
Escrava no captiveiro.

bis Dos beatos moralistas
Que a tudo chamam indecente,
Cruz, demonio! agua salgada!
Deus me livre de tal gente! *bis*

AMOR DE ARTISTA

(CANÇONETA)

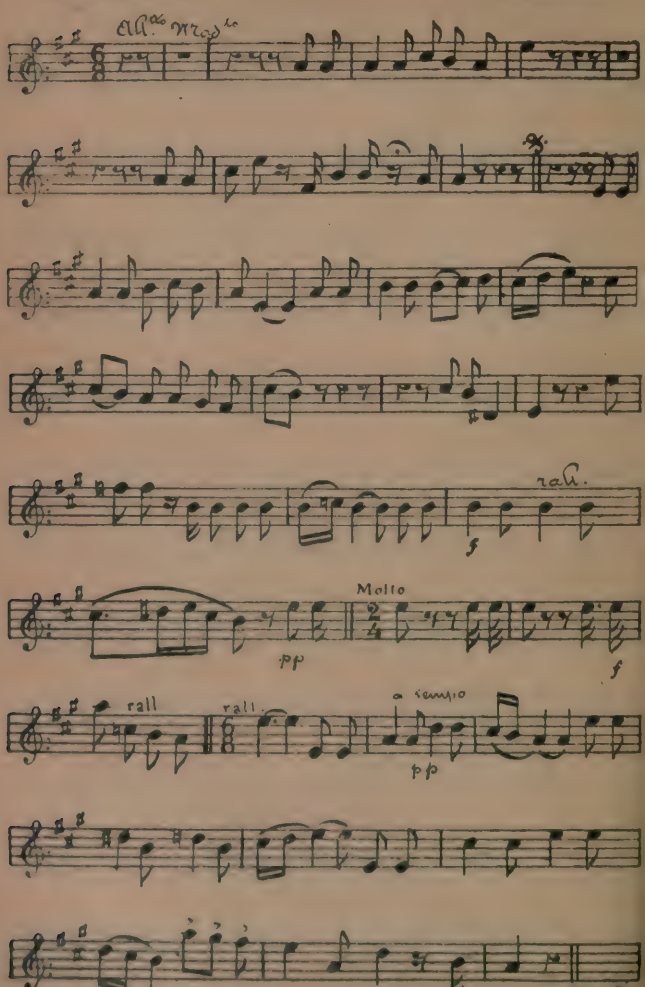
Dois amantes tenho, olé!
Um é rico e o outro não é!...

Um é lindo, louro e nobre,
Veste á moda e gasta cobre
Com certo chique ideal,
Muito ideal!
O outro é feio no entretanto;
Seu nariz tem outro tanto
Do nariz, *bis*
Do nariz do seu rival.

Dois amantes tenho pois,
Qual escolherei dos dois?... } *bis*

Sobre ser o mais formoso,
O primeiro é carinhoso,
É pacato e é bom rapaz...
Bem bom rapaz!
O segundo... virgem santa!
Pinta o sete! pinta a manta!
Faz de mim... *bis*
Faz de mim... o que lhe apraz!

Aluizio Azevedo M. Cardoso



Dois amantes tenho pois,
Qual escolherei dos dois?... } *bis*

O primeiro é todo serio,
Falla pouco e com criterio,
Tem ares de confessor!
Que confessor!
Já do outro direi contra:
Nunca vi maior bilontra!
Que bilontra! *bis*
Que bilontra, meu senhor!

Dois amantes tenho pois,
Qual escolherei dos dois?... } *bis*

O primeiro dá-me tudo,
É ouro, é seda, é velludo,
E o mais que me appetecer,
Se appetecer!
O segundo não escorrega,
A não ser com alguma esfrega,
Dessas taes, *bis*
Dessas taes de embambecer!

Dois amantes tenho pois,
Qual escolherei dos dois?... } *bis*

O primeiro, francamente,
O que tem gasta com a gente,
E não é pouco o que tem!
Olá se tem!

*

E todavia o segundo
Não passa de um vagabundo,
Que anda sempre, *bis*
Que anda sempre sem vintem!

Dois amantes tenho pois,
Qual escolherei dos dois?... } *bis*

O primeiro, nos seus dias,
Nunca vem com as mãos vasias,
Traz presentes e bem bons!
Oh! se são bons!
O outro o que traz é fome,
E tudo o que pilha — come,
Sem me dar, *bis*
Sem me dar... satisfações!

Dois amantes tenho pois,
Qual escolherei dos dois?... } *bis*

O primeiro, que prudencia!
Nunca teve uma exigencia,
Nem commigo se agastou!
Qual agastou!
O segundo — que contraste!
Quanto mais dou, mais o traste
Quer que lhe dê! *bis*
Quer que lhe dê, e eu lhe dou!

Dois amantes tenho pois,
Qual escolherei dos dois?... } *bis*

Mas é tão tolo o primeiro;
E o segundo é tão bregeiro,
Tem tanta graça o ladrão!
Ai! que ladrão!
Que, apezar de esbodegado,
Desordeiro e malcriado,
Quero este, *bis*
Quero este, e o outro não!

Dois amantes tenho pois,
Prefiro o peior dos dois! } *bis*

TEU SORRISO

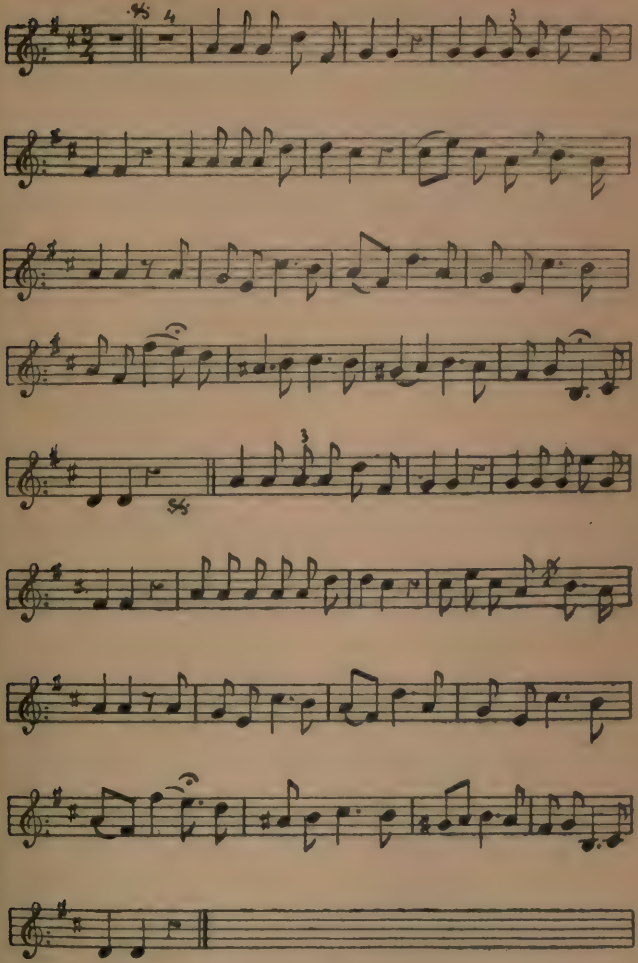
Rosa em botão se abrindo,
Do zephiro ao bafejo,
E's tu se ao meu desejo
Tu'alma expões sorrindo!

No céo em gozo infindo
Os anjos não invejo,
Se em teu sorriso vejo
O céo se resumindo.

Que magico incentivo
Ao meu olhar captivo
Tua bocca e o paraiso! *bis*

Eu sei que a gloria existe
Porque ella ao ver-me triste
Sorriu-me em teu sorriso. *bis*

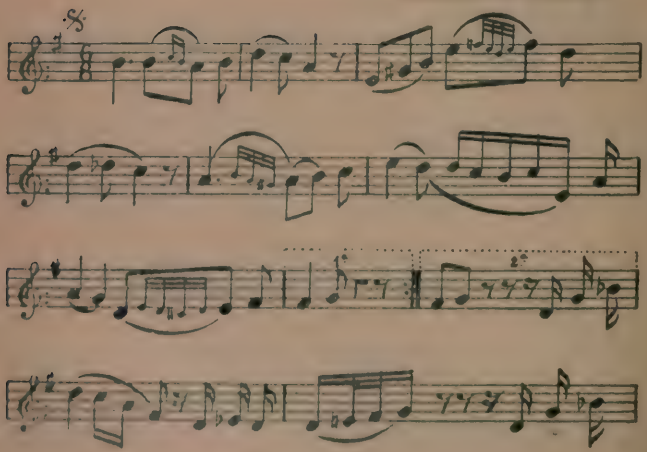
Rosendo Moniz Arthur Napoleão

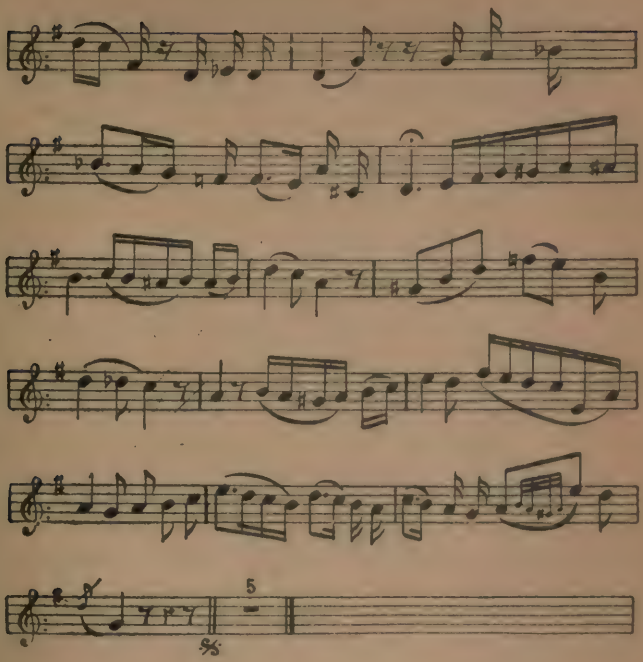


UM AI GERADO PELA PAIXÃO

Um ai gerado
Pela paixão,
Do coração
Doce penhor,

J. Fernandes da Trindade





Apenas solto
Do peito meu,
Azas lhe deu
O deus d'amor. } *bis* ah!

Suspiro, vôa,
Então lhe digo,
Vai ao abrigo
Da minha dôr; } *bis*

Vai ver aquella,
Mas eu deliro!
Por quem suspiro
Com tanto ardor.

Conta-lhe quanto
Saudoso effeito
Produz no peito
Do seu pastor; } *bis* ah!

Pinta-lhe a magoa
Que na minh'alma
Jámais acalma
Fatal rigor. } *bis*

Tambem lhe conta
O como vivo
N'um fogo activo
Abrazador...

Porém se em premio
Da fé mais pura
Quebrando a jura
Ingrata flôr; } *bis*

Foge, suspiro,
Não tornes mais,
D'ingratas taes
Soffrer rigor. } *bis*

Porém se ella
Terna escutar-te,
A dar-me parte
Vem com fervor;

Se de seus olhos,
Mimoso encanto.
Correr o pranto
Consolador; } *bis* ah!

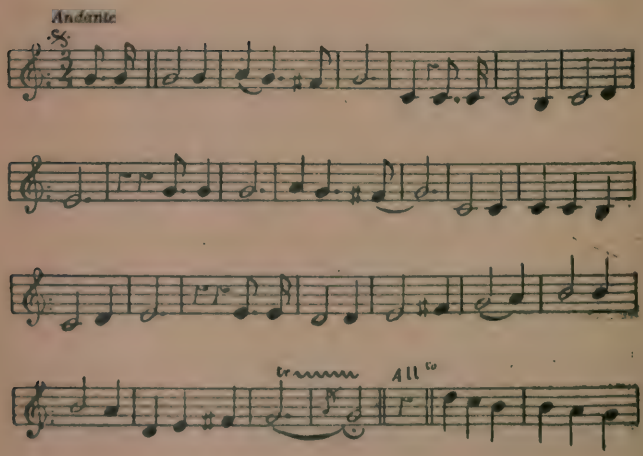
Vem, vem depressa,
Que é preciso
Trazer-me um riso
Mitigador. } *bis*

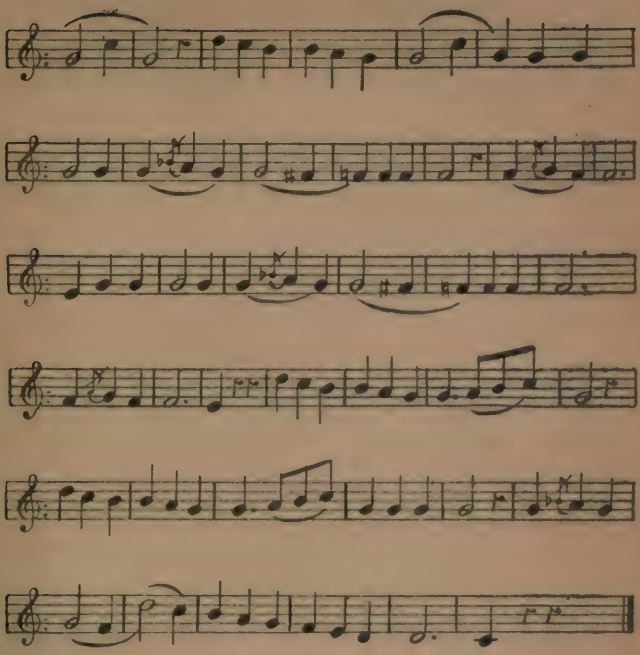
MAL ME QUERES?
BEM ME QUERES?

* * *

Mal me queres? Bem me queres?
Que respondes, meiga flôr?
Diz-me tu, sybilla d'alma,
A sina do meu amor! } *bis*

E. Zaluar **Furtado Coelho**





Quero lêr o meu fadario
Nesta flôr innocentinha;
Não me enganes, não me illudas,
Mal me quer, esperança minha! } *bis*

Na primeira tua folha
Não sou eu afortunado!
Bem me quer, diz a segunda,
Folga, o peito, qu'és amado!

A terceira diz, o *muito!*
Uma e uma vou contando;
Esta alegre me sorrindo,
Aquella triste esfolhando! } *bis*

Ai! assim és, vida minha!
Já desprezos, já carinhos;
Hoje grinalda de rosas,
Amanhã c'rôa d'espinhos! } *bis*

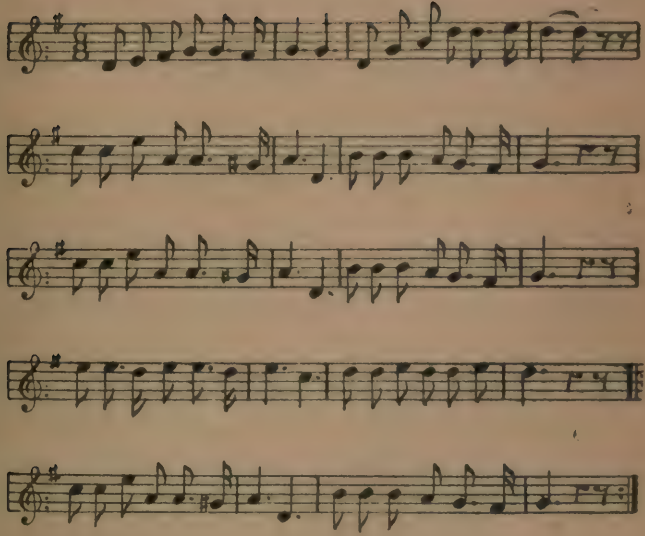
E contei-as, contei todas,
Acabou dizendo, *nada!*
Cada folha era uma esp'rança!
Triste vida, malfadada!

Procurei lêr minha sina,
Nos arcanos desta flôr;
Encontrei o desengano,
Onde qu'ria achar *amor!* } *bis*

O GONDOLEIRO DO AMOR

Castro Alves

Musica de Fabregas



Teus olhos são negros, negros,
Como as noites sem luar...
São ardentes, são profundos,
Como o negrume do mar; } *bis*

Sobre o barco dos amores,
Da vida boiando á flôr,
Douram teus olhos a fronte
Do gondoleiro do amor.

Tua voz é a cavatina
Dos palacios de Sorrento,
Quando a praia beija a vaga,
Quando a vaga beija o vento; } *bis*

E como em noites de Italia,
Ama um canto o pescador,
Bebe a harmonia em teus cantos
O gondoleiro do amor.

Tem sorriso, é uma aurora,
Que o horizonte eurubesceu,
— Rosa aberta com o biquinho
Das aves rubras do céo; } *bis*

Nas tempestades da vida
Das rajadas no furor,
Foi-se a noite, tem auroras,
O gondoleiro do amor.

Teu seio é vaga dourada
Ao tibio clarão da lua,
Que ao murmurio das volupias,
Arqueja, palpita núa; } *bis*

Como é doce, em pensamento,
Do teu collo no languor,
Vogar, naufragar, perder-se
O gondoleiro do amor!?

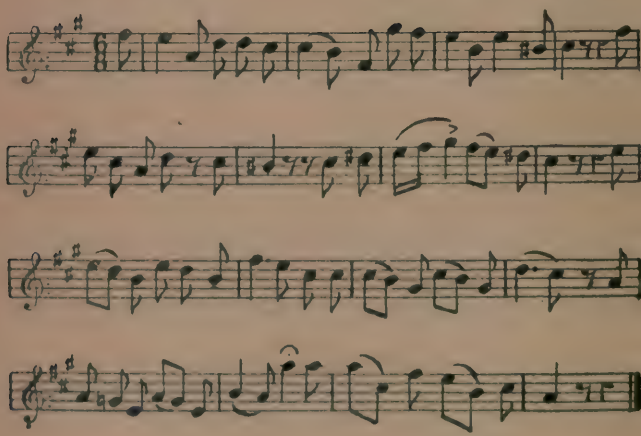
Teu amor na tréva — é um astro,
No silencio uma canção,
É briza — nas calmarias,
É abrigo no tufão; } *bis*

Por isto eu te amo, querida,
Quer no prazer, quer na dôr...
Rosa! Canto! Sombra! Estrella!
Do gondoleiro do amor.

TU ÉS UM ANJO NA TERRA

* * *

J. M. A. da Rocha — Miguel Angelo



Tu és um anjo na terra
E no céo um seraphim,
Dos prados a bella flôr
És a rosa do jardim.

bis

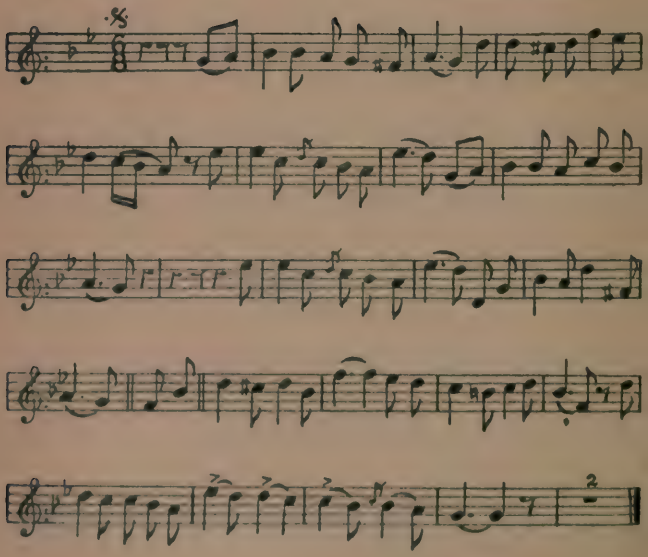
És o lustre que clareias
O mais escuro salão,
Das damas formoso typo,
Dos homens a perdição. } *bis*

Das jarras a linda flôr,
Dos canteiros o alecrim,
Tu és um anjo na terra,
E no céo um seraphim. } *bis*

PARTIR LEVANDO A LEMBRANÇA

* * *

G. de Amorim A. Carlos Martins



Partir! levando a lembrança
De que só por ti vivia!
Partir sem uma esperança
Para voltar algum dia!... } *bis*

Adeus, pois, adeus, querida,
Por te amar sou desgraçado,
Fôra menos dar-te a vida
Que o fugir, tendo-te amado.

Levo morto o coração,
Porque o levo sem ventura;
Morto por essa loucura
Que o mundo chama razão! } *bis*

Adeus, pois! se tu pensares
O quanto eu perco em perder-te;
Se algum dia te lembrares
Que jámais posso esquecer-te;

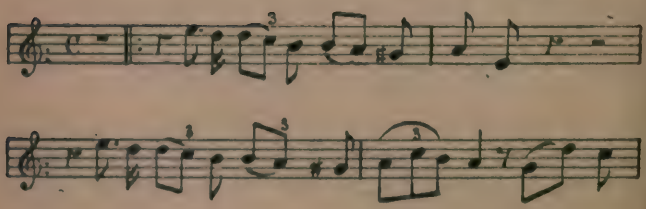
Olha bem tudo o que eu fiz,
E se não fôres ditosa
Volta á minh'alma saudosa,
Vem comigo ser feliz. } *bis*

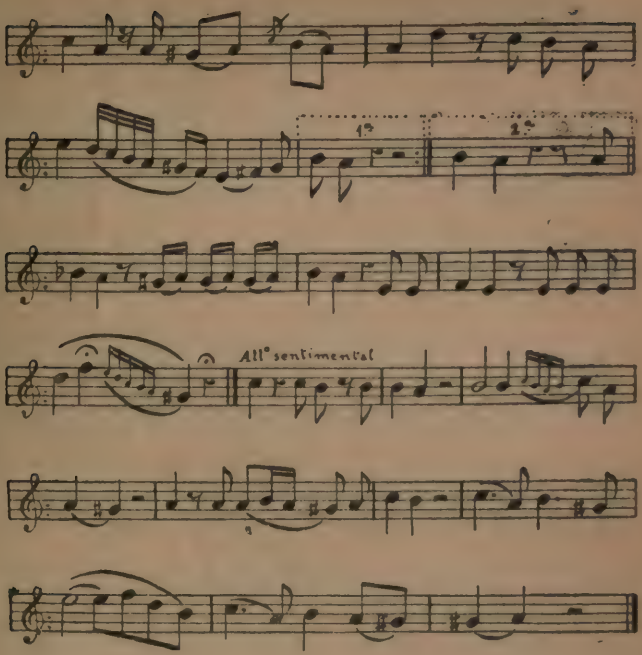
MEU DESTINO É IMMUTAVEL

Meu destino é immutavel,
Minha desgraça constante; } *bis*
Eu choro todos os dias,
Eu suspiro a cada instante.

Perdi de Lilia a belleza,
Murchou-lhe a morte o semblante; } *bis*
Por Lilia todos os dias
Eu suspiro a cada instante.

G. F. Trindade





Vem, ó morte piedosa,
Vem findar um triste amante; } *bis*
E meu destino immutavel,
Minha desgraça constante.

ESTRIBILHO

Ah! quanto é triste
Meu padecer,
Só espero alivio
Quando morrer. *bis*

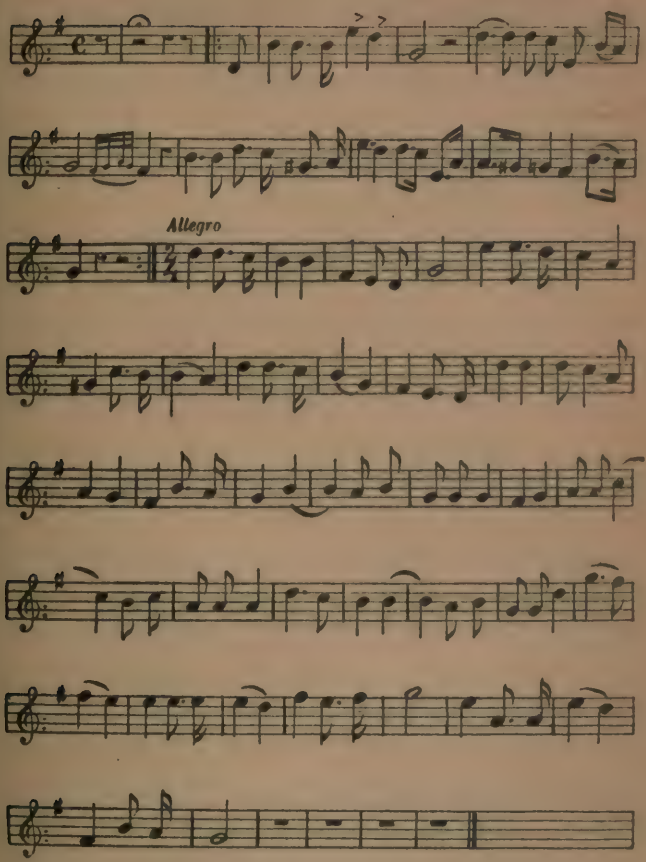
DE LIVRE QUE SEMPRE FUI

De livre que sempre fui
Hoje escravo me tornei,
O amor sujeita tudo
Ao rigor de sua lei.

E já que preso
Aos olhos teus,
Dos actos meus
Não sou senhor;
Fique-me a gloria
De ser vencido,
De ser ferido
Por teu amor.

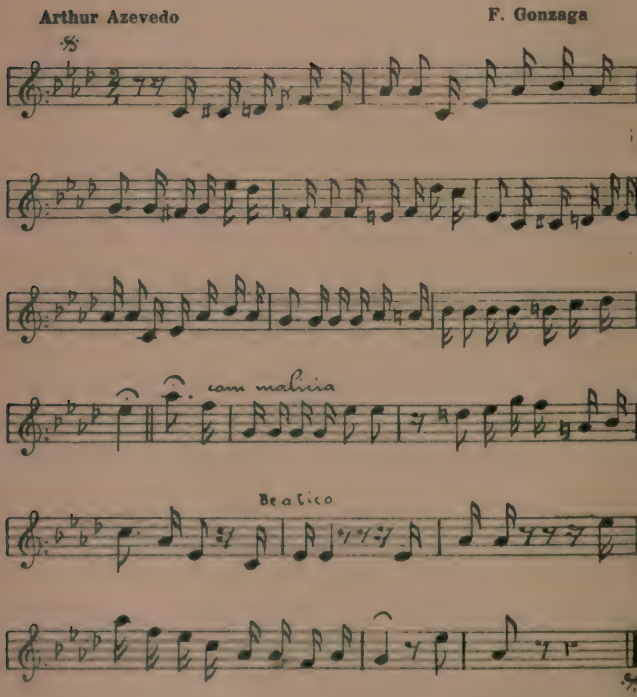
Ninguem resiste
Aos teus affectos,
Que são decretos
D'amor fataes;
Se muda vences
Os corações,
No riso impões
Jugo aos mortaes. } *bis*

Aragão



PARA A CÊRA DO SANTISSIMO

(CANÇONETA)



Em nome da Irmandade
Eu ando sem cessar,
Por toda esta cidade
Esmolas a tirar.
E profissão tão nobre,
Não deixo nem a páo,
Pois rende muito cobre
O velho balandráo.

Este emprego de sacola,
Sim, senhor, é rendosissimo!
Esmola — *(3 vezes)*
Para a cêra do Santissimo...

Em certos corredores
De alcouces e bordeis,
Penetram andadores
Por causa de dez réis.
Porque graças ao nosso
Systema de trajar,
Desassombrado posso
Em toda a parte entrar!

Se alguem me vê de sacola,
Digo com ar humilissimo:
Esmola — *(3 vezes)*
Para a cêra do Santissimo...

Por Brigida Menezes
Apaixonado estou,
E não têm conta as vezes
Em que d'aqui
(*aponta para a sacola*):
lhe dou.

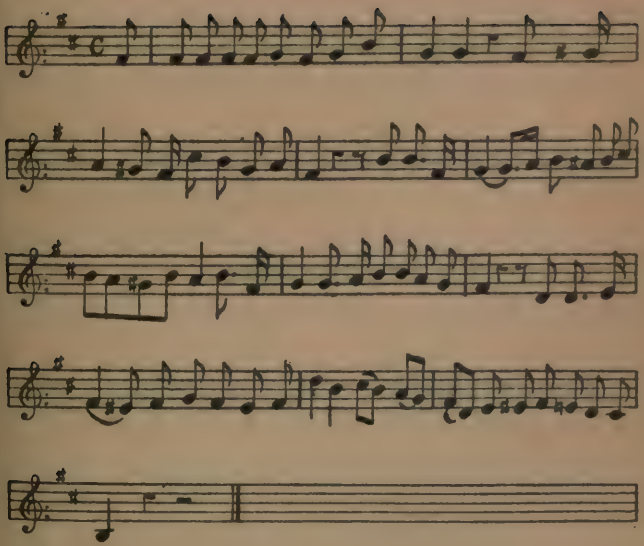
De todo o rendimento
Procedo á divisão:
Não vê o sacramento
Um nickel de tostão!

Este emprego de sacola,
Sim, senhor, é rendosissimo!
Esmola — *(3 vezes)*
Para a cêra do Santissimo...

Eu vi certa creada
Em casa de um doutor,
E... não lhes digo nada...
Entrei no corredor.
Repleto de coragem,
Subi... subi... subi!
No meio da viagem:
— Que quer você aqui?! —

Apontando p'ra sacola,
Disse todo devotissimo:
Esmola — *(3 vezes)*
Para a cêra do Santissimo...

PALLIDA MADONA



O' pallida madona de meus sonhos,
Bella filha dos serros de Engady,
Vem inspirar os cantos do poeta,
Rosa branca da lyra de David. } bis

Todo o amor que em meu peito repousava,
Como o orvalho das noites de relento,
A teus pés elevou-se como as nuvens
Que se perdem no azul do firmamento. } bis

Aqui, além, bem longe, em toda a parte,
Meu pensamento segue o passo teu;
Tu és a minha luz, sou tua sombra,
Eu sou o lago teu, tu és meu céo. } bis

Á tarde, quando chegas á janella,
A trança solta onde suspira o vento,
Minh'alma te contempla de joelhos,
A teus pés vai morrer meu pensamento. } bis

Inda hontem á noite, no piano
Os dedos teus corriam no teclado,
Nas caricias de tuas mãos tão lindas
Suspirava e gemia apaixonado! } bis

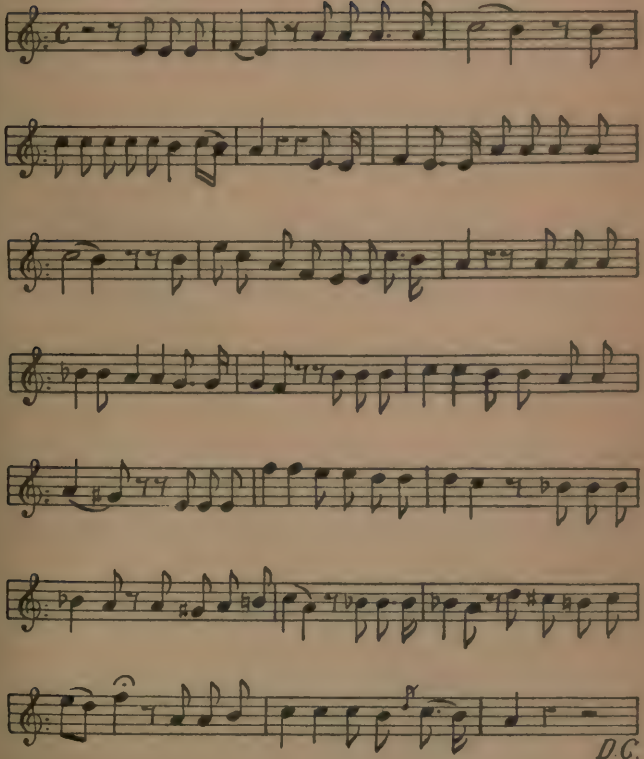
Depois cantando a aria suspirosa
Veio n'alma accender-me mil desejos!
Eu prostrei-me a teus pés perdido e louco,
Supplicando-te amor em doces beijos. } bis

Vem dizer-me se posso ainda um dia
Nos teus labios beber o mel dos céos;
Eu te direi, mulher dos meus amores,
Amar-te inda é melhor do que ser Deus. } bis

E FOI-SE

Pedro Calazans — Moniz Barreto Filho

Andante cantabile



E foi-se a estrella que sorriu nas trevas
De um triste coração ermo de fé;
Minh'estrella gentil, por que não levas
O triste coração que teu só é?

E foi-se a nuvem que pairou fagueira
Nos horizontes de doirada côr,
Ai, nuvem branca, por que assim ligeira
Passaste, ó nuvem, no meu céo d'amor!... } bis

E foi-se o sonho tanta vez sonhado,
Foi-se a meiga illusão que me seduz,
Ai santa inspiração do desgraçado,
Ai vida, sonho, amor, visão, ai luz!...

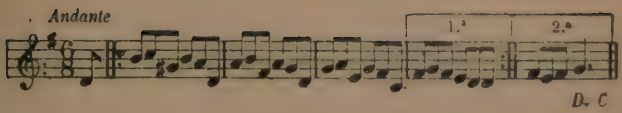
E foi-se a redempção d'uma alma escrava
De rude preconceito aos duros nós,
Livre julguei-me e quando livre estava
Meu anjo tutelar deixou-me a sós; } bis

E foi-se a chamma vivida e brilhante
Que o enregelado peito me queimou,
Porque assim te apagaste n'um instante
Minha chamma d'amor que se apagou?...

E foi-se a estrella que luziu nas trevas
De um triste coração ermo de fé,
Minha estrella gentil, por que não levas
O triste coração que teu só é?... } bis

NÃO CORRAS NA AREIA

* * *



Nas praias desertas
Que a lua branqueia,
Que mimos, que rosas,
Que finas areias.

ESTRIBILHO

Não corras na areia,
Não corras assim;
Morena, onde vaes?
Tem pena de mim.

Não corras na areia,
Não molhes os pés;
Morena, onde vaes?
Meu Deus, por quem és.

Morena, morena,
Anjo de candura,
Tirae-me dos males
E dae-me ventura.

Não corras na areia, etc.

Que praias tão longas,
Que onda bravia;
Não molhes a roupa,
Que és doentia.

Não corras na areia, etc.

Morena, morena,
Teus olhos travessos,
De finos rubins,
São dois adereços.

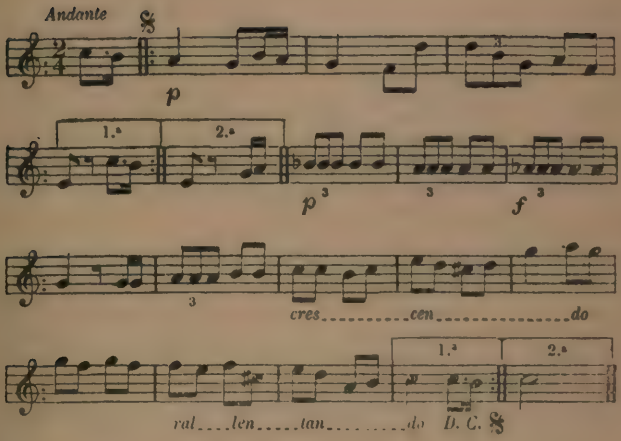
Não corras na areia, etc.

Morena, morena,
Teus olhos galantes,
De pedras tão finas.
São dois diamantes.

Não corras na areia, etc.

BORBOLETA, MEUS ENCANTOS

* * *



Borboleta, meus encantos,
mimoso insecto, onde vaes?
Vaes á patria dos amores
ver as fontes de crystaes?
Has de vêr a minha Elvira
entre as flôres de coraes! } *bis*

*

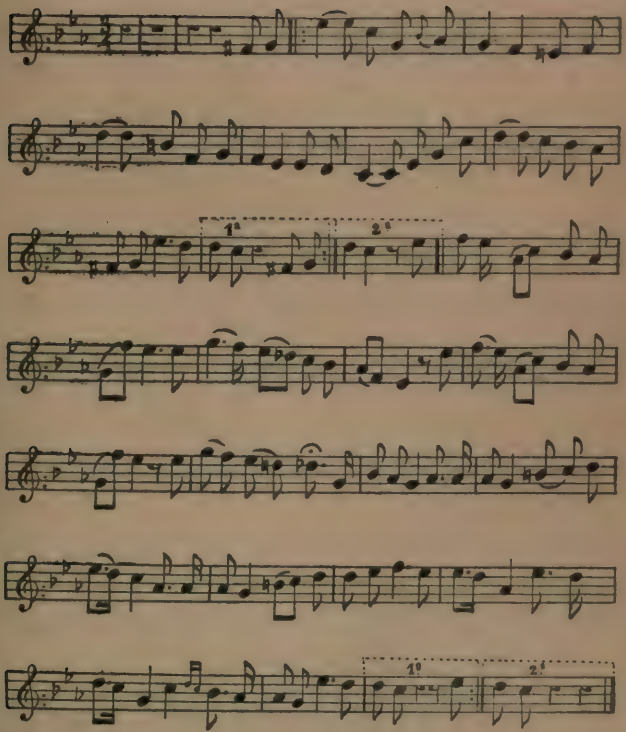
Vae contar-lhe as minhas dores,
meus affectos immortaes!
Minha c'roa de martyrios,
Meus suspiros e meus ais!
Has de vêr a minha Elvira
entre as flôres de coraes! } *bis*

Vem dizer-me se ella guarda
suas juras tão leaes,
ou se adora um outro amante
de mais louros triumphaes!
Has de vêr a minha Elvira
entre as flôres de coraes! } *bis*

Se seu peito ingrato e fero
já não quer ouvir meus ais,
vae libando o mel das flôres...
Fica lá, não voltes mais!
Vivam duas inconstantes
entre as flôres de coraes. } *bis*

A VIDA E A MORTE

F. G. Noronha



Olha, Marcia, aquelles campos
De sepulchros alinhados ;
Ali dormirão bem cedo
Os meus ossos descarnados. } *bis*

Suspende o pranto de amor,
Não chores prenda querida,
Porque a morte nos liberta
Das desgraças d'esta vida. } *bis*

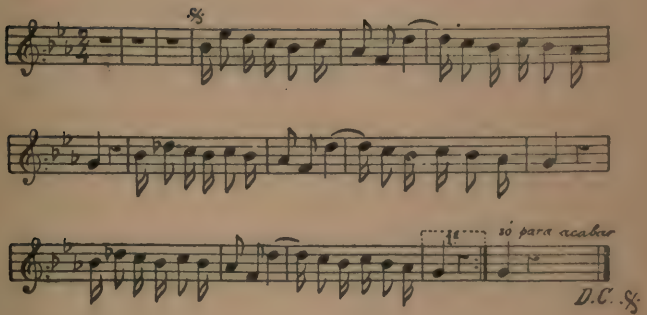
Qual amamos sobre a terra,
— Já da vida roto o véo —
C'o mesmo extremo se póde
Tambem amar lá no céo. } *bis*

Suspende o pranto de amor, etc.

A BORBOLETA DO NATAL

(LUNDÚ DO NORTE)

Annibal de Castro



Côro

Borboleta bonitinha,
Saia fóra dò rosal,
Venha cantar dòces hymnos,
Hoje, noite de Natal. } bis

Borboleta

Deus lhe dê mui boas noites,
Boas noites lhe dê Deus;
Eu não sou mal ensinada;
Ensino meu pae me deu. } *bis*

Côro

Borboleta bonitinha, etc.

Borboleta

Eu sou uma borboleta,
Sou linda, sou feiticeira;
Ando no meio da casa,
Procurando quem me queira. } *bis*

Côro

Borboleta bonitinha, etc.

Borboleta

Eu sou uma borboleta,
Verde da côr da esperança,
Ando no meio da casa,
Com alegria e bonança. } *bis*

Côro

Borboleta bonitinha, etc.

Borboleta

Eu sou uma borboleta,
Vivo de ar e de luz;
Ando no meio da casa,
Com minhas azas azues. } *bis*

Côro

Borboleta bonitinha, etc.

Borboleta

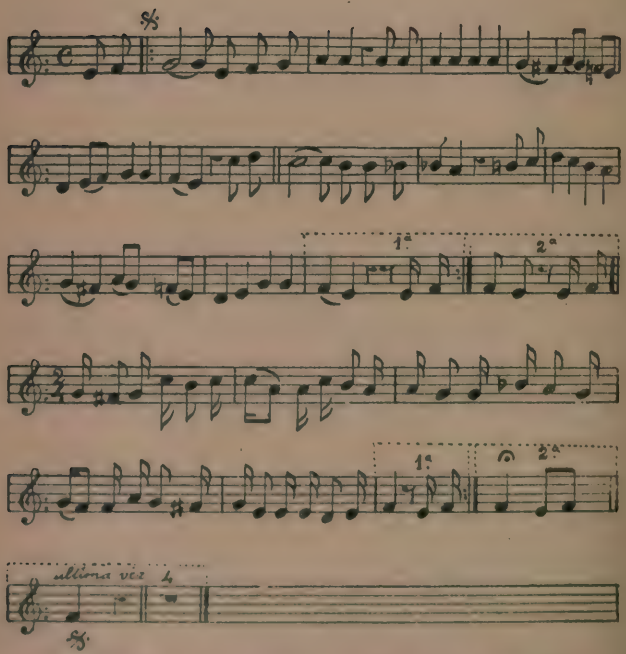
Adeus senhores, adeus,
Já são horas de partir;
Entre a bonina e a açucena
Já são horas de dormir. } *bis*

Côro

Borboleta bonitinha, etc.

CANTATAS DE REIS (*)

* * *



(*) Poesia e musica colligidas pelo Dr. Mello Moraes Filho.

O' de casa, nobre gente,
Escutai e ouvireis,
Que das bandas do Oriente
São chegados os tres Reis.

Do lethargo em que cahistes,
Despertai, nobres senhores,
Vinde ouvir noticias bellas
Que vos trazem os pastores.

Se eu soubesse
Que havia funcção,
Trazia mulatas
De meu coração. *bis*

Senhora dona da casa,
Mande entrar, faça favor,
Que dos céos estão cahindo
Pinguinhos d'agua de fiôr.

Aqui'stou em vossa porta
Feito um feixinho de lenha,
Á espera da resposta
Que de vossa boca venha.

A dona da casa
E' boa de *dá*,
Garrafas de vinho,
Doce de araçá. *bis*

Sabei que é nascido um Deus,
Soberano e Omnipotente,
Adorado das nações
E da mais bravia gente.

Os tres Reis, de longes terras,
Vieram ver o Messias,
Desejado ha tanto tempo
De todas as prophecias.

Dous de cá,
Dous de lá,
Mariquinhas no meio
Não póde *sambá*. *bis*

A grandeza, a opulencia,
Detestai-as sem receio;
Vêde como o Deus Menino
A dar-vos exemplo veio.

O senhor dono da casa,
Deve já aqui estar,
Pois sabemos quanto gosta
Com prazer tambem brincar.

Ha tanto tempo
Que nós já chegamos,
Que é das gallinhas
Que nós já ganhamos? *bis*

Na Lapinha de Belém
E' nascido o Deus Menino,
Entre as turbas dos pastores,
Sendo um Senhor tão Divino.

Somos gentes muito boas,
Sabemos bem conviver;
Bebemos bem aguardente
Com alegria e prazer.

Abra a porta
Bem devagarinho,
Que eu quero dizer:
Adeus, meu bemzinho. *bis*

Senhora D. Maria,
Espelho de relação,
Quem fala nesta senhora
Dobra o joelho no chão.

Vinde ouvir simples cantatas
De grosseiros camponezes,
Das aldeias conduzindo
Cordeiros e muitas rezes.

Somos meninas
Da casa da mestra,
Viemos fugidas
Promode a tarefa. *bis*

As serranas enfeitadas
Em prazeres vão saltando;
Os mancebos, os velhinhos,
Todos, todos vão chegando.

Vossas offertas, senhores,
Trazei, que as conduziremos,
E com toda a companhia
Iguaes as repartiremos.

Se eu soubesse
Que havia funcção,
Trazia mulatas
De meu coração. *bis*

O senhor dono da casa
E' uma folha de papel,
Inda espero o ver na praça
Com bastão de coronel.

Senhora dona da casa,
Olhos de pedra redonda,
Daquella pedra mais fina
Em que o mar combate a onda.

Se quizerem
Que eu seja d'ahi,
Vocês dão pipocas,
Eu dou *mindubi*. *bis*

Os pequenos d'esta casa,
Não se dêm por aggravados,
Ficaram por derradeiros
Por serem mais estimados.

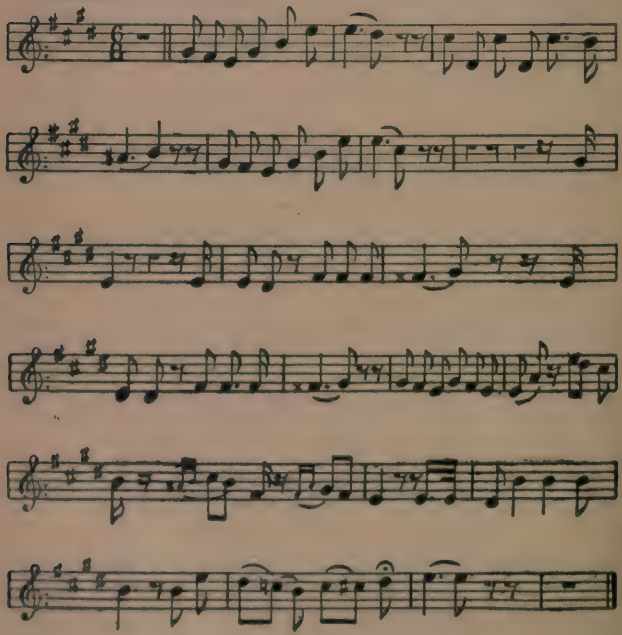
Esta vai por despedida,
Por cima d'estes telhados,
As pessoas que nos ouvem
Tenham os dentes quebrados.

Inda bem,
Ha de vir!...
Que somos de longe,
Queremos nos ir. *bis*

SONHEI! SORRI! AMEI! DESCRI!

Bartholomeu Magalhães **José Almeida Cabral**

Andante



Ao deixar infantis brincos
D'essa quadra que adorei,
O mundo julguei um sonho...
Sonhei!

Sonhei sim, com muitos anjos,
Mas um só achei gentil,
Com mais graças e belleza
Com encantos mil a mil. — (*3 vezes*)

Nas meiguices desse sonho
Nova existencia bebi,
No doce sorrir d'um anjo...
Sorri!

Sorri sim, porque seus olhos
Me prenderam desde então
Com prisão, que os meus prendeu
Nos laços de seducção... (*3 vezes*)

Ante os dotes seductores
Do meu anjo, me prostrei;
Resistir não pude á força...
Amei!

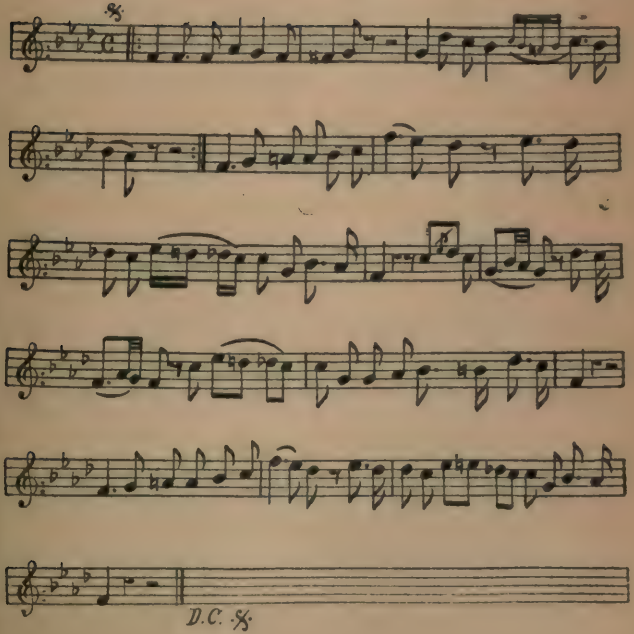
Amei sim, porque lhe ouvi
Suaves falas de amor,
Juras que cri mui sinceras
D'um grande preço e valor. — (*3 vezes*)

Mais tarde chegava a tempo
D'acordar... um nome ouvi...
Despertei á voz rival!...
Descri!

Descri, sim, eu acordei
P'ra não mais adormecer;
Nunca mais sonhar venturas.
Acordei para soffrer.

HEI DE AMAR-TE ATÉ MORRER

Mouis Barreto



Ingrata, porque me foges,
Porque me fazes soffrer?
E' inutil me fugires,
Hei de amar-te até morrer. } *3 vezes*

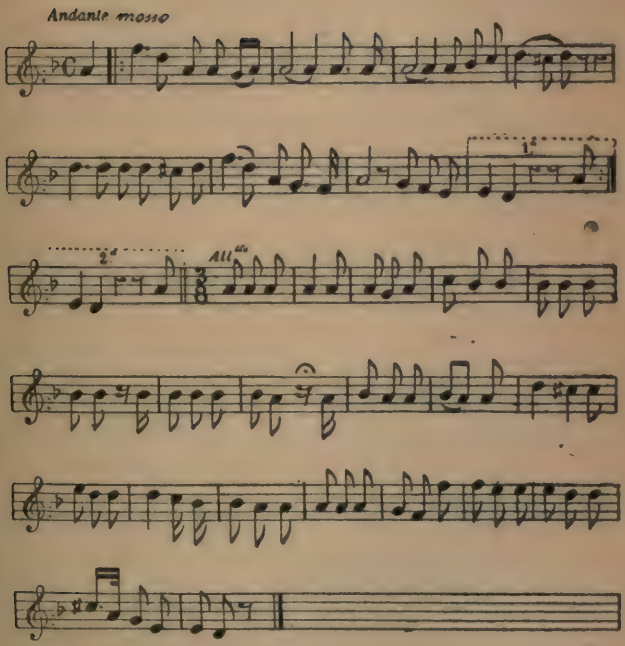
Em paga de meus extremos
Dás-me cicuta a beber,
Em paga de teus desprezos
Hei-de amar-te até morrer!

Onde quer que vás, ingrata,
A tua sombra hei de ser;
Hei-de morrer por amar-te,
Hei-de amar-te até morrer!

No céo hei-de amar-te emquanto
Lá o espirito viver;
Na terra onde a vida acaba,
Hei-de amar-te até morrer!

ESPECTRO

Noronha



Espetro horrivel que surges
Junto á minha cabeceira!
Tua voz brada o meu crime,
Tenho horror d'essa caveira.

Com esse punhal
Que apertas, convulso,
Eu fiz este sangue
Que tinge meu pulso. } *bis*

Foge espectro, oh que tormento,
Que os do inferno inda é mais forte...
Sobre meu rosto de vivo
Sinto teu bafo de morte!...

Com esse punhal
Que apertas, convulso,
Eu fiz este sangue
Que tinge meu pulso. } *bis*

Ergue o pulso, e teu punhal,
Fundo enterra n'este peito!
Ai! mais forte, espectro, calca,
Tinge de sangue meu leito.

Com esse punhal
Que apertas, tão forte,
Se a morte te dei,
De ti quero a morte. } *bis*

Eil-o... alli... com o mesmo ferro;
Que terror! Oh! que tortura!
Cavando junto a meu leito,
Vai-me abrindo a sepultura.

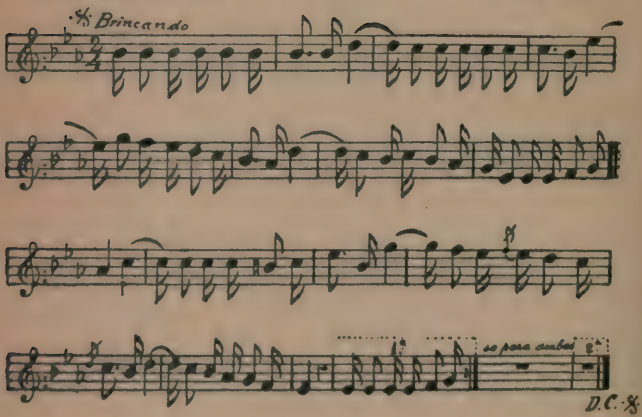
Oh! sombra, piedade,
Não caves assim;
Eu dei-te um só golpe, } *bis*
Tu mil sobre mim.

Sumiu-se... mas inda escuto
Seus gemidos — que afflicção!
E esta mancha de sangue
Não se apaga — oh! maldição!

Espectro, descança,
Que ao triste homicida,
Os tratos do inferno } *bis*
Começam na vida.

A MULATA

Mello Moraes Filho — Xisto Bahia



Eu sou mulata vaidosa,
Linda, faceira, mimosa, *bis*
Quaes muitas brancas não são!
Tenho requebros mais bellos;
bis Se a noite são meus cabellos, *bis*
O dia é meu coração.

Sob a camisa bordada,
Fina, tão alva, arrendada, *bis*
Treme-me o seio moreno:
E' como o jambo cheiroso,
bis Que pende ao galho frondoso *bis*
Coberto pelo sereno.

Nos bicos da chinellinha,
Quem vôa mais levesinha, *bis*
Mais levesinha do que eu?...
Eu sou mulata tafúla;
bis No samba, rompendo a chula, *bis*
Jámais ninguem me venceu!

Ao afinar da viola,
Quando estalo a castanhola, *bis*
Ferve a dança e o *desafio;*
Peneiro n'um molle anceio,
bis Vou mansa n'um bamboleio *bis*
Qual vai a garça no rio.

Aos moços todos esquiva,
Sendo de todos captiva, *bis*
Demoro os olhares meus;
Mas, se murmuram: « maldita!
bis Bravo, mulata bonita! » *bis*
Adeus, meu yôyô, adeus...

Minhas yáyás da janella
Me atiram cada olhadella, *bis*
Ai dá-se! mortas assim...
E eu sigo mais orgulhosa
bis Como se a cara raivosa *bis*
Não fosse feita p'ra mim.

Na fronte ainda que baça,
Me assenta o torço de cassa, *bis*
Melhor que c'rôa gentil;
E eu posso dizer ufana,
bis Que, qual mulata bahiana, *bis*
Outra não ha no Brazil.

Nos meus pulsos delicados
Trago coraes engrazados, *bis*
Contas d'ouro e coralinas;
Prendo meu panno á cintura,
bis Que mais realça á brancura *bis*
Das saias de rendas finas.

Se arde um desejo agora,
De meus affectos senhora, *bis*
Sei encontrál-o no amor;
Minh'alma é qual borboleta,
bis Que vôa e vôa inquieta *bis*
Pousando de flôr em flôr.

Meus brincos de pedraria
Tombam, fazendo harmonia *bis*
Com meu cordão reluzente;
Na correntinha de prata,
bis Tem sempre e sempre a mulata *bis*
Figuinhas de boa gente.

Eu gosto bem d'esta vida,
Que assim se passa esquecida *bis*
De tudo que é triste e vão;
Um *dito* repenicado,
bis Um mimo, um riso, um agrado *bis*
Captivam meu coração.

Nos presepes da Lapinha,
Só a mulata é rainha, *bis*
Meiga a mostrar-se de novo;
De minha face ao encanto,
bis Vai-se o fervor pelo santo, *bis*
P'ra o santo não olha o povo!...

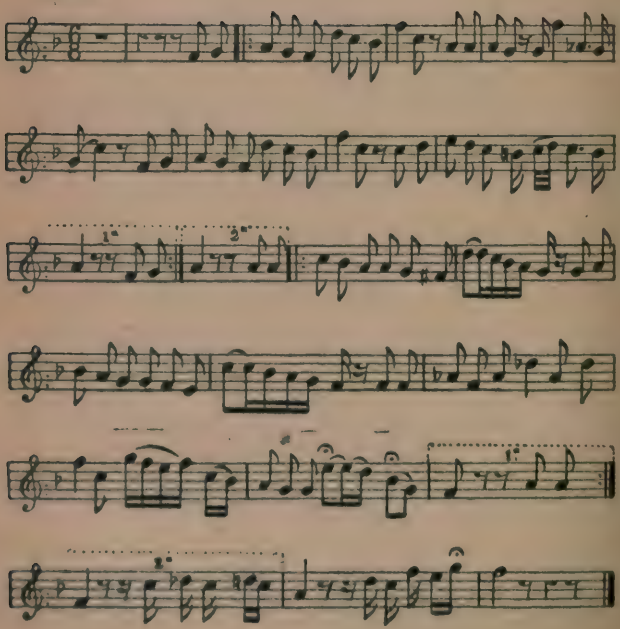
Minha existencia é de flôres,
De sonhos, de luz, de amores, *bis*
Alegre como um festim!
Escrava, na terra um dono,
bis Outro no céo sobre um throno, *bis*
Que é meu Senhor do Bomfim!

Na fronte ainda que baça,
Me assenta o torço de cassa *bis*
Melhor que c'rôa gentil;
E eu posso dizer ufana,
bis Que, por mulata bahiana, *bis*
Outra não ha no Brasil.

UM SONHO

Noronha

Andante

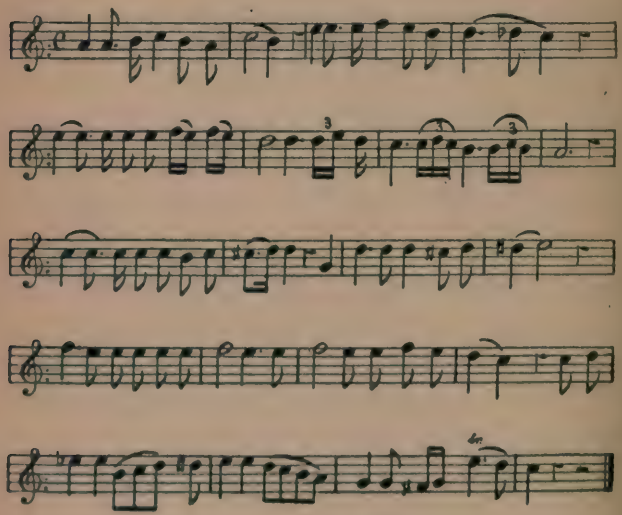


Tive um sonho de maga ventura
Qual eu nunca na vida sonhei,
Eu pensava estreitar nos meus braços
Meiga virgem que tanto adorei;
Eu a via, qual anjo formoso,
Ostentando na face o rubor,
E nos labios que ardiam, queimavam,
Imprimia mil beijos d'amor. *bis*

O seu collo de neve anciava,
Qual a vaga dormente do mar...
E de encontro ao meu peito sentia
De seu peito o ardente pulsar...
Foi um sonho divino, celeste,
Que me fez de prazer delirar!
Minha vida por certo daria,
Se de novo o pudesse gozar! *bis*

RISO E MORTE

Laurindo Rabello João Cunha



Eu vim ao mundo chorando,
Chorar é o meu viver,
Quando eu deixar de chorar
Estou prestes a morrer.

Quando a alma ao infortunio
Assim ligado se tem,
Como termo da desgraça
A morte não longe vem. } *bis*

Quando eu deixar de chorar,
Quando contente me rir,
Não se enganem, desconfiem
Que não tardo a succumbir.

Vem, oh! morte — vêr meu pranto.
Não receies, poder vir;
Choro nos braços da vida,
Nos teus braços me hei de rir. } *bis*

Muitas vezes um prazer
Que parece de ventura,
Não é mais que um riso d'alma,
Vendo perto a sepultura.

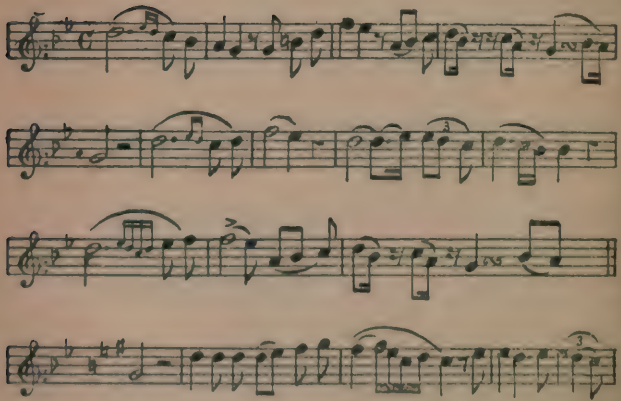
O feliz ri-se na vida,
Por vêr n'ella o seu jardim;
O desgraçado na morte,
Por vêr da desgraça o fim. } *bis*

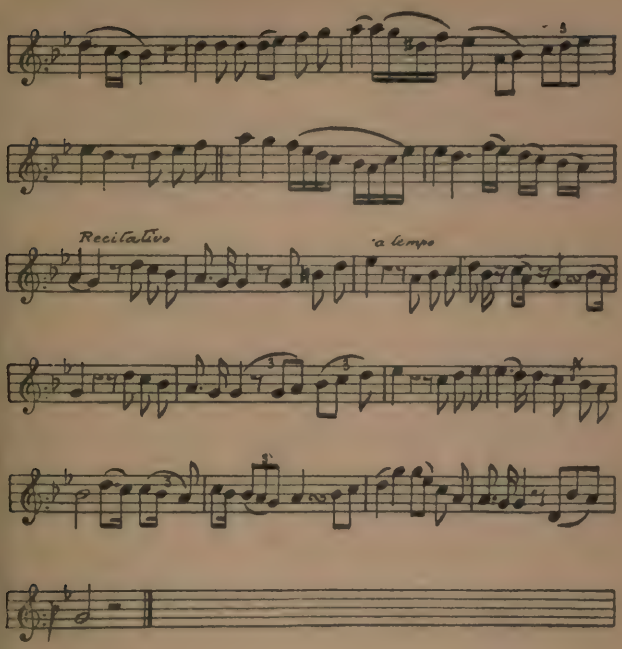
VEM, Ó NOITE, Ó DOCE AMIGA

Vem, ó noite, ó doce amiga
Do meu triste coração,
Só conversando comtigo
Encontro consolação. } *bis*

bis {
Perdi a Lilia,
Tudo perdi;
Uma outra Lilia
Inda não vi. } *3 vezes*

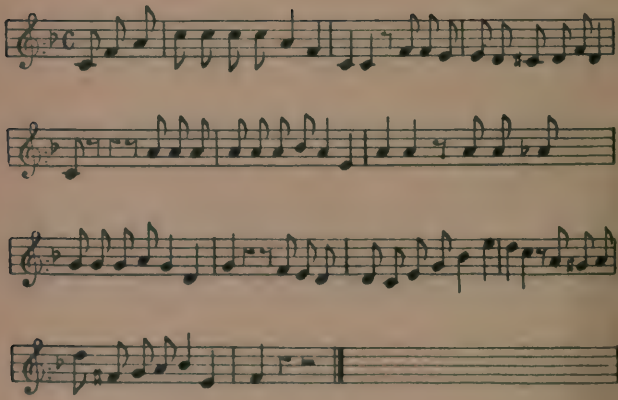
J. Rufino R. Vasconcellos




Recitativo
a tempo

IGUALDADE ILLUSORIA

Monteiro de Barros — João Carneiro



A primavera é uma estação florida,
Cheia de immenso, divinal fulgor!
De flôres enche o coração da vida
E enche de vida o coração da flôr. } bis

A mocidade é uma estação ditosa,
Cheia de risos, de ideal prazer!
E as almas sentem um viver de rosa,
Na mocidade — a rosa do viver! } *bis*

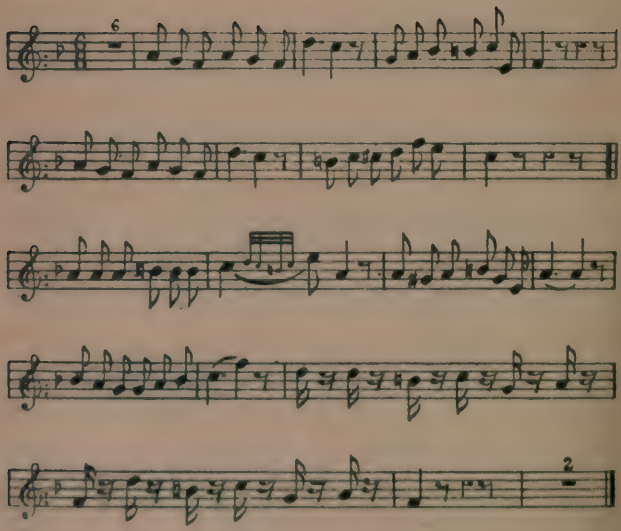
Na primavera ha profusão de côres,
As flôres brotam no rochedo bruto!
Depois... o fructo que ha de vir das flôres,
E as novas flôres que hão de vir do fructo! } *bis*

Na mocidade ha melopéas calmas,
Tremem dos labios os vermelhos frisos!
Os risos cantam no brotar das almas,
Cantam as almas no brotar dos risos. } *bis*

Ambas se adornam de um viver risonho,
Iguaes parecem — ambas são de amor!
Se a mocidade faz nascer o sonho,
A primavera faz nascer a flôr. } *bis*

Iguaes parecem quando a vida as solta,
E, no entretanto, ellas não são iguaes!
A primavera, passa e depois volta,
E a mocidade não nos volta mais!... } *bis*

TA, TE, TI, TO, TU



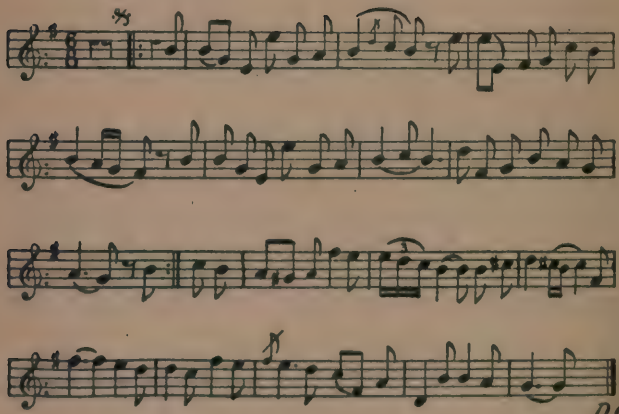
Eu já não sou ignorante,
Sei o ba, be, bi, bo, bu; } *bis*
Meu coração palpitante,
Ao pé do terno pastor,
Quando se fala de amor,
Já faz ta, te, ti, to, tu. *bis*

Na escola do deus Cupido
Li o ba, be, bi, bo, bu; *bis*
Meu coração entretido
No seu rosto encantador,
A cada accento de amor
Tinha um ta, te, ti, to, tu. *bis*

Depois que eu já bem sabia
O meu ba, be, bi, bo, bu; *bis*
Cartinha de fóra eu lia
Onde soletrava amor;
Eu sentia um tal ardor,
Como no ta, te, ti, to, tu. *bis*

NAS HORAS NEGRAS DA NOITE

Alvares de Azevedo — João Cunha



Nas horas negras da noite,
Um terno vulto, quem sabe,
Te fale em vozes d'outr'ora,
Dias passados te gabe!

Quando o céo escurecido
Ouvir o bosque gemer,
N'essa orchestra de harmonias
Não pódes ouvir e vêr.

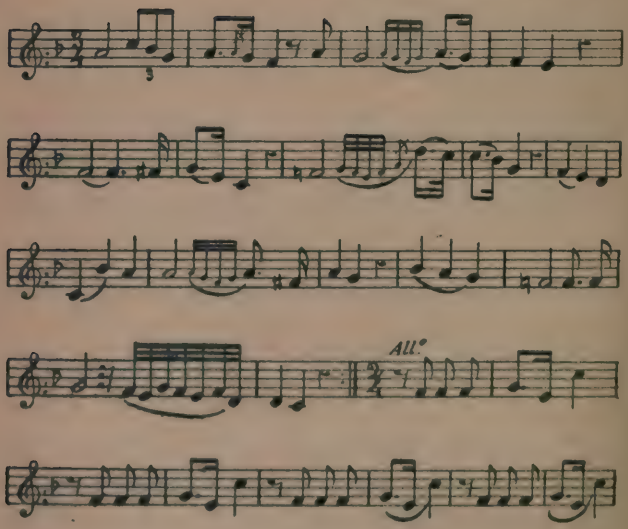
Não corras, anjo, p'ra longe,
Corre p'ra mim, esperança;
Vem a meu seio, vem bella,
Teme o rigor da tardança.

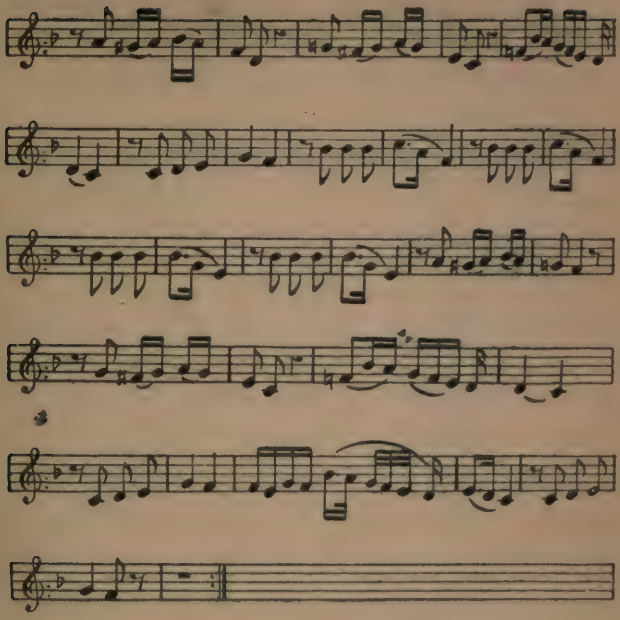
Se ouvires lamentações
Da brisa na flôr, na veiga,
Guarda-as no peito, são minhas,
Torna-te, ó anjo, mais meiga.

Illuminados com beijos
Quero do rosto os teus traços,
Viver da luz dos teus olhos,
A sós morrer em teus braços.

BEIJO A MÃO QUE ME CONDEMNA

Padre José Mauricio N. Garcia





Beijo a mão que me condemna
A ser sempre desgraçado;
Obedeço ao meu destino,
Respeito o poder do fado.

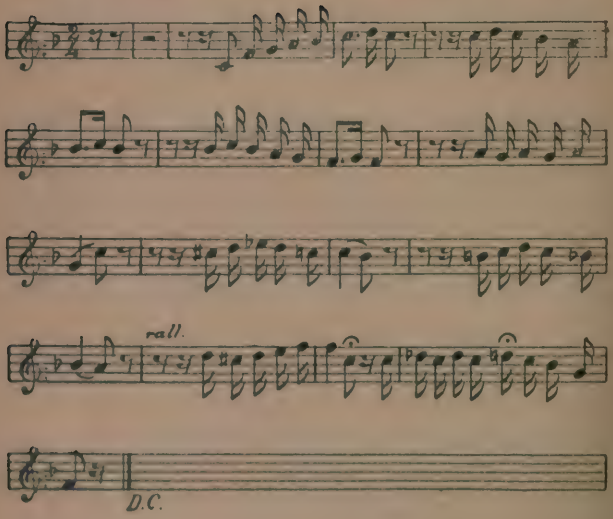
Que eu ame tanto
Sem ser amado,
Sou infeliz,
Sou desprezado.
Sou infeliz,
Sou desprezado.

4 vezes

PAPAI, EU QUERO ME CASAR

* * *

J. M. de Macedo — Francisco de Carvalho



Eu já não sou criança,
E tenho bem juizo;
Já sei que me é preciso
Para viver, amar...
Papai, fiz doze annos,
Eu quero me casar. (*3 vezes*)

Eu tenho os olhos negros
E a face côr de rosa,
Sou linda, esbelta, airosa,
Quem me não ha de amar?...
Papai, sou tão bonita!...
Eu quero me casar. (*3 vezes*)

Eu canto, danso e tóco,
E em bom francez converso;
Tambem faço o meu verso,
Já sei portanto amar;
Papai, faça o que peço.
Eu quero me casar. (*3 vezes*)

Darei minhas bonecas
A' prima Josephina,
E' ainda pequenina,
Não sabe o que é amar;
Não sou mais de brinquedos,
Eu quero me casar. (*3 vezes*)

No coração das moças
Ha um certo bichinho,
Que roe devagarinho
Até fazer amar...
Papai, você me entende?
Eu quero me casar. (*3 vezes*)

Brinquei té nove annos,
Aos dez amor sonhei,
Aos onze suspirei,
E logo soube amar;
E agora aos doze annos,
Papai, quero me casar. (*3 vezes*)

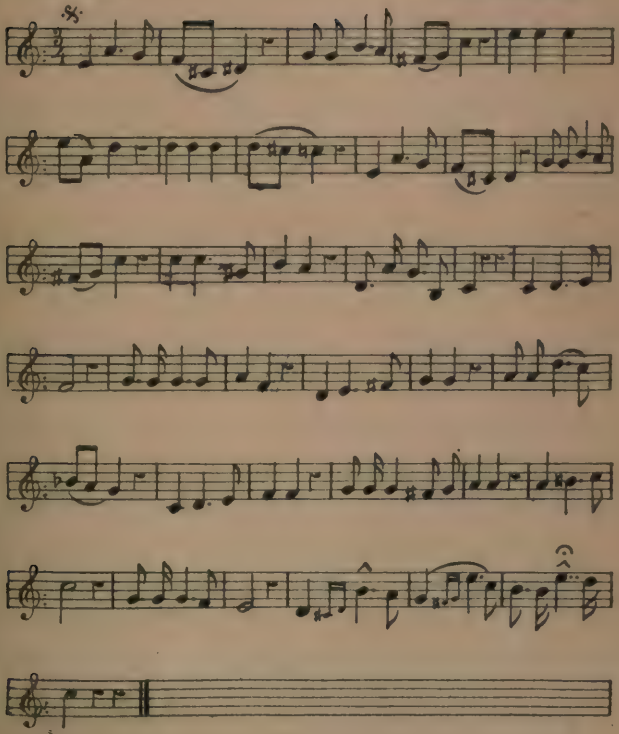
No Club Fluminense
Meu primo me jurou
Que Deus foi quem dictou
A lei que obriga a amar;
Papai, Deus é quem manda,
Eu quero me casar. (*3 vezes*)

Papai ralhar não póde,
Mamãi tambem amou,
E amando me ensinou
Como é gostoso amar;
Papai me deu o exemplo,
Eu quero me casar. (*3 vezes*)

QUERO PARTIR

* * *

Luiz Netto José d'Aragão



Quero partir! ir viver nos campos,
Na sombra grata, que outr'ora vi,
E nas campinas, no arvoredo á tarde,
Saudar as flôres, suspirar por ti.

Quero partir! ir viver nas varzeas,
No berço santo que Jehovah me deu;
No lar dos bosques que brinquei na infancia,
Viver do amor que sómente é meu. *bis*

Quero partir! ir viver nos montes,
Ouvir das feras o bramir de horror;
Carpir meus ais, e no retiro, ao longe,
Saudar as mattas com meu casto amor.

Quero partir! ir morrer bem longe,
Nos braços santos de minha mãi saudosa;
Quero partir e esquecer os bailes
Da terra mesma que me foi bondosa. *bis*

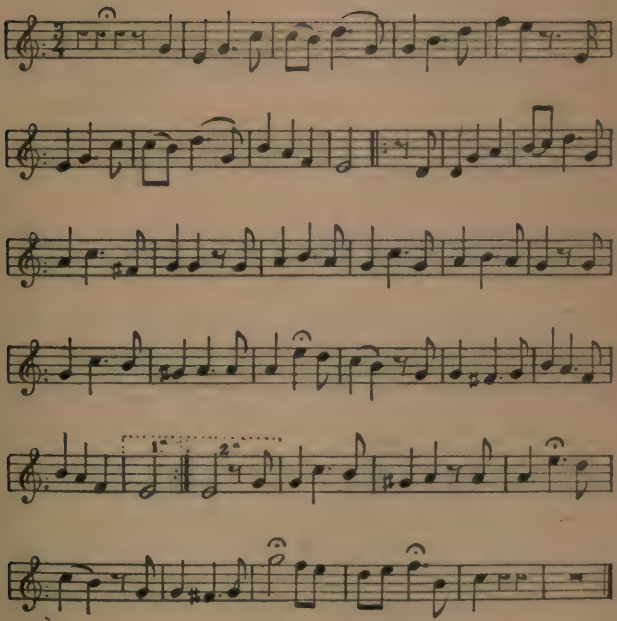
Quero partir! ir descansar do tedio
E d'esta chamma que me abraza ardente,
Deixar a deusa florescer seus dias
No lar extremo d'outro amor contente.

Quero partir! te deixar, Hercilia,
Mas oh que horror ante mim já vejo!
A sorte impura me extermina a vida,
Fulmina até este bem que almejo... *bis*

A FLOR DE MEUS CULTOS

❀ ❀ ❀

Paulo Vax



A flôr de meus cultos,
a rosa que ha pouco
tão cheia de encantos
se via ostentar,
de chofre o tufão
levou-a nas azas,
as pet'las voaram,
dispersas no ar. } *3 vezes*

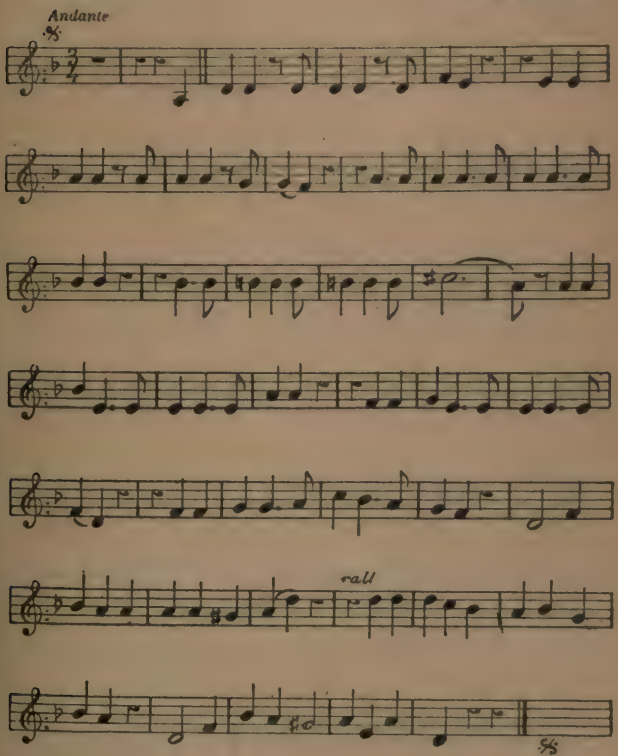
Que flôr é aquella
que, triste e pendida,
o crepe do luto
parece vestir?
E' roxa saudade
que, ausente da rosa,
commigo chorosa
parece sentir! } *3 vezes*

Vem, flôr de minh'alma,
unir-te ao meu seio,
pois quero comtigo
meu pranto verter!
O meu coração,
partido suspira!
Comtigo meu peito
quer triste gemer. } *3 vezes*

SOB O CYPRESTE

* * *

Tito Livio **José de Aragão**



Já viste sombrio cypreste
Sussurrando no mudo falar,
Conversar no silencio da noite
C'o algum genio perdido no ar?...

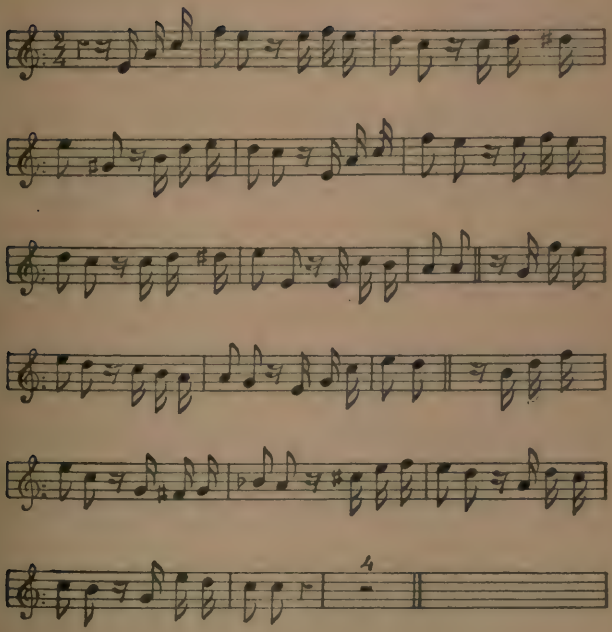
Assim eu falo ás vezes sósinho,
Das estrellas ao mago clarão,
Numa lingua que os anjos entendem,
Tristes écos do meu coração. } *bis*

Triste o amor do poeta! na vida
Vive como o cypreste a gemer,
Tem coroas de loiros na fronte,
Mas estrella presaga ha de ter!

Triste o amor do poeta! no peito
Tem mais fogo que os outros mortaes...
Tem su'alma os mais nobres instinctos,
Mas caminha por trilhas fataes. } *bis*

AS CLARINHAS E AS MORENINHAS

Callado Junior



Babo-me todo
Vendo mocinhas,
Quer sejam claras
Quer moreninhas. } bis

Gosto das claras,
Fallo a verdade,
Mas não lhes tenho
Grande amizade. } bis

Amo-as por gosto,
Brinco — namoro,
Mas seriamente,
Não as adoro. } bis

Jamais por claras
Sinto paixão;
Eu nunca as amei
De coração. } bis

Brinco com ellas
Por divertir,
Matar o tempo,
Zombar e rir. } bis

Mas as morenas!
Jesus!... d'aquellas
Que são da gema,
Morro por ellas. } bis

Ao vêl-as, fico
De amor acceso,
E pelo beiço
Me sinto preso. *bis*

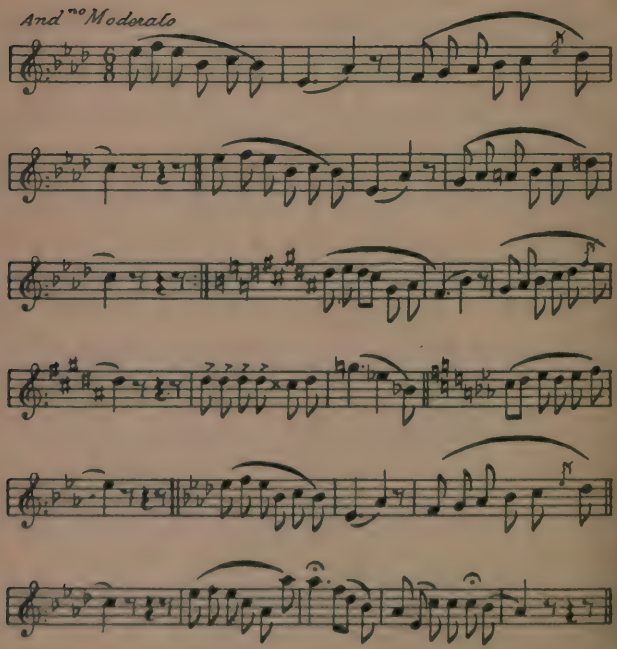
As moreninhas
Fazem-me tôlo;
Ellas me tiram
Todo o miolo. *bis*

Desmaio, choro,
Se chego a vê-las;
E' meu destino
Morrer por ellas.

3.ª SERENATA

* * *

A. Cardoso de Menezes



Murmura a briza fagueira
Passando de flôr em flôr!
E corre, branda, ligeira,
Nas brancas azas do amor!

Gemem de manso na praia
As ondas verdes do mar;
A luz da lua desmaia
Na transparencia do ar!

Tudo descanta e suspira,
No mar, na terra e nos céos;
O proprio silencio inspira
Ferventes hymnos a Deus!

Dentro em minh'alma, uma imagem
Ergue-se cheia de luz,
Como uma grata miragem
Que me fascina e seduz!

É tua imagem, querida,
Que se levanta a sorrir,
Illuminando-me a vida
— Astro do roseo porvir.—

Tremem fugazes lampejos
No teu dulcissimo olhar,
Nos labios teus tremem beijos
De uma volupia sem par!

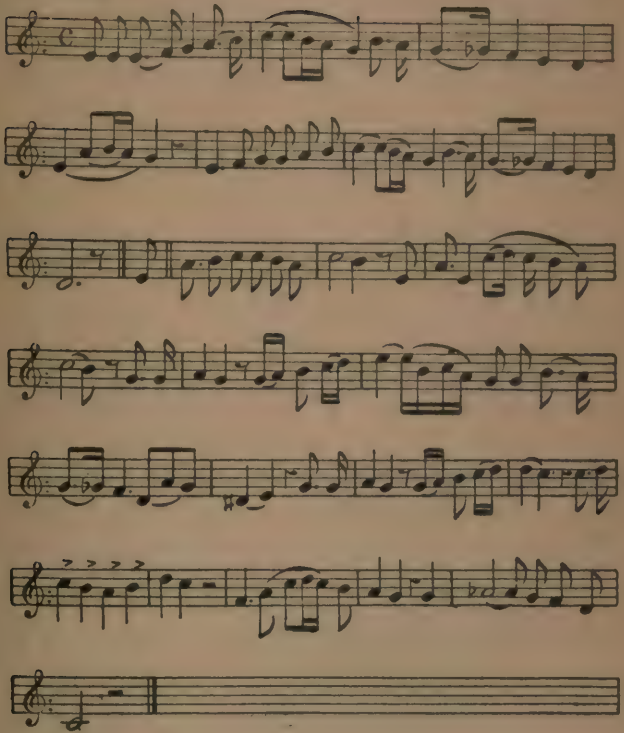
Quizera ter-te abraçada
Bem junto do coração,
Minh'alma á tua enlaçada
Em sempiterna união.

Viver assim, eu quizera,
Ao lado teu, minha flôr,
N'uma infinda primavera
De paz, de luz e de amor!

DESALENTO

Laurindo Rabello João Cunha

Andante



Quando eu morrer, minha morte
Não lamentes, caro amigo,
Que o sepulchro é um jazigo
Onde eu devo descansar;
A minha triste existencia
É tão pesada, é tão dura,
Que a pedra da sepultura
Já não me póde pesar. } bis
Já não me póde pesar.

Uma lagrima, um suspiro,
Eis quanto custa o morrer;
Custa-nos sempre o viver
Prantos, suspiros, sem fim!
Que tormento fôra a vida
Se não fosse transitoria!?...
Não me risques da memoria, } bis
Porém não chores por mim.
Porém não chores por mim.

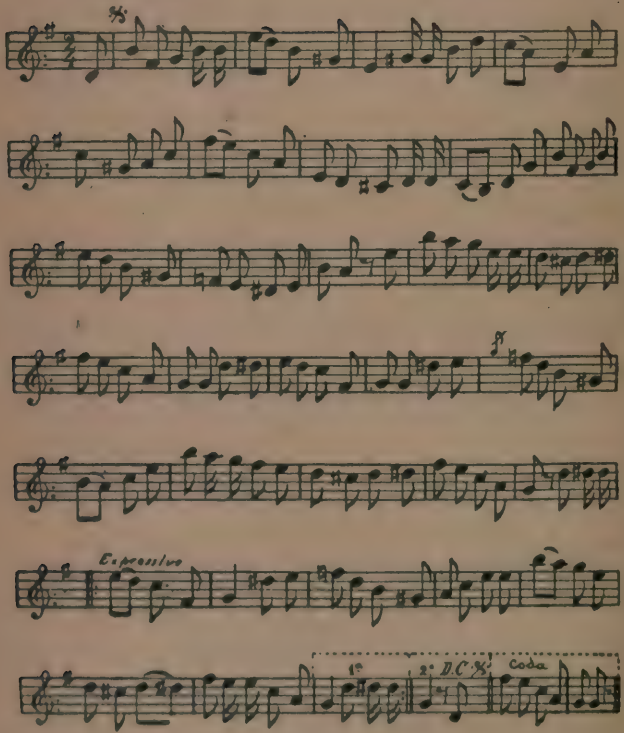
Enchem trevas o sepulchro,
Mais ninguem dellas se queixa;
Quando o morto os olhos fecha,
Não quer luz — quer descansar;
Aquelle fundo silencio,
Aquelle extremo abandono,
Dão-lhe tão profundo somno
Que não póde despertar. } bis
Que não póde despertar.

Já tive medo da morte,
Agora tenho da vida;
Sinto minha alma abatida,
Sem vigor o coração;
Já cançado de viver,
Para a morte os olhos lanço;
Vejo nella o meu descanço,
A minha consolação. } *bis*
A minha consolação.

BOAS NOITES

* * *

Mello Moraes Filho — Annibal de Castro



As boas-noites da varzea
São filhas da luz, — de Deus!
Flôres silvestres nascidas
Á livre aragem dos céos!
Quando Maria, criança,
Tinha na sorte matizes,
As boas-noites amava...
Eram-lhe as noites felizes!...

Boas-noites! lindas noites
Foram-lhe aquellas de então!
No seio infante a innocencia,
Luz, perfumes no sertão.
Porém Maria cresceu,
E do mundo no festim
Não mais achou boas-noites...
As noites de seu jardim! } bis

Ai! não te lembras, Maria,
Quando no rio da aldeia
Suppunhas vulto de fada
Os raios da lua cheia?...
Eras candura, esperança,
Eras affecto, — eu, carinhos;
Perdeste as azas, cahiste,
Sangra-te o pé nos espinhos.

E eu, proscripto, estrangeiro,
N'este paiz de tristeza,
Te vejo fria de vicios
No luto da natureza!
Choremos, sim, tantos sonhos
Que cedo se esvaeceram;
Com as boas-noites da varzea
As nossas noites morreram.

BELLA NYMPHA DE MINH'ALMA

* * *

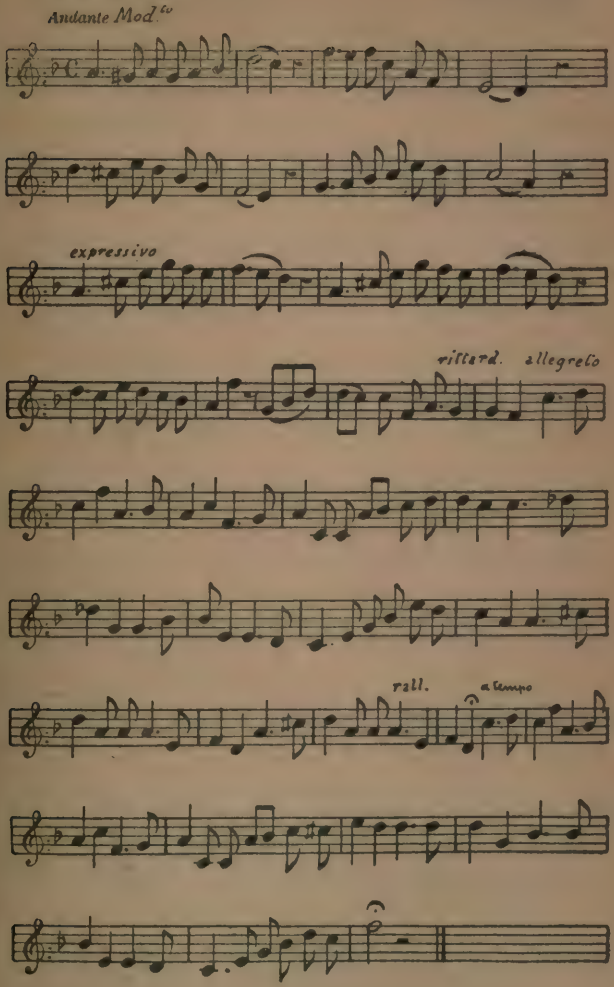
Bella nympha de minh'alma,
Volve a mim a face diva;
De meu amor dá-me a palma,
Não sejas comigo esquiva. } bis

Aos amores que afogueiam
Meu peito, qual chamma activa,
Mago balsamo celeste
Pódes dar-lhe compassiva. } bis

ESTRIBILHO

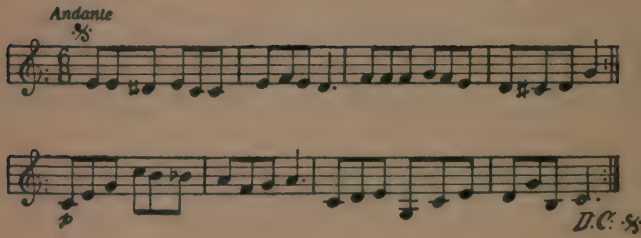
Ah! consente que eu te adore,
Se quizeres que eu inda viva. } 5 vezes

Passos Ourique **Carlos Gomes**



TENHO CIUMES

Antonio de Brito — Musica de ***



Eu tenho ciumes dos negros cabellos,
Que presos ás tranças me chamam a ti;
Nos anjos formosos, perdidos na terra,
Tão lindos, tão bellos ainda não vi!

Eu tenho ciumes dos olhos ardentes
Que chammas avivam no meu coração!
Nos ternos lampejos do timido fogo
Fascinam, seduzem de vivos que são!

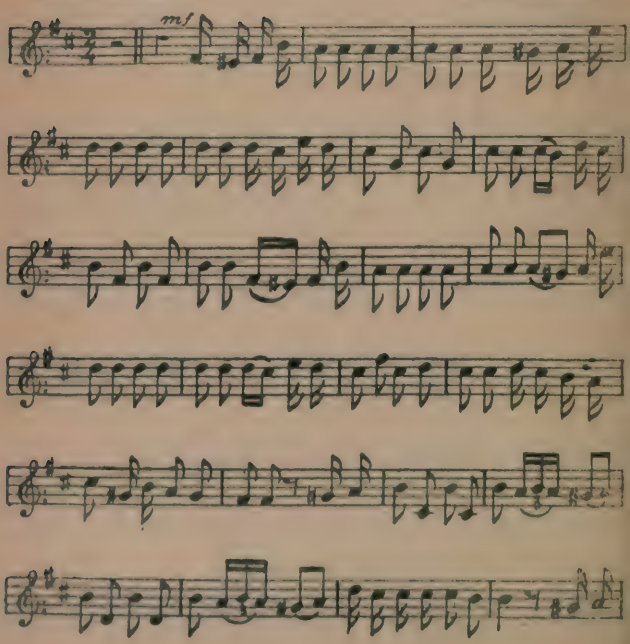
Eu tenho ciumes da bocca innocente,
Dos dentes tão alvos, do brando falar,
Dos meigos sorrisos que brincam nos labios,
Que outrem não póde, não sabe imitar!

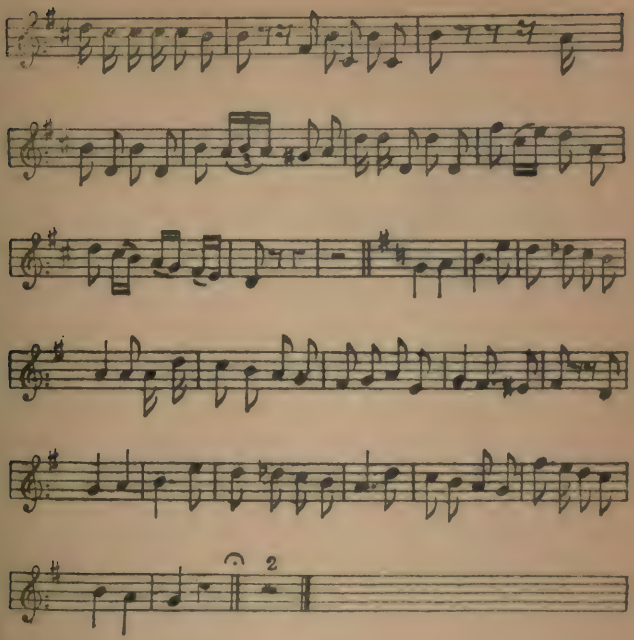
Eu tenho ciumes das faces rosadas,
Do collo que brilha, que juras ser meu,
Do leito em que dormes, eu tenho ciumes
Dos sonhos de virgem, de tudo que é teu.

A MISSA CAMPAL

(CANÇONETA)

Oscar Pederneiras L. C. Desormes





I

Tendo um genio vivo e pagodista,
Para a bella pandega descaio;
Fui com a familia p'ra revista
Em honra do treze de maio.

Ai! que prazer calmo e jocundo!
Fomos assim a dois de fundo...
A mãi á filha a frente guarda,
E eu co'a sogra á rectaguarda.

Cada um para a viagem
Levou matolotagem;
O dégas todo o pão levou;
A esposa um queijo, nada máo,
A sogra preparou bôlos de bacalháu;
E o menino, que bello angú,
Os quingombôs e carurú!
Bem contentes,
Mui diligentes, } *bis*
P'ra o bello S. Christovão
Fomos afinal!
Os quatro a rir,
P'ra poder assistir
O desfilar das tropas
E á missa campal.

II

Iamos de carro, de repente
Surgiu a tropa — bella vista!
De cada corpo um contingente
Marchava largo p'ra revista...
Uma das bestas, espantada,
Levou a outra em disparada...
Ai, que sarilho! ai, que escarcéo!
Perdi o pão, perdi o chapéo.

A pobre minha sogra,
Que vêr bem já não logra,
Em desespero entra a gritar,
Prende-se a mim para saltar;
Porém, n'um repellão,
Fomos ambos ao chão,
De fórma tal que por um triz
No olho entrou-lhe o meu nariz.

Mas passado
O caso desastrado,
A pé p'ra São Christovão
Fomos nós, afinal;
Os quatro a rir,
Para poder assistir
Ao desfilar das tropas
E á missa campal.

III

Mas ao Campo emfim eis-nos chegados;
Na relva fomos descansar,
E já de fome torturados,
Entramos logo a manducar.
Taratatá! ouço tocar,
Lá ia a missa começar...
Trepei aos hombros da mulher,
E esta na filha, que p'ra vêr,
Trepára mais atrás
Aos hombros de um rapaz...
A sogra, que já não vê bem,
Trepar em todos quer, porém,
Coitada foi ao chão
Do alto de um lampeão!
E foi a queda tão aguda,
Que a pobre velha ficou muda.

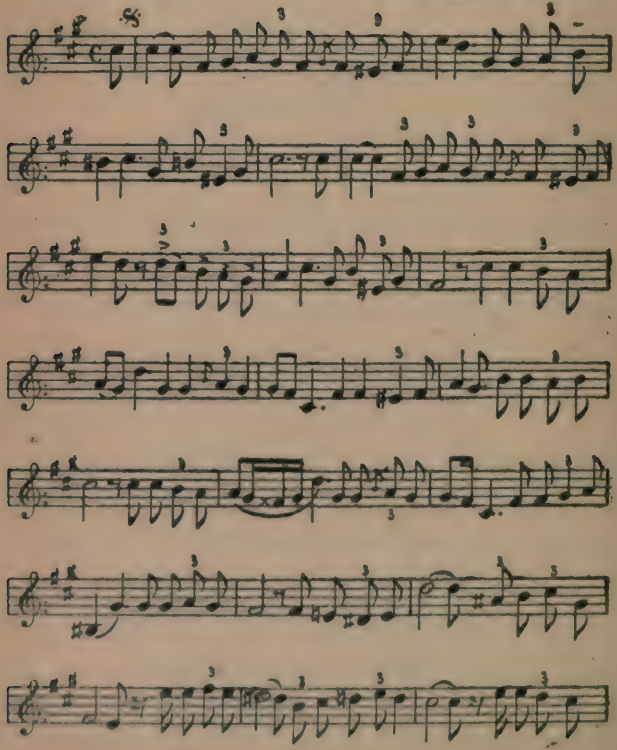
A chorar,
Tivemos que voltar
Do bello São Christovão,
Sem poder, afinal,
Dizer a rir,
Que fomos assistir
Ao desfilar das tropas
E á missa campal.

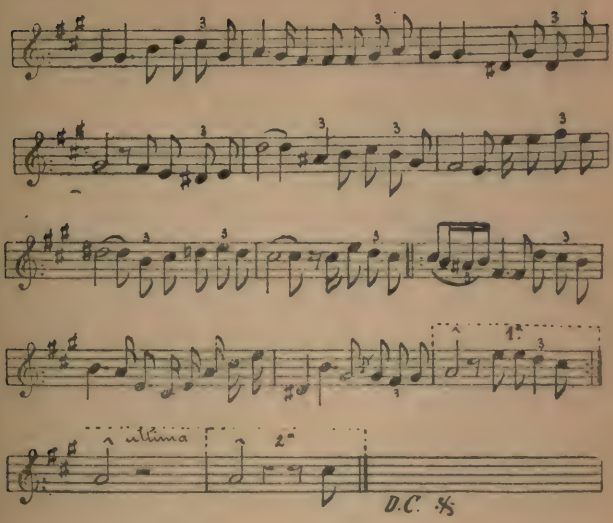
O BEM-TE-VI

* * *

Mello Moraes Filho

Miguel Emygdio Pestana





A' sombra frondosa de enorme mangueira,
Coberta de flôres, da tarde ao cahir,
A virgem dos campos, morena, garbosa,
Contava ao amante meiguices a rir. } *bis*

O céo era bello! Na beira da estrada
Cantava o *encontro* nas moitas de ipé!
E os olhos da virgem tornaram-se languidos,
E os labios mais rubros que o rubro café. } *bis*

E qual uma flecha que envia o selvagem,
Um'ave n'um ramo, n'um galho pousou!...
E o joven dizia palavras mais ternas,
E a virgem mais ternas venturas sonhou. } *bis*

— Se deres-me um beijo, trigueira, em minh'alma
Terás sempre affectos, delirio, paixão!
No pouso, uma rêde de pennas, bem feita,
Na minha viola, saudosa canção... } *bis*

Depois d'esse beijo, talvez que o primeiro,
Não sei que mysterio passara-se ali:
Cobrira a trigueira, vexada, o semblante,
E a ave, voando, gritou: — Bem-te-vi! } *bis*

A' sombra frondosa de enorme mangueira,
Coberta de flôres, da tarde ao cahir,
A virgem dos campos, morena, garbosa,
Contava ao amante meiguices a rir. } *bis*

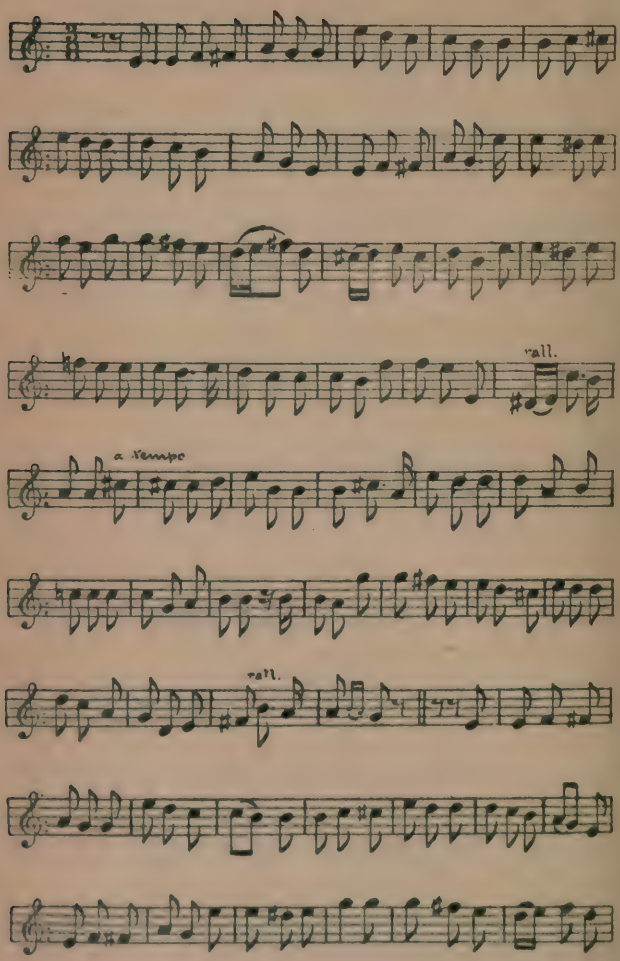
MORENA, TEUS OLHOS

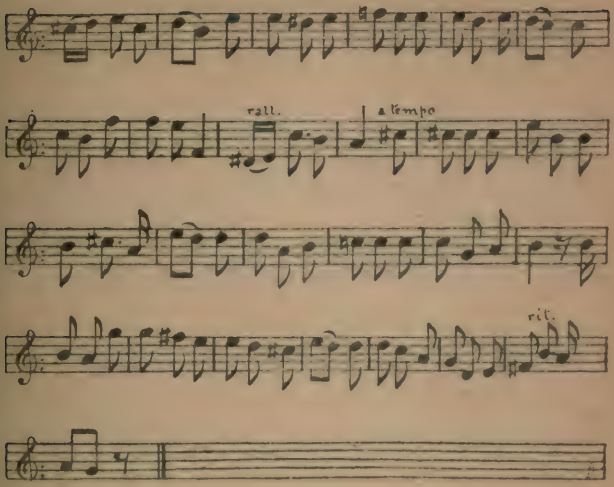
Morena, teus olhos
Tem luz scintillante,
Nos labios teus brincam
Mil beijos de amante:
Asylas as graças
No lindo semblante;
Mas ah! deu-te amor
Farpão penetrante...

Morena travessa,
D'onde é que vieste?
Sem dó no meu peito,
Que golpe me déste!...
Quando eu te julgava
Divina, celeste,
Assim teu escravo
Cruel me fizeste!... } *bis*

O' linda morena,
Qual raio fugaz,
Por onde tu passas
Conturbas a paz...

Ed. Villas Boas H. A. de Mesquita





Teu rir feiticeiro,
Se amantes mil faz,
No teu peito ha gelo
Que a morte lhes traz.

Os homens seduzes
Por mago condão,
Depois que os captivas
Lhes foges então!...
Assim foi comigo,
Que ardo em paixão
Depois que fugiste
Com meu coração!

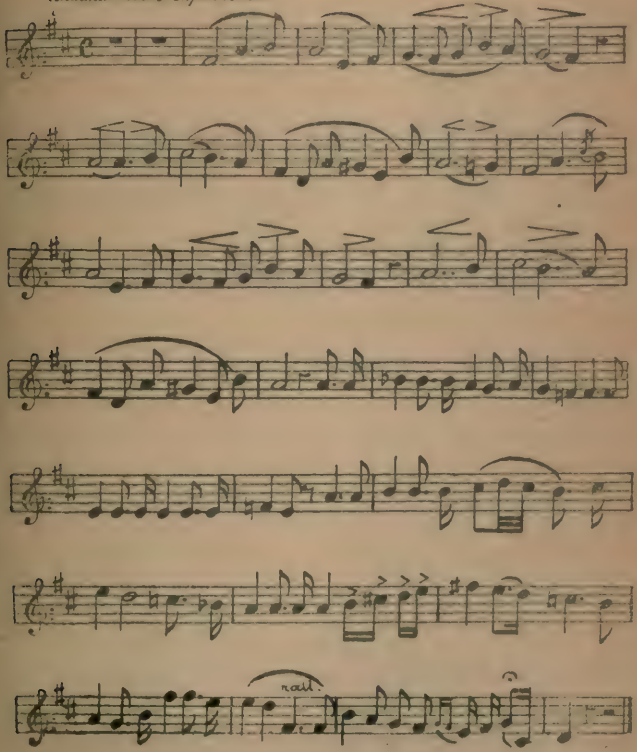
Aos astros, ás flôres,
A tudo que existe,
Pergunto, ó morena,
P'ra onde fugiste...
Não já venturoso,
Não qual tu me viste;
Porque tua ausencia
Me faz hoje triste.

Morena travessa,
Morena formosa,
Esbelta, faceira,
Querida e saudosa!
Ah, vem, não te occultes,
Mas terna, amorosa,
Esta minha vida
Fazer venturosa!

CONFISSÃO E DESENGANO

Dr. Velho da Silva H. A. de Mesquita

Andante mosso expressivo



Tu és bella, teu rosto é tão lindo
Como um astro de noite a luzir;
São teus labios a rosa entre-abrindo,
É de um anjo teu mago sorrir.

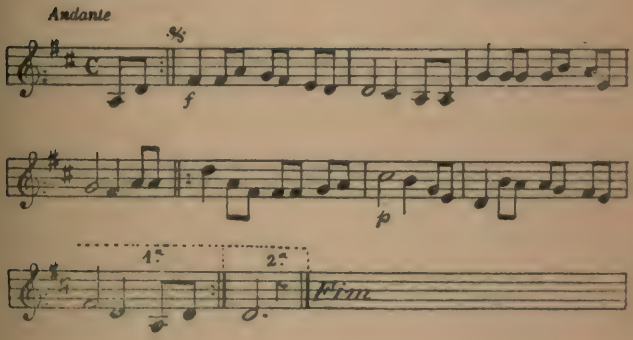
Mas que importa que sejas um Nume,
Se és um'alma de affectos descrida,
Uma rosa de amor sem perfume,
Uma estatua formosa sem vida? } bis

Tu serias de amor minha estrella,
Dos meus sonhos o puro ideal;
Fôras tu, anjo meu, menos bella,
Mas teu peito mais firme e leal!

Esses cantos de outr'ora acabaram,
Para ti minha deusa findou,
Teus desprezos as cordas quebraram
D'esta lyra que a ti se votou. } bis

NESTAS PRAIAS DE LIMPIDAS AREIAS

França Junior — Musica de ***



Nestas praias de limpidas areias
Prateadas á noite pela lua,
Passo as horas scismando nos amores
Que perdido bebi na imagem tua.

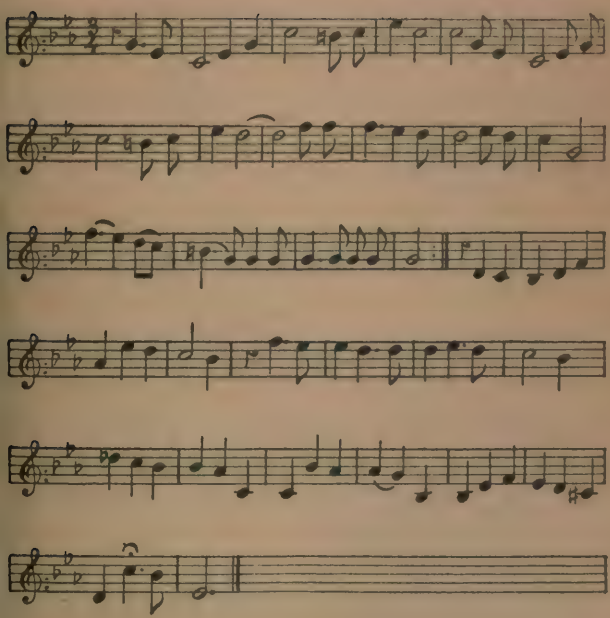
Quando o sol pelos montes declinando,
Vai no mar sepultar os seus ardores,
Uma lagrima me rola pelas faces
Recordando sósinho esses amores.

Ó campinas, ó praias seductoras,
Ó montanhas, ó valles de saudade,
Meus segredos guardai em vosso seio
Desse tempo de tanta felicidade.

Ó recintos, que não passem destes mares,
Quantos votos a ella eu dediquei!
Guardem praias, montanhas e campinas,
Quantos ais e suspiros lhe enviei.

A PARTIDA

Soares de Passos — Fructuoso A. de Moura



Ai! adeus, acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado;
Sôa a hora, o momento fadado;
É forçoso deixar-te e partir.
Quão formosos, quão breves que foram
Esses dias d'amor e ventura!
E quão cheios de longa amargura
Os da ausencia vão ser no porvir!

Olha em roda estas margens virentes:
Já o outomno lhes despe os encantos;
Cedo o inverno com gelidos mantos
Baixará nas montanhas d'além.
Tudo triste, sombrio, e gelado
Ficará sem verdura nem flôres:
Tal meu seio privado d'amores,
Ficará de ti longe tambem.

Não sei mesmo, não sei se o destino
Me dará que eu te abrace na volta...
Ai! quem sabe onde a vaga revolta
Levará meu perdido baixel?
Sobre as ondas sem norte, e sem rumo,
Açoutado por ventos funestos,
Subirá por ventura seus restos
Nas voragens d'ignoto parcel.

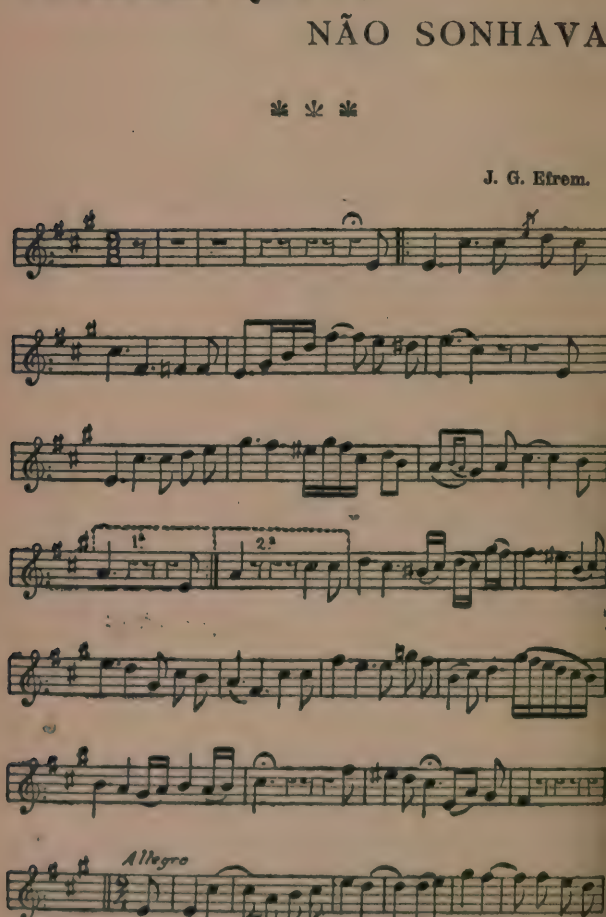
Mas ah! longe esta ideia sombria!
Longe, longe o cruel desalento!
Após dias d'amargo tormento
Virão dias mais bellos talvez.
Dá-me ainda um sorriso em teus labios,
Uma esp'rança que esta alma alimente,
E na volta da quadra florente
Eu co'as flôres virei outra vez.

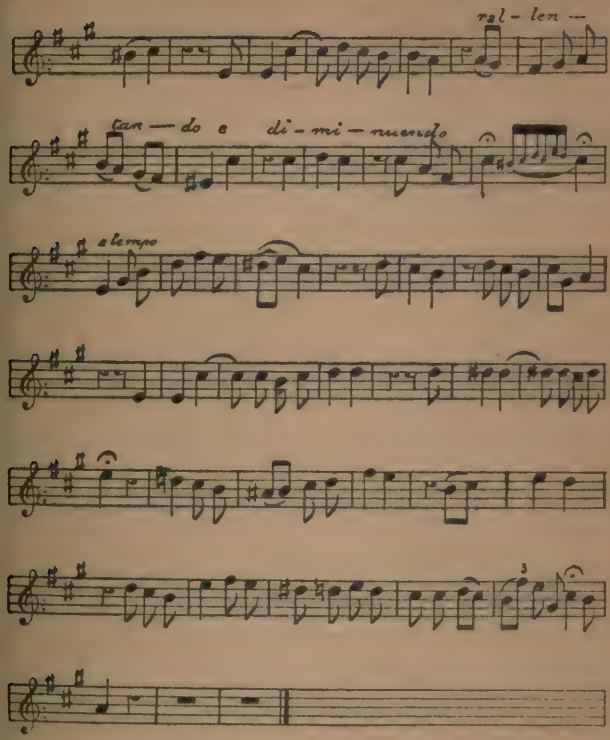
Mas se as flôres dos campos voltarem
Sem que eu volte co'as flôres da vida,
Chora aquelle que em tumba esquecida
Dorme ao longe seu longo dormir.
E cada anno que o sopro do outomno
Desfolhar a verdura do olmeiro,
Lembra-te ainda do adeus derradeiro,
D'este adeus que te disse ao partir!

PRAZERES QUE EU NÃO SONHAVA

* * *

J. G. Efrem.





Prazeres que eu não sonhava
Teu amor me fez gozar;
Bella Armia, tu não queiras
A minha vida acabar!
A vida minha acabar.

bis

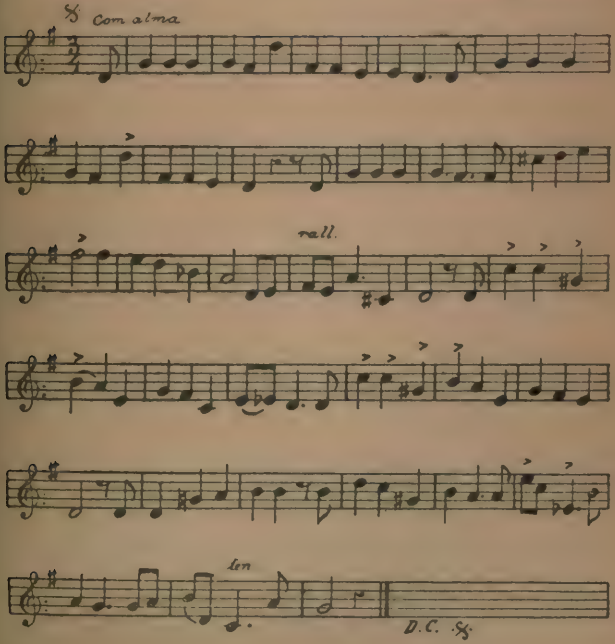
Careço de ti meu anjo } bis
Careço de teu amor
bis Sim! careço de teu amor
Como da gota do orvalho
Carece do prado a flôr.

De teus labios na fragrancia
Vi do céo todo o dulçor;
Goza amor — quem t'idolatra,
Porém soffre o teu rigor.

Não fujas de mim, meu anjo,
Careço do teu amor,
Como do orvalho celeste
Carece na terra a flôr

POESIA E AMOR

Casimiro de Abreu — Francisca Gonzaga



A tarde que expira
A flôr que suspira,
O canto da lyra
Da lua o clarão;
Dos mares na raia
A luz que desmaia,
E as ondas na praia
Lambendo-lhe o chão

Da noite a harmonia
Melhor que a do dia,
E a vida ardentia
Das aguas do mar;
A virgem incauta,
As vozes da flauta,
E o canto do nauta
Chorando o seu lar;

Os tremulos lumes,
Da fonte os queixumes,
E os meigos perfumes
Que solta o vergel;
As noites brilhantes,
E os doces instantes
Dos noivos amantes
Na lua de mel;

Do templo nas naves
As notas suaves,
E o trino das aves
Saudando o arrebol;
As tardes estivas,
E as rosas lascivas
Erguendo-se altivas
Aos raios do sol;

A gota de orvalho
Tremendo no galho
Do velho carvalho,
Nas folhas do ingá;
O bater do seio
Dos bosques no meio,
O doce gorgeio
D'algum sabiá;

A orphã que chora,
A flôr que se cora
Aos raios da aurora,
No albor da manhã;
Os sonhos eternos,
Os gozos mais ternos,
Os beijos maternos,
E as vozes de irmã;

O sino da torre
Carpindo quem morre,
E o rio que corre
Banhando o chorão;
O triste que vela
Cantando á donzella
A trova singella
Do seu coração;

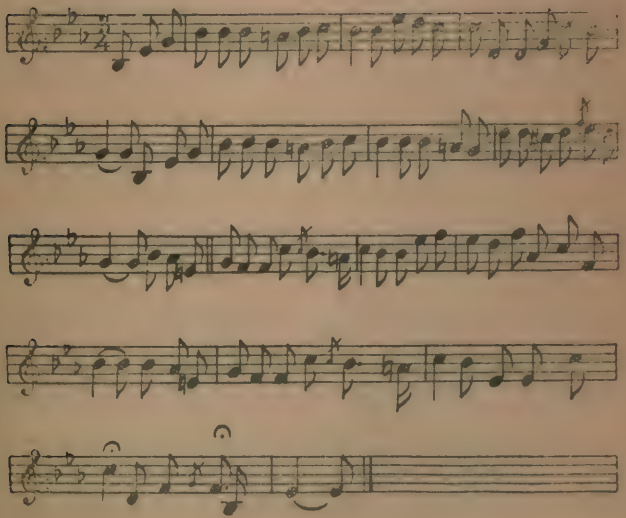
A luz da alvorada,
E a nuvem dourada
Qual berço de fada
N'um céo todo azul;
No lago e nos brejos
Os fervidos beijos
E os loucos bafejos
Das brisas do sul;

Toda essa ternura
Que a rica natura
Soletra e murmura
Nos halitos seus;
Da terra os encantos,
Das noites os prantos,
São hymnos, são cantos
Que sobem a Deus!

Os tremulos lumes,
Da fonte os queixumes,
Dos prados a flôr;
Do mar ardentia,
Da noite a harmonia,
Tudo isso é — poesia!
Tudo isso é — amor!

SEMPRE ELLA

E. Bithencourt Xisto Bahia



Se foi no doce de um scismar saudoso
— Todo indolente — quando o sol desmaia....
E a flôr o aroma derradeiro exhala,
E a onda brinca no areial da praia;
E quando a musa pensativa afina
A lyra d'alma, que só faz gemer,
E em nosso seio sua fronte inclina
Pallida e fria... não n'o sei dizer!

Se foi em sonhos — quando a noite linda
Suspira triste pelo azul dos céos. —
Chorando estrellas sobre a ingrata filha
A terra, envolta nos sombrios véos...
E quando a musa com seus roseos dedos
Vibra nossa harpa que só faz gemer,
Dizendo ao bardo sonhador segredos
Santos, queridos... não n'o sei dizer!

Mas eu bem via, como n'outros tempos,
Morbida e bella a desfolhar amores...
Eu a seguia desvairado e louco,
Ella... sorrindo, me atirava flôres!
Me ardia em febre o coração no peito,
Phrases de fogo disse-lhe a tremer...
Se foi sonhando no meu pobre leito,
Se foi scismando... não n'o sei dizer!

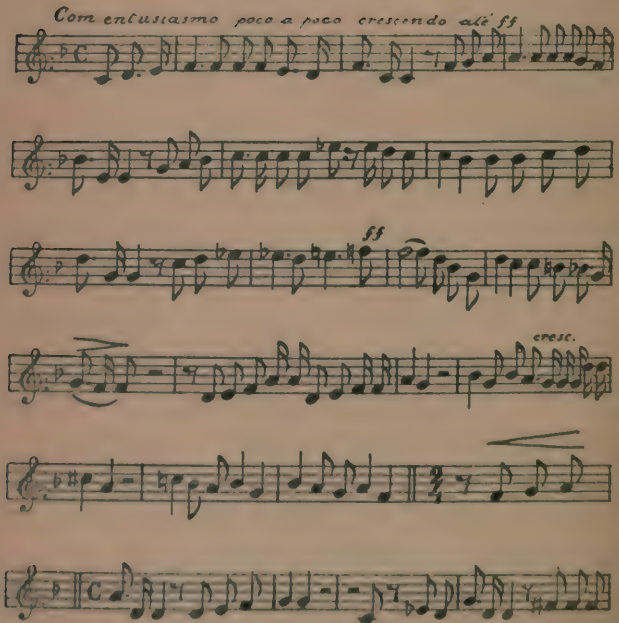
Nos negros olhos do setim mais puro,
Nas roxas palpebras quanta dôr eu li!
E a rosa aberta de seus rubros labios
Dizia: — eu vivo, mas pensando em ti!
A's suas plantas me curvei de joelhos
E eu disse — virgem, vamos nós morrer?
Seus ternos olhos — divinaes espelhos,
Disseram tanto... que eu nem sei dizer!

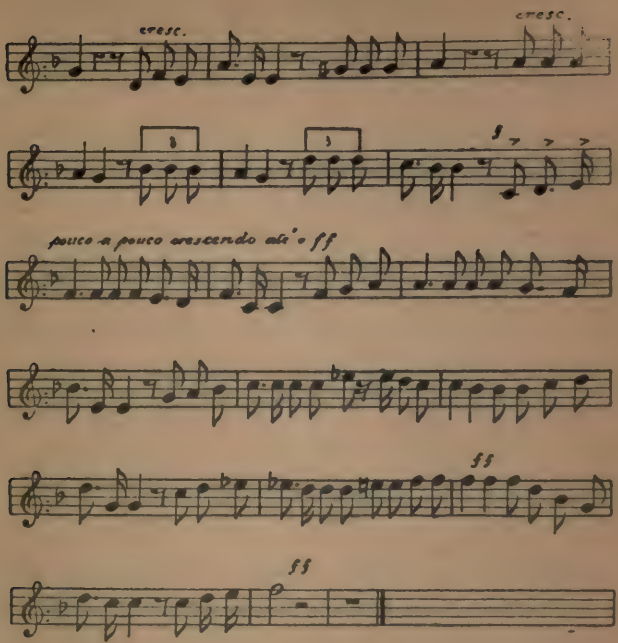
Foi um momento que resume sec'los,
Foi um instante que nos céos passei!
Ella atirou-se nos meus braços triste...
Chorava ella... e eu tambem chorei!
Me ardia em febre o coração no peito,
Phrases de fogo disse-lhe a tremer...
Se foi sonhando no meu pobre leito,
Se foi scismando... não n'o sei dizer!

TU ÉS O SOL

* * *

Juvenal Galeno **Alberto Nepomuceno**





Tu és o sol! Das regiões ethereas
Á terra envias tua luz benefica
E seu calor
É teu amor...
Seus lindos raios — teus olhares vividos;
O teu sorrir,
É seu fulgir,
De vernaes alvas, entre a densa nevoa;

E eu, no páramo,
Planta gelada,
Triste, miserrima,
Abandonada!
Quando raiaste
Tu me salvaste,
A vida déste-me
Afortunada.

E, pois, em extasis,
Qual gira-sol,
P'ra ver-te volvo-me
Desde o arrebol:
Qu'és o meu dia,
Minha alegria...
Sou planta gelida,
Tu és o sol!

A MARREQUINHA

(LUNDÚ)

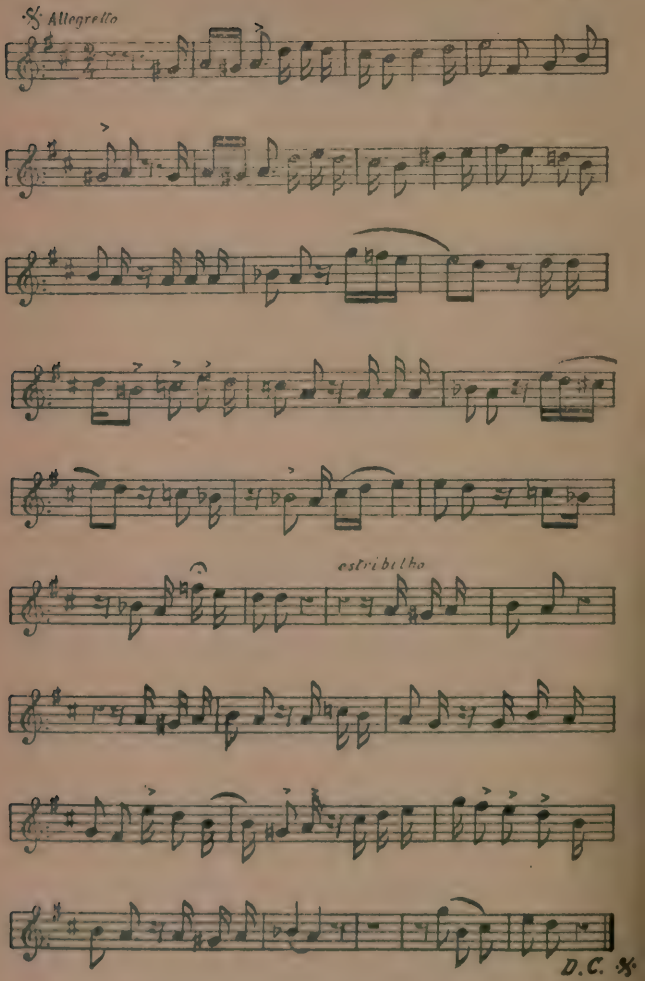
Os olhos namoradores
Da engraçada yáyásinha,
Logo me fazem lembrar
Sua bella marrequinha. } bis

Yáyá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca. } bis

Se dansando a brasileira,
Quebra o corpo a yáyásinha,
Com ella brinca pulando
Sua bella marrequinha.

Yáyá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

F. P. Brito F. M. da Silva



Quem a vê terna e mimosa
Pequenina e redondinha,
Não diz que conserva presa
Sua bella marrequinha.

Yáyá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

Na margem da Caqueirada
Não ha bagre e nem tainha,
Ali foi que ella criou
Sua bella marrequinha.

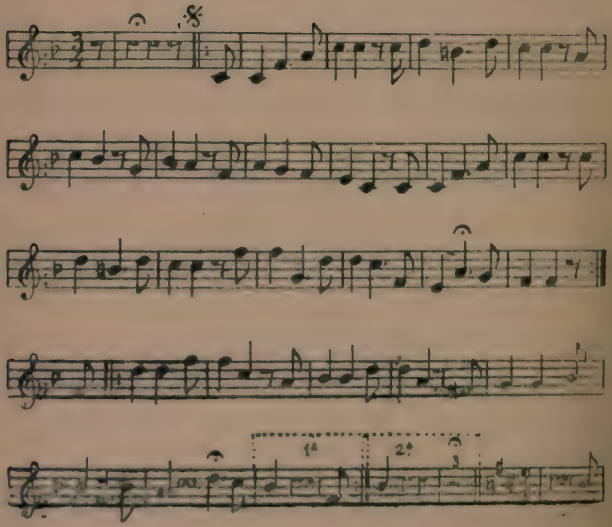
Yáyá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

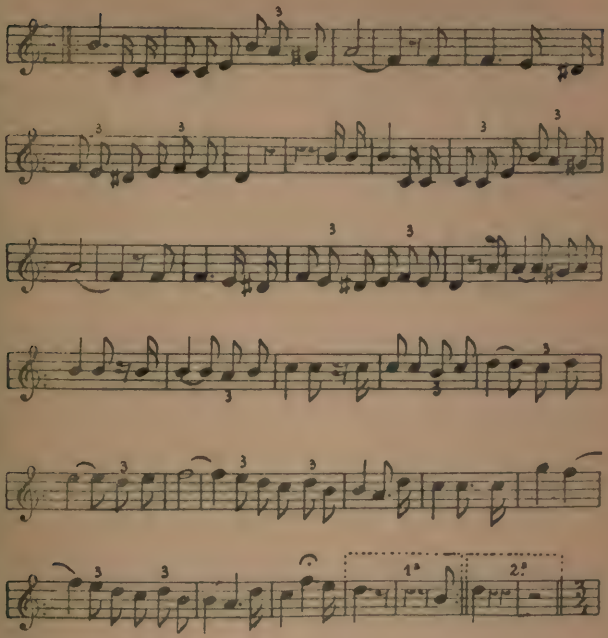
Tanto tempo sem beber,
Tão jururú... coitadinha!
Quasi que morre de sêde
Sua bella marrequinha.

Yáyá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

AS BAHIANAS

Tito Livio José de S. Aragão





São astros luzentes, são lindas estrellas
Os anjos formosos da minha Bahia;
Seus olhos se quebram, meu Deus, que ternura!
Tão vivos fascinam, qual astro do dia.

Seus risos são flôres caídas do céo
Em labios formados de fino coral,
Que enfeitam as lyras dos nossos poetas,
Que ornam seus cantos com voz divinal.

São meigas no gesto, na fala sonora,
No todo resaltam encantos aos mil;
A fina cintura se move em volupia
Aos lindos requebros do corpo gentil.

Se o negro das tranças, exparsas no collo,
Resvala do jambo no mimo da côr,
São flôres boiando n'um campo de jaspe...
As minhas patricias são anjos de amor.

Uns olhos travessos que o fogo dos tropicos
Exprimem ardentes um magico olhar,
Plantados em rosto, de côr moreninha,
Quem ha que as bahianas não ha de adorar?

As flôres que exhalam suaves perfumes,
Que em muda linguagem nos falam d'amores,
Tem magos encantos, têm mil attractivos,
Porém das bahianas não têm os primores.

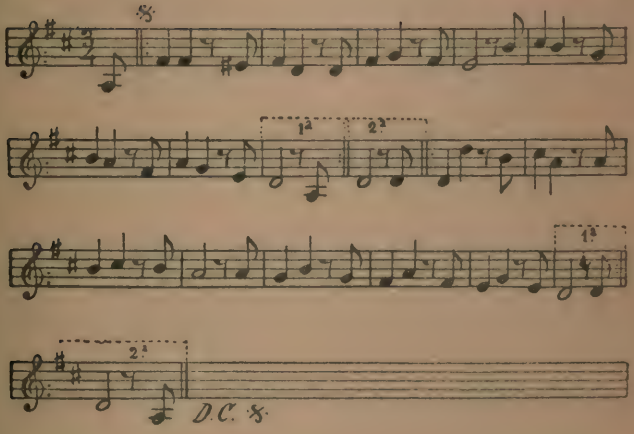
Quem ha que escutando do seu canto melifluo
Não julgue expandir-se n'um céo de prazer!...
Com os ternos arroubos da voz argentina
Os anjos bahianos nos fazem morrer.

bis

SE EU FORA POETA

* * *

J. S. Arvellos



Se eu fôra poeta
De meigo trovar,
Celeste harmonia
Quizera te dar,

Comtanto que tu
Soubesses me amar.

Se eu fôra uma pomba,
Depois de voar,
Em teu lindo collo
Quizera pousar,

Comtanto que tu, etc.

Se eu fôra na terra
Um rei a reinar,
Daria meu throno
Por teu meigo olhar.

Comtanto que tu, etc.

Se d'entre os archanjos,
Archanjos sem par,
Quizera em teu somno
constante velar,

Comtanto que tu, etc.

Se eu fôra do céo
Estrella a brilhar,
Meus brilhos, Francina,
Quizera te dar,

Comtanto que tu, etc.

Se eu fôra um peixinho
De leve nadar,
Salvava Francina
Das ondas do mar,

Comtanto que tu, etc.

Se eu fôra o sereno
De grato luar,
O teu lindo campo
Quizera orvalhar,

Comtanto que tu, etc.

Se eu fôra do sol
O seu dardejar,
O teu lindo corpo
Quizera esquentar,

Comtanto que tu, etc.

Se eu fôra a lua
No céo a brilhar,
Daria um sorriso
Pelo teu olhar,

Comtanto que tu, etc.

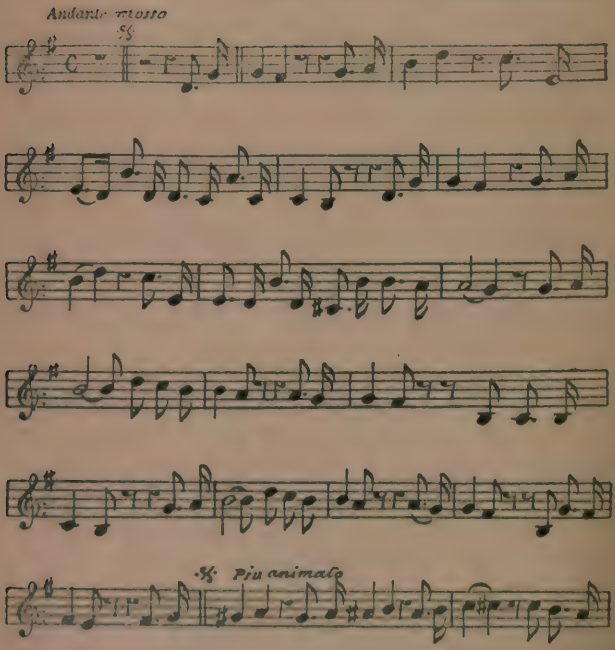
Se eu fôra o diabo
E soubesse tentar,
Tentava a Francina
P'ra ella me amar,

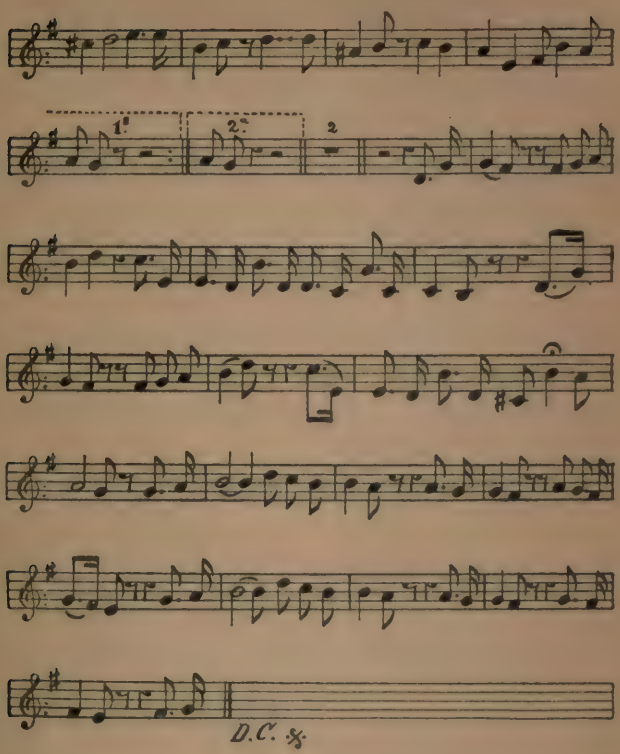
Comtanto que tu, etc.

EU TE ADORO

* * *

Poesia e musica de **F. Moniz Barreto**





Eu te adoro, linda fada
Dos vergeis, dos vergeis do paraiso.
Minha vida te darei
Se me deres, se me deres um sorriso.
Se um só dia não te vejo,
Em minh'alma é tudo trevas
Se te avisto e de mim foges
Comtigo meus olhos levas.

ESTRIBILHO

Eu te adoro, linda fada
Dos vergeis do paraiso } bis

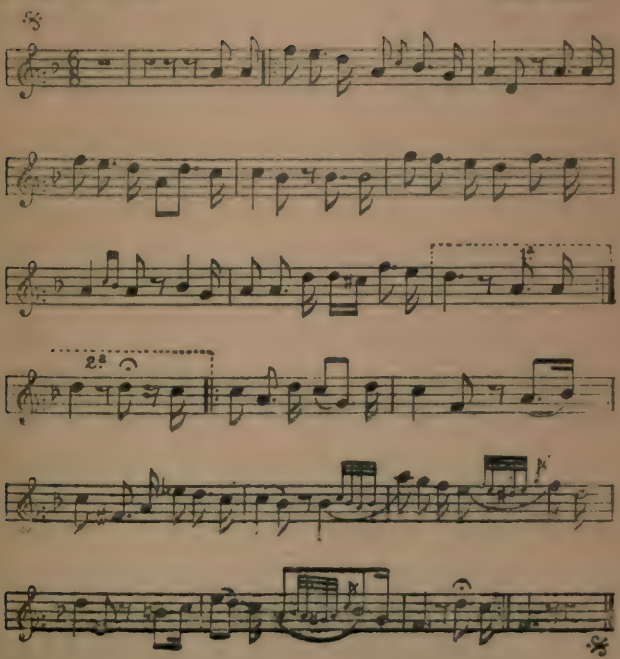
Lá do céo, onde habitavas,
Lindo anjo, lindo anjo peregrino,
Trouxeste parte da luz
No teu, no teu semblante divino.
N'essa luz foi que abrazei-me
Quando vi-te a vez primeira;
Seja ella que illumine
Minha hora derradeira.

Eu te adoro, etc.

AH! TU DORMES O SOMNO DA MORTE

* * *

Dr. F. J. B. A. Santa Rosa



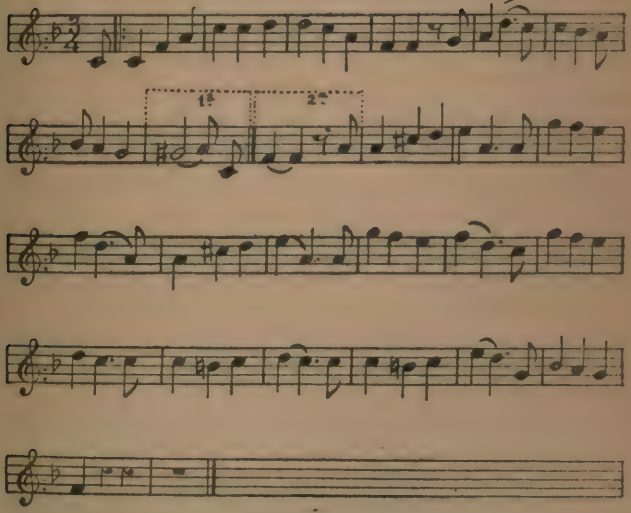
Carolina, meu anjo querido,
Vem lançar-te aos braços meus;
Vem ligeira, não tardes, ó filha
Que em partilha recebi de Deus. *bis*

Ah! tu dormes! então velemos
Velemos o somno teu,
O somno de anjos é leve
Só descançam lá no céo. *bis*

QUE NOITE DE ENCANTO

Soares de Passos

Carlos Cesar



Que noite d'encanto! } bis
Que lucido manto! }
Que noite! amo tanto }
Seu lindo fulgôr! }
Oh! vem, oh! donzella, } bis
Não temas, oh! bella, }
Que á noite só véla }
Quem sonha de amor. }

A luz infinita
Dos astros, crepita,
Arqueja e palpita
Serena a brilhar:
Assim o teu seio
De casto receio,
De timido enleio,
Costuma pulsar.

A lua, qual chamma,
Que os seios inflamma,
Fanal de quem ama,
Desponta no céo:
E a nitida fronte
Retracta na fonte,
E estende no monte
Seu candido véo.

E a fonte murmura
Por entre a verdura,
E ao longe d'altura
Lá desce a gemer;
Que sons, que folguedos!
Parece aos rochedos
Dizer mil segredos,
D'infindo prazer.

Silencio! o trinado
Lá solta enlevado,
Das noites o amado,
Da selva o cantor:
E o hymno qu'entôa,
No bosque resôa,
E ao longe revôa
Gemendo de amor.

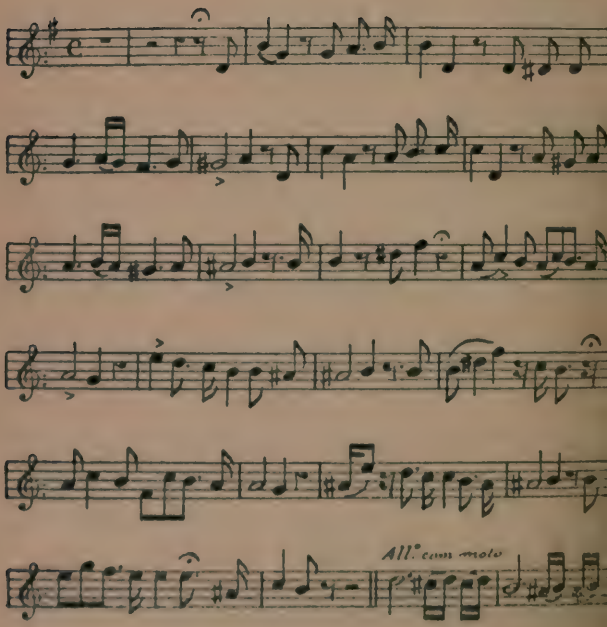
O facho da lua
C'o a sombra fluctua,
Avança e recúa
No chão do jardim;
Nas azas da aragem,
Que agita a folhagem,
Rescende a bafagem
Da rosa e jasmim.

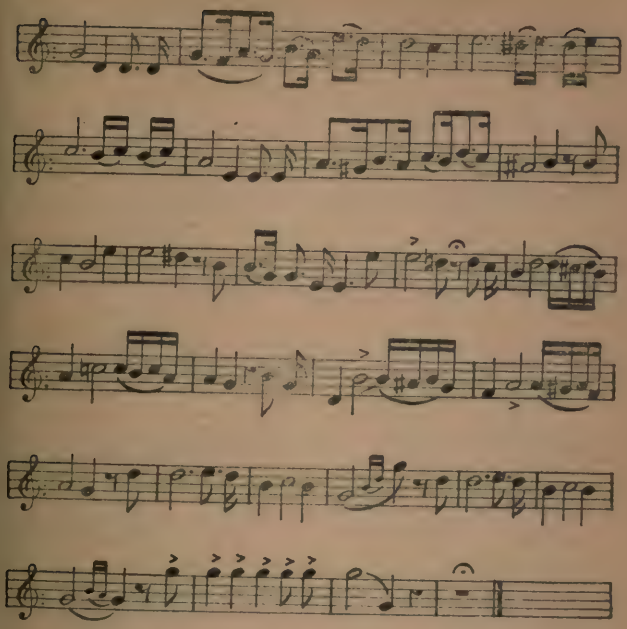
Que noite d'encanto!
Que lucido manto!
Que noite! amo tanto
Seu mudo fulgôr!...
Oh! vem, oh! donzella!
Não temas, oh! bella!
Que á noite só véla
Quem sonha de amor.

A SEPARAÇÃO SAUDOSA

* * *

J. Mazziotti

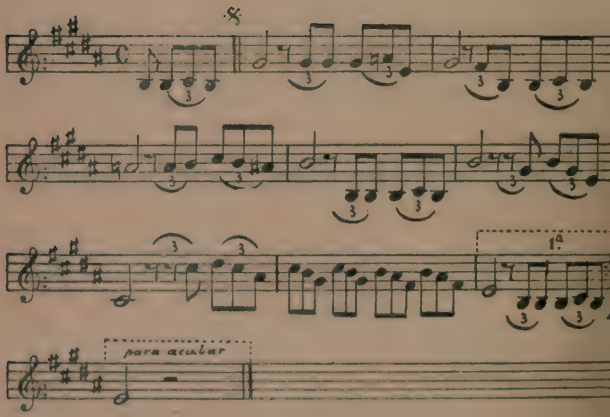




Se os sonhos em q'eu te vejo, } *bis*
Em q'eu te fallo durassem,
Talvez, talvez illusões tão vivas } *bis*
Sem outros bens me bastassem
Sem outros bens me bastassem.

Mas a razão inimiga } *bis*
A razão inimiga
Mil vezes, mil vezes, mil vezes
C'o o sopro seu
Me apaga o facho luzente — *bis*
Com que eu girava no céo — *bis*
Com que eu girava no céo.

CIUMES



Eu tenho ciumes d'aquelles que ousam
Teu rosto tão lindo de perto mirar!
A flôr nos cabellos me causa ciumes,
Ciumes que fazem — *bis*
Minh'alma penar

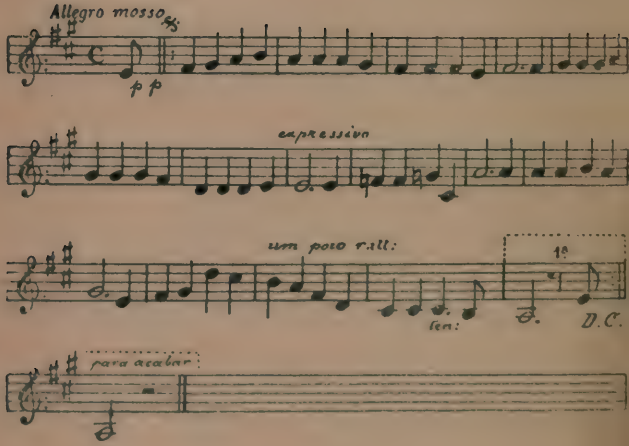
Eu tenho ciumes das horas que passo
Sem ter um momento de estar só comtigo;
Qualquer outra fala que tenhas com outro,
Ciumes bem negros — *bis*
Despertam commigo.

Eu tenho ciumes das notas que tiram
Teus lindos dedinhos correndo o teclado;
Eu tenho ciumes de tudo que é bello,
Meu peito em ciumes — *bis*
suspira, coitado.

Eu tenho ciumes da lua que á noite
Em manto azulado tu buscas fitar,
A lua me rouba a luz dos teus olhos,
Que mais do que ella — *bis*
Me sabem brilhar.

Eu tenho ciumes, oh! sim, meiga virgem,
Ciumes bem negros de ardente paixão...
Do ar que respiras, do chão que tu pizas,
Até da pureza — *bis*
Do teu coração.

O GUARANY



Eu sinto aqui no peito
extranho fogo arder,
mas qual seu nome seja
eu não te sei dizer.

Fujamos, vem sem medo
viver na solidão,
lá, onde pulsa livre
no peito o coração!

Eu tenho o arco e a flecha!...
Desterra os sustos teus!
Eu tenho a clava horrivel
— terror de imigos meus! —

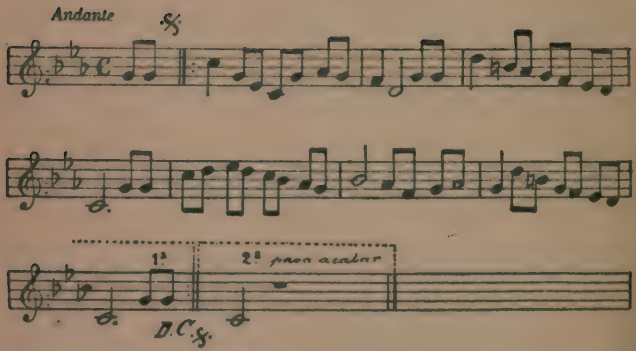
Pavor infundo ás tabas
do timido aymoré,
se escuta lá nas brenhas
os sons de meu boré.

A' vida em minhas selvas
tem mais prazer que aqui!...
Tu lá serás rainha
da tribu guarany!

ESTRIBILHO

Eu juro!... A tua imagem
foi só que me venceu!
Condoe-te do selvagem,
humilde escravo teu!

MODINHA DO CAPADÓCIO



Era noite, *era* dez *hora*, á meia noite
Encontrei, encontrei duas *figura*;
N'uma havia o retrato de Maria,
N'outra havia, n'outra havia a *fermusura*

ESTRIBILHO

Se *avéra entonce* de ser só minha
Essa fada do sonho meu,
Uma rosa, uma rosa fresca á galha
Como a estrella, como a estrella presa ao céo...

Encarquei, esbarrei na pedra dura...
Uma voz, uma voz me *arrespondeu:*
Arritira, arritira o pé de riba!!...
D'este *amô*, d'este *amô* que já foi teu.

Se *avéra entonce*, etc.

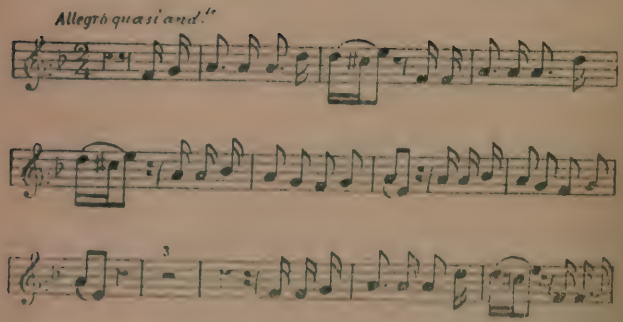
FOI ASSIM O SEU AMOR

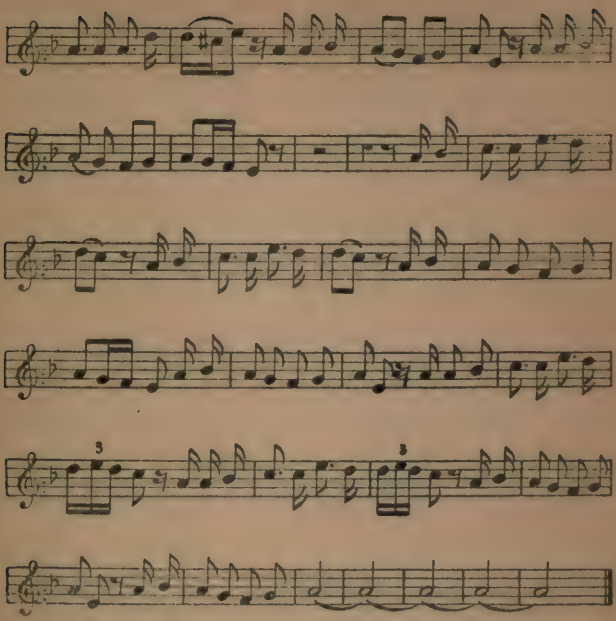
(LUNDÚ)

Foi assim o seu amor,
Como aond'elle passou,
Foi esperança de um dia
Que o desengano matou.

bis

H. C. Muzzio — José Amat





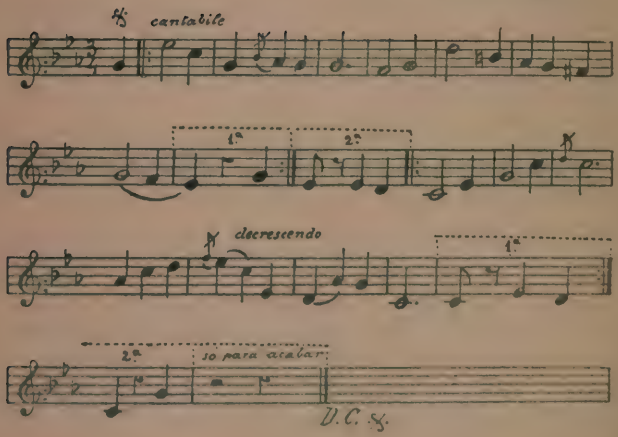
Foi assim o seu amor,
Exhalação venenosa
De uma flôr que simulava
Ser innocente e mimosa.

Foi assim o seu amor,
Infiel, mentida jura,
Promessa que fôra santa
Se a fizera um'alma pura.

A NOITE

* * *

Aureliano Lessa



Deixei de insomnias cercado
O meu solitario leito,
Para vir contar-te, ó noite,
As angustias de meu peito.

bis

Toda de luto trajada,
Tão tristonha como eu,
Teu triste aspecto harmonisa
Com as dôres do peito meu.

Se tu vélas só na terra,
Chorando teu triste fado,
Quantas lagrimas derrama
Quem é como eu desgraçado!

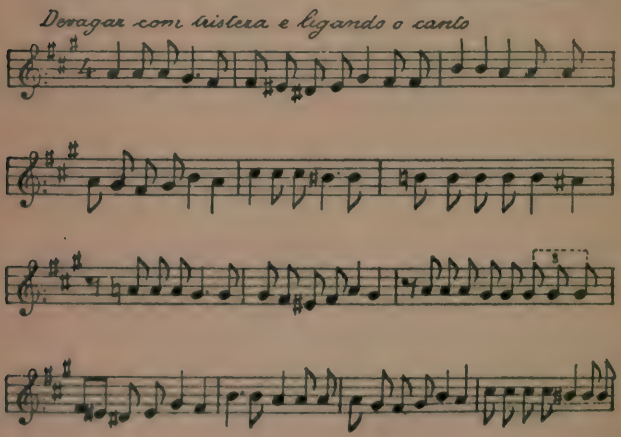
Se eu vivera n'um sepulchro,
Mais negro que o manto teu,
Tão desgraçado não fôra
Com as dôres do peito meu.

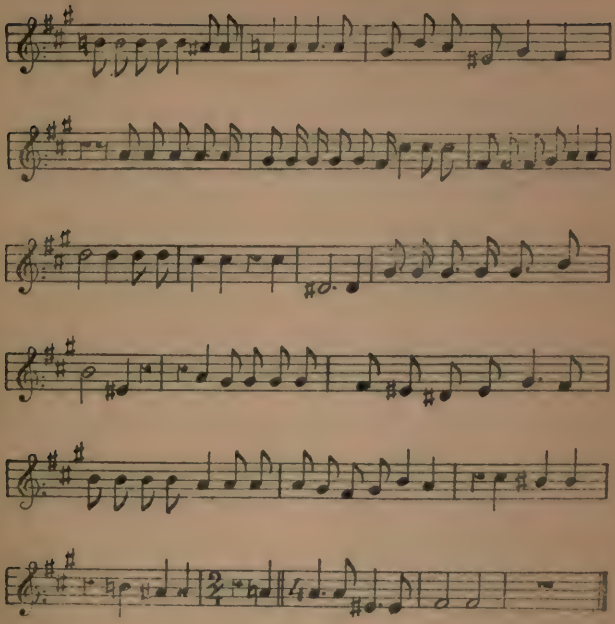
MATER DOLOROSA

* * *

Quando se fez ao largo a nave escura,
Na praia essa mulher ficou chorando,
No doloroso aspecto figurando
A lacrimosa estatua da amargura.

Gonçalves Crespo **Alberto Nepomuceno**



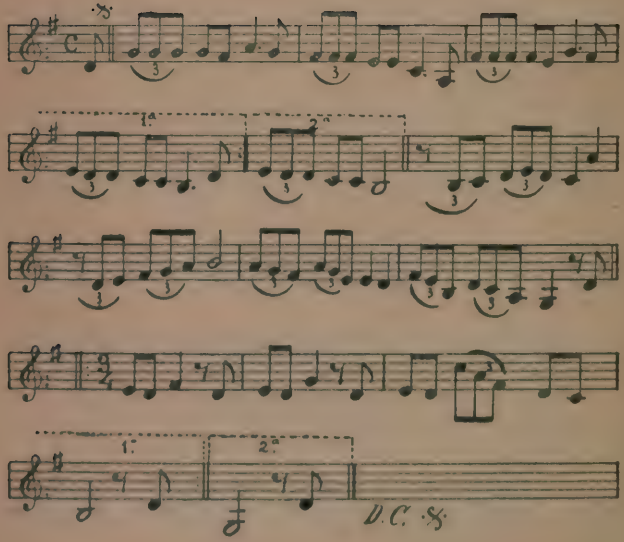


Dos céos a curva era tranquilla e pura;
Das gementes alcyones o bando
Via-se ao longe, em circulos, voando
Dos mares sobre a cerula planura.

Nas ondas se atufára o sol radioso,
E a lua succedera, astro mavioso,
De alvor banhando os alcantis das fragas...

E aquella pobre mãi, não dando conta
Que o sol morrera, e que o luar desponta,
A vista embebe na amplidão das vagas.

MARINHEIRO



Ser marinheiro é sina
Que Deus me deu,
Melhor vida não ha,
Isto julgo eu!
Quando o mar encapellado
Me ruge aos pés,
Alegre, enthusiasmado,
Pizo no convéz.

Oh! que vida é a minha
Sempre alegre no mar!
Vem comigo, donzella,
Nosso amor gozar.

ESTRIBILHO

Do mar ás furias
Do furacão,
Da vida eterna
Do coração. } *bis*

A terra com seus primores
Não val p'ra mim
A coberta dourada
Do meu bergantim.
Se na tempestade horrivel
Ouço o trovão,
E' quando eu sinto arfar
O meu coração.

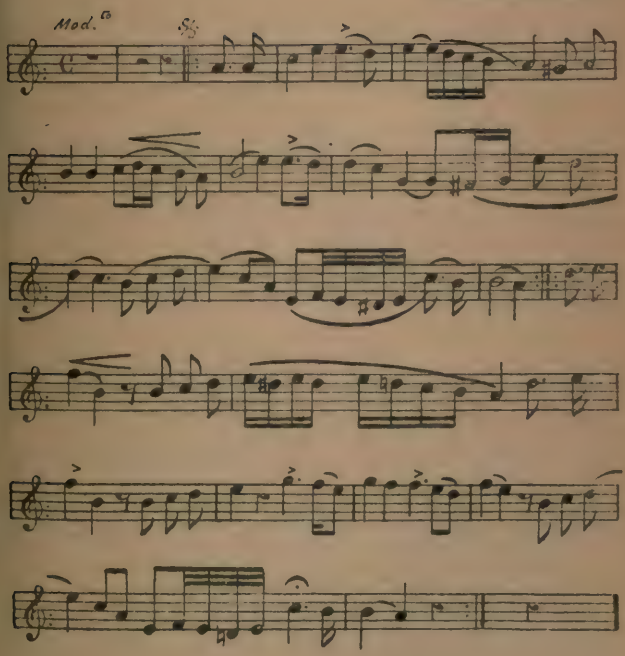
Oh! que vida, etc.

Quando a morte um dia
Me vier ceifar,
Não quero outro tumulo
Para me sepultar.
Então, eu descançado
Lá dormirei;
Lembranças do meu passado
Jámais terei.

Oh! que vida, etc.

POR TE AMAR SEM ESPERANÇA

Demetrio Rivero



Por te amar sem esperança
É cruel meu soffrimento,
Suspiro e choro debalde
E tu não vês meu tormento.

Enfadei-te amando tanto,
Mas mereço o teu perdão!
És culpada sendo bella,
Roubaste meu coração.

Um momento te julguei
Sensivel, meiga e constante;
Foi atroz o desengano
De meu terno peito amante.

Os meus gemidos não podem
Tua esquivança abrandar,
Só depois de morto, ó virgem,
Has de o triste lamentar!

CANÇÃO DE MARIA

* * *

Eu sou flôr arremessada
Ao desprezo, em negro dia;
Minha mãe soffreu martyrios,
Pobre mãi, pobre Maria!

Eu sou folha abandonada
Ao furor da ventania,
Minha mãi desfez-se em lagrimas,
Triste mãi — triste Maria!

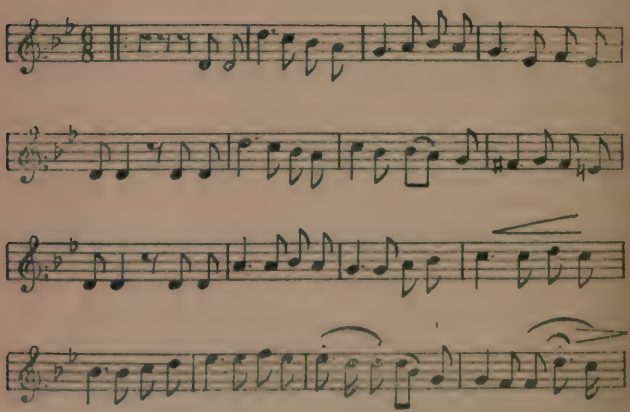
Eu sou filha desprezada
Por um pai que não me qu'ria!
Minha mãi morreu d'angustias!
Inf'liz mãi, inf'liz Maria.

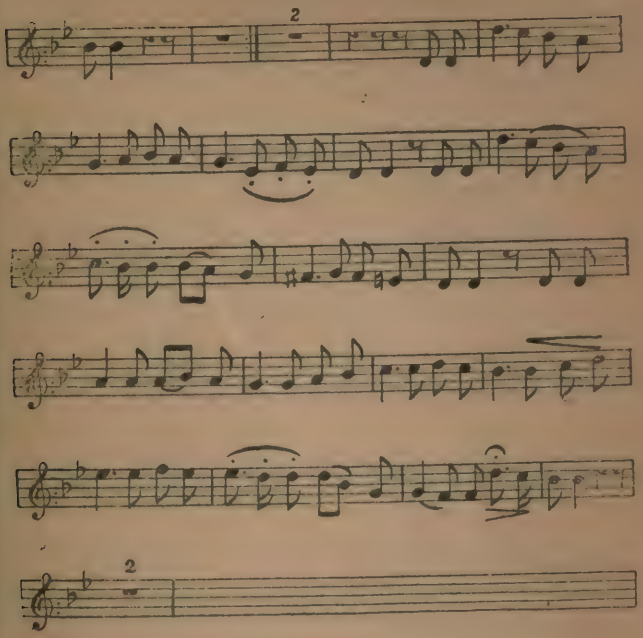
Fui com prantos embalada,
Minha mãi me estremecia;
Seus abraços eram férvidos,
Meiga mãi, meiga Maria!

Pobre triste, inf'liz e meiga,
Debil haste ao chão pendia,
Foi-lhe algoz meu pai o misero!
Santa mãi! santa Maria!

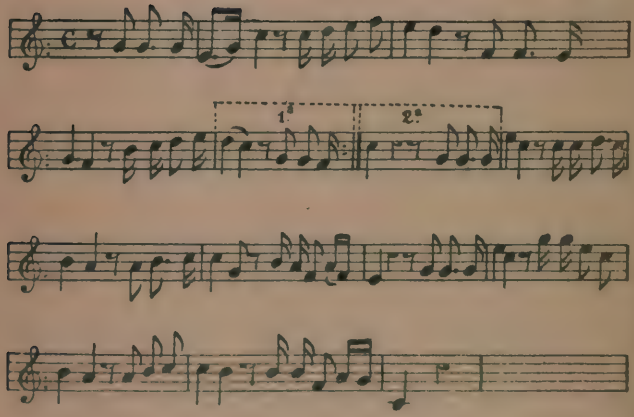
Mas encontre o algoz sem alma
Sempre e sempre, dia e dia,
Sobre a terra atroz supplicio,
Salve, mãi! salve, Maria!

F. Coelho A. Napoleão




2
2

ERAM DEZ HORAS



Eram dez horas,
Um silencio mudo
Reinava em tudo
Nesta solidão;
Minh'alma afflicta
Lamentava errante
A dôr pulsante
De meu coração.

bis

Eram dez horas,
De chorar cansado
Quiz, desgraçado,
Mitigar a dôr,
Na pobre lyra
Desferir um canto,
Cresceu-me o pranto,
Era tudo horror!

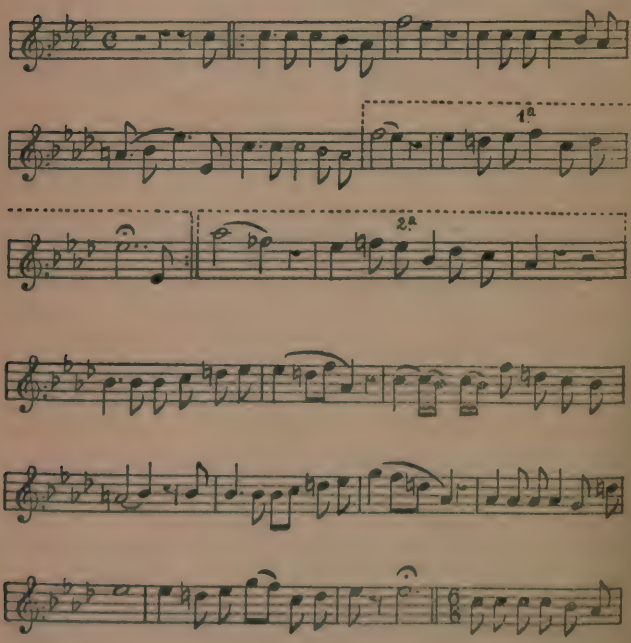
Eram dez horas,
No meu pobre leito
Meu triste peito
Suspirava só;
Ninguem ouvia
Meu gemer d'amores,
De meus clamores
Ninguem tinha dó.

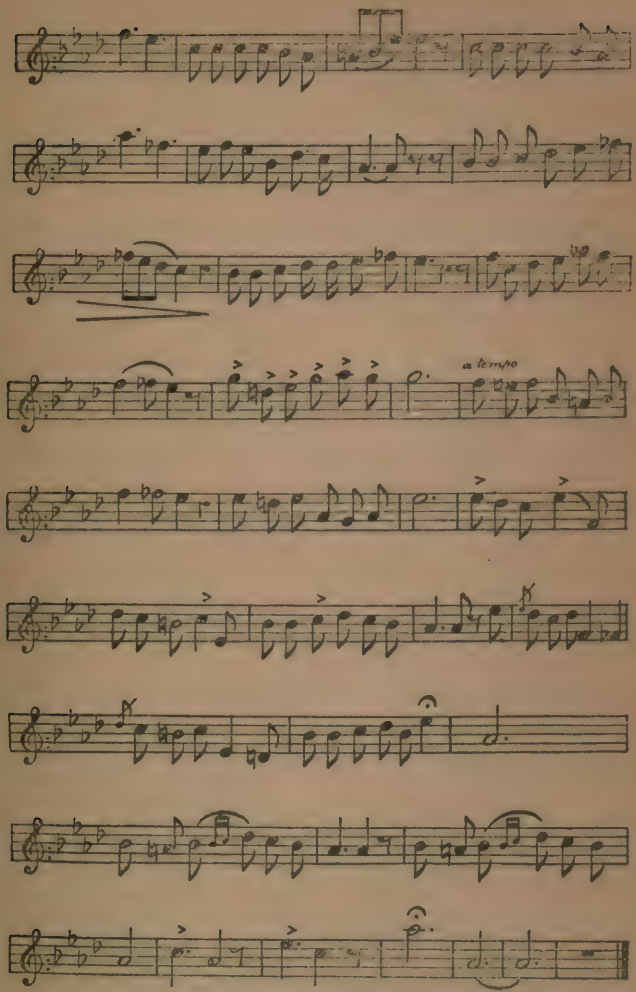
Anjo celeste,
Vem buscar-me agora,
Vem n'esta hora
Me trazer a morte;
Uma esperança
Que me dava vida,
De amor descrida
Terminou seu norte.

SONHEI

Andrada Machado

José Amat




a tempo

Sonhei que leda vieste
Junto a meu leito cantar,
Um canto que me dizia:
Bardo não sabes amar.

Quiz provar-te com um beijo
Que eu sabia o que era amor;
Fugiste toda enfadada,
Tingiu-te a face o rubor. — *bis*

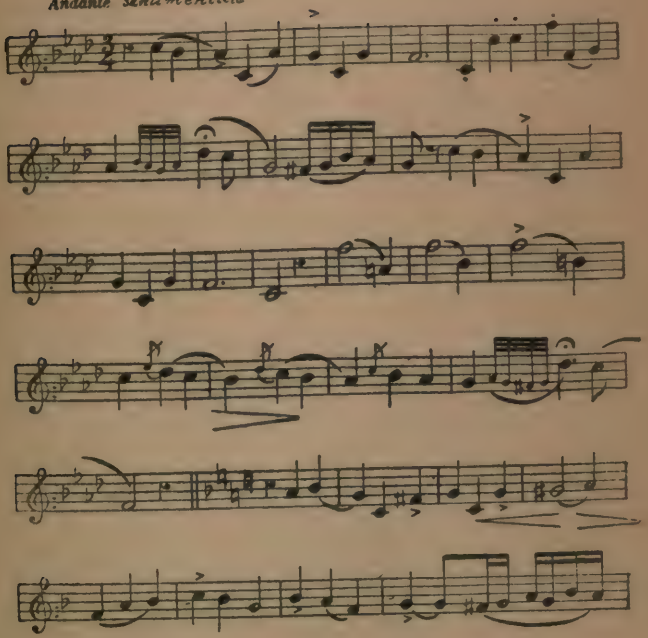
bis Ai! Mas já cedias fagueira,
Davas-me a face, acordei;
Sorriste do meu desejo,
Era mentira, sonhei. — (*dez vezes*)

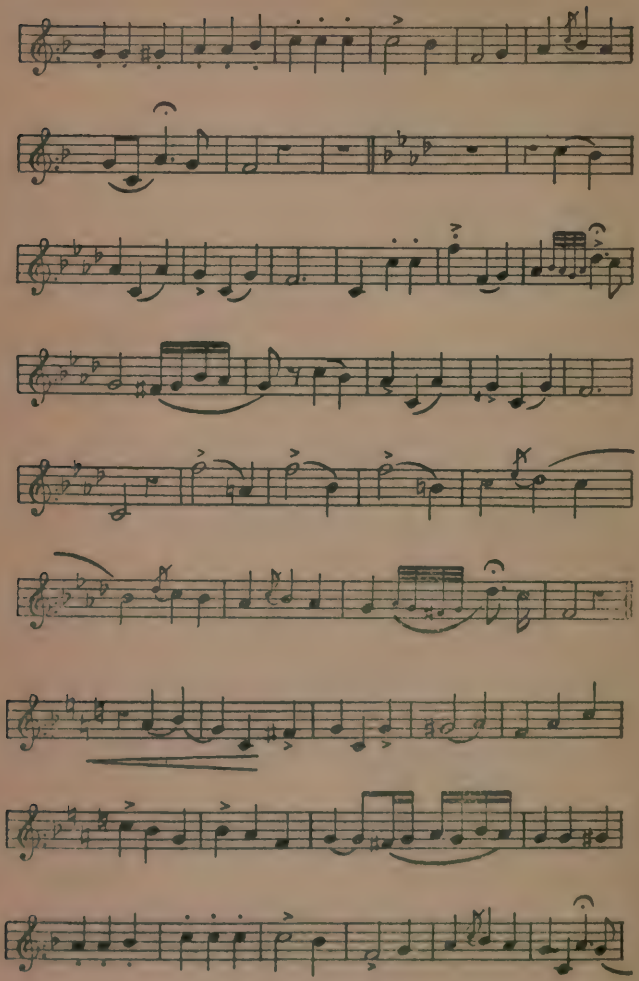
CRI-TE

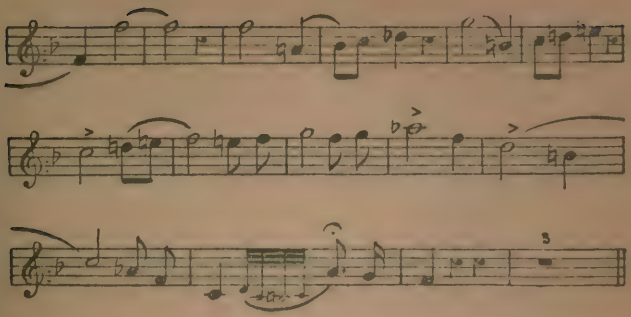
* * *

T. Braga F. Santini

Andante sentimentale







Sobre nuvens de ethereo perfume,
Anjo lindo, baixaste do céo...
E guardaste-me d'alma o queixume
Do teu seio.
Do teu seio rasgaste-me o véo,
Rasgaste-me o véo.

E tu só me sorriste no mundo
Assim terna, qual terna te achei...
Escutaste o cantar vagabundo
De uma lyra que a ti consagrei.

Consagrei-te meus hymnos cadentes
Com que nutro uma eterna paixão!
Animaste essas fibras plangentes,
Déste graça,
Déste graça á dorida canção.

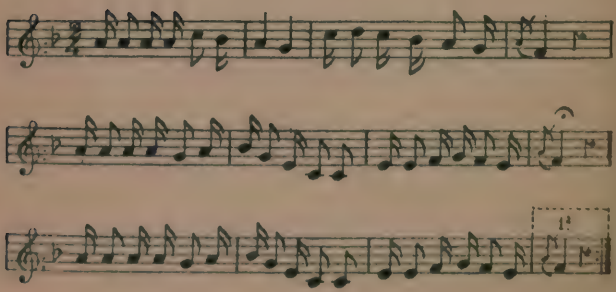
Ajuntaste a minh'alma opprimida
Nas fadigas de ignoto escarcéo;
Mais amor, mais amor e mais vida
Dos thesouros que herdaste do céo.

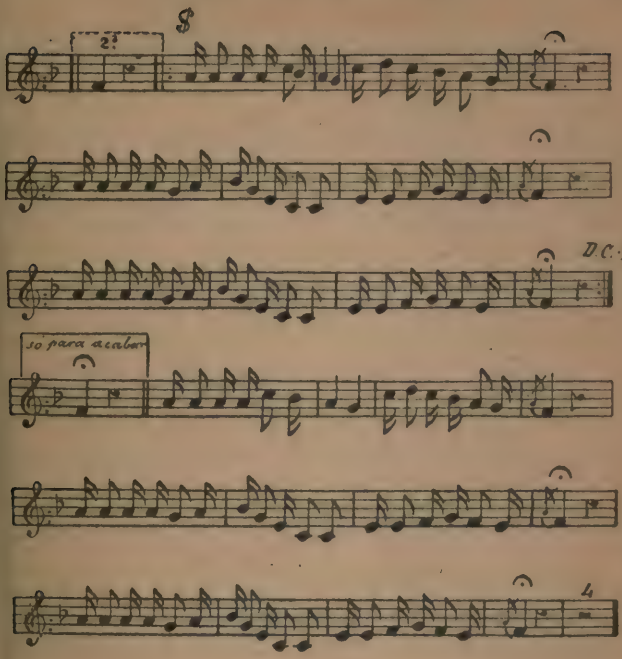
A NÁU CATHARINETA

* * *

CÔRO: Faz vinte e um annos e um dia,
Que andamos n'ondas do mar,
Botando solas de molho,
Oh! tolina! } *bis*
Para de noite jantar.

A sola era tão dura
Que a não podemos rilhar...
Deitam-se sortes á aventura,
Oh! tolina! } *bis*
A vêr quem s'ha-de matar.





Os dados rolaram todos
Sobre as ondas do mar;
Logo foi cahir a sorte,
Oh! tolina! } *bis*
No capitão-general.

CAPITÃO: Sobe, sobe, meu gageiro,
Meu gageirinho real,
Vê se vês terras d'Hespanha,
Oh! tolina! } *bis*
Areias de Portugal.

GAGEIRO: Não vejo terras d'Hespanha,
Areias de Portugal,
Vejo sete espadas nuas,
Oh! tolina! } *bis*
Todas para te matar...

CAPITÃO: Ariba, ariba, gageiro,
Áquelle tope real,
Vê se vês terras d'Hespanha,
Oh! tolina! } *bis*
Areias de Portugal.

GAGEIRO: *Alvistas*, meu capitão,
Meu capitão-general,
Já vejo terras d'Hespanha,
Oh! tolina! } *bis*
Areias de Portugal...

Tambem avistei tres moças
Debaixo d'um parreiral,
Duas cosendo setim,
Oh! tolina! } *bis*
Outra calçando o dedal.

CAPITÃO: Todas tres são minhas filhas...
Ai! quem m'as dera abraçar!
A mais bonita de todas,
Oh! tolina! } *bis*
Para comtigo casar.

GAGEIRO: Eu não quero sua filha
Que lhe custou a criar;
Quero a náu Catharineta,
Oh! tolina! } *bis*
Para n'ella navegar.

CAPITÃO: Tenho meu cavallo branco
Como não ha outro igual;
Dar-te-lo-hei de presente,
Oh! tolina! } bis
Para n'elle passear.

GAGEIRO: Eu não quero seu cavallo
Que lhe custou a criar;
Quero a náu Catharineta,
Oh! tolina! } bis
Para n'ella navegar.

CAPITÃO: Tenho meu palacio nobre,
Como não ha outro assim,
Com suas telhas de prata,
Oh! tolina! } bis
Suas portas de marfim.

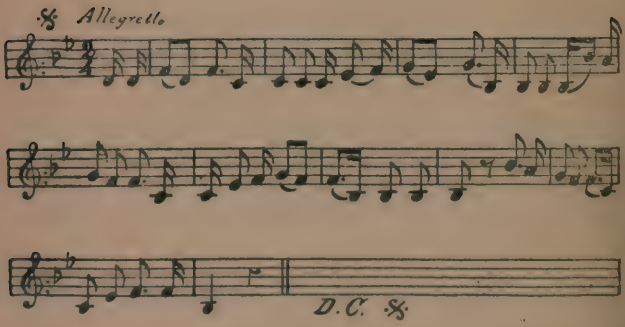
GAGEIRO: Eu não quero seu palacio,
Tão caro d'edificar;
Quero a náu Catharineta,
Oh! tolina: } bis
Para n'ella navegar.

CAPITÃO: A náu Catharineta, amigo,
É d'El-Rei de Portugal;
Mas eu não sou quem sou,
Oh! tolina! } bis
Ou El-Rei te ha-de dar...

CORO: Desce, desce, meu gageiro,
Meu gageirinho real,
Já viste terras d'Hespanha,
Oh! tolina! } bis
Areias de Portugal...

O SEU ANTONHO GERARDO

(REISADO)



Seu Antonho Gerardo
Assim mêm'é;
O seu boi morreu,
Assim mêm'é;
Qu'ha de se fazer?
Assim mêm'é;
É tirar o couro,
Assim mêm'é;

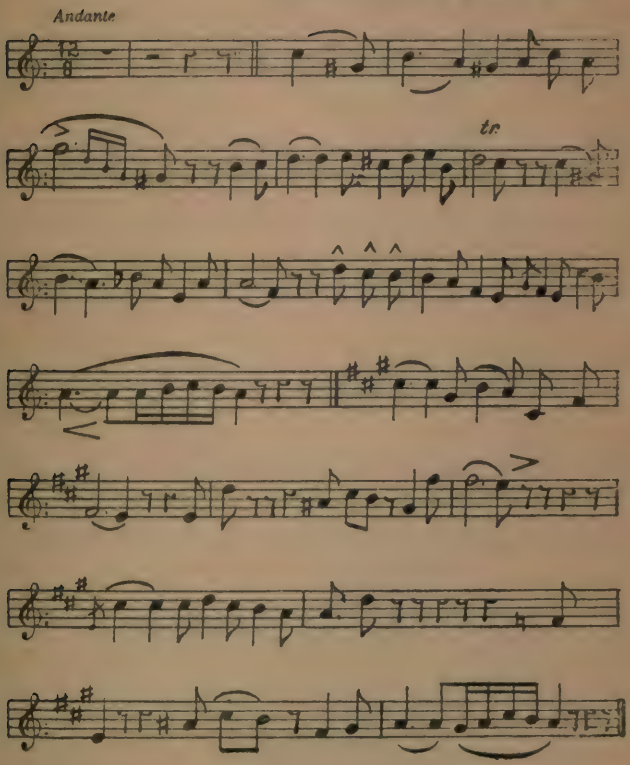
P'ra *siá* Michaela,
Assim mêm'é...
E *Brisda* amarella,
Assim mêm'é. (1)
Vou fazer um peso
Para amigos meus,
Para Wencesláu
E José Matheus.
Osso corredor
É do professor;
Saiba repartir
Com *seu* promotor.
Eu peguei nos rins,
Me esqueci da banha!
São p'ra Manoel Ivo
E Chico Piranha.
A *chan* de dentro
É de *seu* João Bento;
A *chan* de fóra
De Domingos da Hora,
Mocotó da mão
É de Manoel Romão;
Mocotó do pé
É de *seu* André;
A passarinha
É de *siá* Nanzinha,
Saiba repartir
Com tia Anna Pibinha.
O *figo* do Boi
Foi p'ro *sarandage*,
O resto que ficou
Foi p'ra priquitage.
Siá Nenén abra a porta

(1) Este estribilho deve ser repetido com todos os versos.

Sentido nos pratos,
Que a gente é muita
P'ra comprar o fato.
A tripa gaiteira
É de Maria Vieira;
A tripa mais grossa
De Chico da Rocha.
O menino Esculapio
É menino sabido;
P'ra elle e Caetano
Só ficou o ouvido.

O FATAL SEGREDO

Poesia e musica de **M. Alves Lobo**



No peito guardo um segredo
Que faz a mente escaldar,
Bem quero eu revelar
A quem? não sei; tenho medo! } bis

Não importa; tarde ou cedo
Virá o mundo a saber,
Melhor fóra já romper
Este meu fatal segredo.

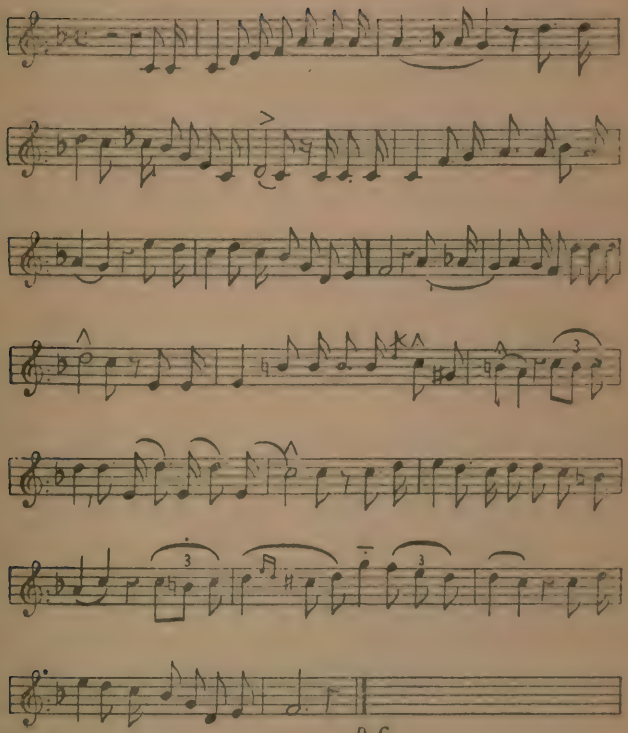
Mas não; antes ficar quêdo,
Deixál-o cahir no olvido,
Do que tornar tão sabido
Este meu fatal segredo.

QUIZ DEBALDE
VARRER-TE DA MEMORIA

* * *

Plinio de Lima **Xiato Baldia**

Andante



Quiz debalde varrer-te da memoria
E o teu nome arrancar do coração:
Amo-te sempre... Oh! que martyrio infindo!
Tem a força da morte esta paixão...

Eu sentia-me atado ao teu prestigio
Por grilhões poderosos e fataes;
Não me vias sequer, te amava ainda...
Motejavas de mim, te amava mais... } bis

Tu me vias sorrir; os prantos d'alma
Só confia-se a Deus e á solidão ..
Tu me vias passar calmo e tranquillo,
Tinha a morte a gelar-me o coração.

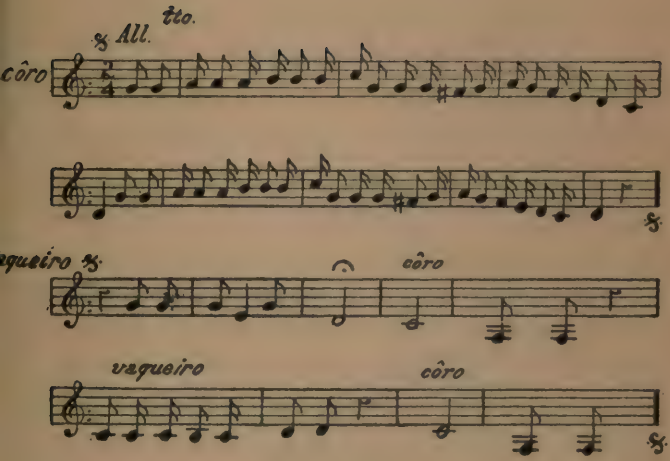
Quantas vezes lutei com o sentimento,
Quantas vezes córei de minha dôr!
Quiz até te odiar; te amava sempre,
Sempre, sempre a esmagar-me o meu amor!... } bis

Soffri muito por ti. Ás minhas trevas
Nem um raio de amor déste sequer;
Tu sorrias feliz, quando eu chorava,
E eu chorava só por te amar, mulher!

Não consigo apagar-te da memoria,
Nem teu nome arrancar do coração!
Amo-te sempre!... Oh! que martyrio infindo!
Tem a força da morte esta paixão... } bis

O BUMBA MEU BOI

(REISADO)



Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, entra p'ra dentro,
Meu boi marruá.

Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, ao dono da casa
Tu vais festejar.

Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, dá no vaqueiro,
Meu boi guadimar.

Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, espalha este povo,
Meu boi marruá.

Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, sahe da catinga,
Meu boi malabar.

Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, faz cortezia,
Meu boi guadimar...

. . . . . .

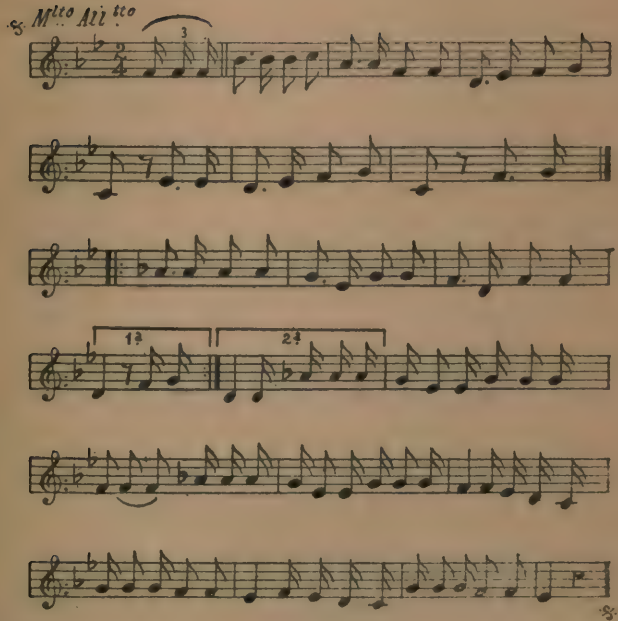
VAQUEIRO: Eu fui ver o meu boi...
CORO: Eh! bumba!...
O que é que elle tinha?
Eh! bumba!...

Eu fui ver na cabeça,
Eh! bumba!...
Achei ella bem lêfa...
Eh! bumba!...
Eu fui ver lá na ponta,
Eh! bumba!...
Elle de mim não fez conta,
Eh! bumba!...
Eu fui ver no pescoço,
Eh! bumba!...
Achei elle bem torto.
Eh! bumba!...
Eu fui ver nas apá,
Eh! bumba!...
Não achei nada lá...
Eh! bumba!...
Eu fui vêr lá na mão,
Eh! bumba!...
Não achei nada não.
Eh! bumba!...
Eu fui ver nas costellas,
Eh! bumba!. .
Não achei nada nellas.
Eh! bumba!...
Eu fui ver no vasio,
Eh! bumba!...
Achei o boi bem esguio...
Eh! bumba!..
Eu fui ver no chambari,
Eh! bumba!...
Não achei nada ahi!...
Eh! bumba!...
Eu fui ver no mocotó,
Eh! bumba!...
Andei bem ao redó...
Eh! bumba!...

Eu fui ver na rabada,
Eh! bumba!...
Não achei lá nada...
Eh! bumba!...
Eu fui ver no espinhaço,
Eh! bumba!...
Achei em vergaço...
Eh! bumba!...

O PICAPÁO

(REISADO)



Pinica-páo é marinheiro
Ninguem póde duvidar, — *bis*
Com seu barrete vermelho,
E camisa de zangá. } *bis*

Sinhá Naninha
De Campos de Minas,
Sinhô Mané, Corta-Páo,
Berimbáo;
Arrevira o páo,
Meu pinica-páo,
Torna a revirar,
Que isto não é máo...

Pinica-páo de curioso
De um páo fez um tambor, — *bis*
Para tocar a alvorada
Na porta de seu amor. } *bis*

Sinhá Naninha
De Campos de Minas, etc.

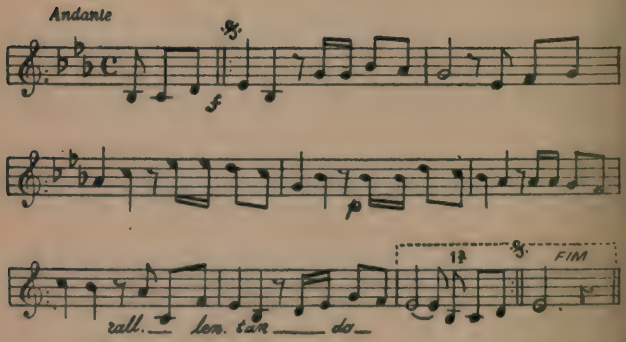
Pinica-páo de atrevido
Foi ao Rio de Janeiro, — *bis*
Buscar sua mulatinha
Que comprou com seu dinheiro. } *bis*

Sinhá Naninha
De Campos de Minas, etc.

Pinica-páo, vamos embora,
Pede licença ás senhoras, — *bis*
Faz a tua cortezia,
Procura o tom da viola. } *bis*

Sinhá Naninha,
De Campos de Minas, etc.

QUERES QUE EU CHORE?



Queres que eu ria, sorrirei meu anjo!
Queres que chore, chorarei tambem!
Queres que eu cante, cantarei na lyra!
Queres que eu morra, morrerei, meu bem.

Queres que eu gema, gemerei contente!
Queres que eu soffra, soffrerei por ti!
Queres que eu fuja, fugirei, te juro!
Queres que eu fique, ficarei aqui!

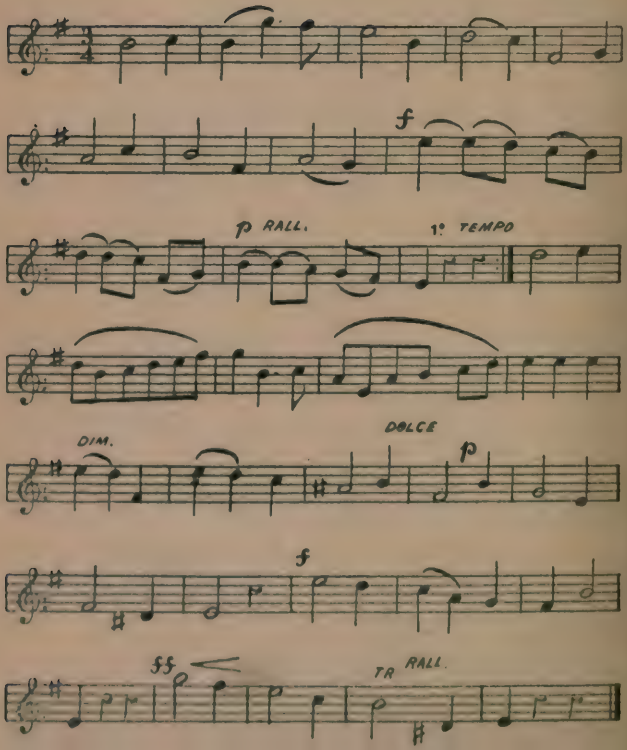
Queres que eu caia de joelho em terra,
timido escravo, juncto a ti serei!
Mas se me ordenas que te adore louco,
de Amor no throno serei mais que um rei.

Sou pobre artista, que não póde amar-te,
que não te póde revelar amor!
Por isso, ó bella, penarei calado,
soffrendo embora lacerante dôr.

Humilde, pobre, sem ventura e triste
não tenho a gloria de poder te amar!
É dura a vida do modesto artista
que as dôres sente sem poder falar.

NO MEU ROSTO NINGUEM VÊ

Santa Rosa

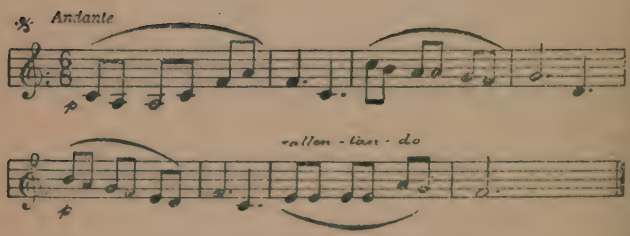


No meu rosto ninguem vê
Nenhum signal d'afflicção ; — *bis*
Meu desgosto, minha dôr
Eu guardo no coração. — *4 vezes*

Eu occulto o quanto posso
O que soffre o coração, — *bis*
Soffre muito, mas não mostra
Nenhum signal d'afflicção. — *4 vezes*

Nas festas tambem m'encontram
Fingindo satisfação, — *bis*
Porque magua bem cruel
Eu guardo no coração. — *4 vezes*

ERA UMA NOITE TRISTONHA



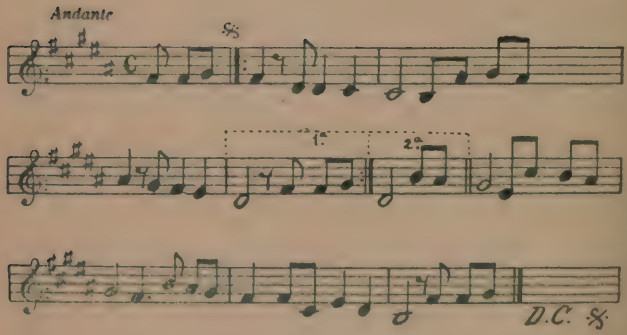
Era uma noite tristonha
Quando fui vêr minha bella,
Mas grande decepção tive
Vendo-a com outro á janella.

Voltei atrás e lhe disse
O que meu peito sentia,
Ainda que fosses um anjo
P'ra mim não tinhas valia.

Vou viver só em um bosque
Onde não more ninguem,
Porque um infeliz como eu
Só assim viverá bem.

Vou atirar-me ao mar,
Fazer vida com os peixinhos,
Já que no mundo não tenho
Quem goste dos meus carinhos

QUERO SER POBRE NA MINHA TERRA



Quando a manhã, já vem despontando,
e o sol raiando lá no horisonte,
não vejo os olhos do meu thezouro,
nem ouço o chôro da terna fonte.

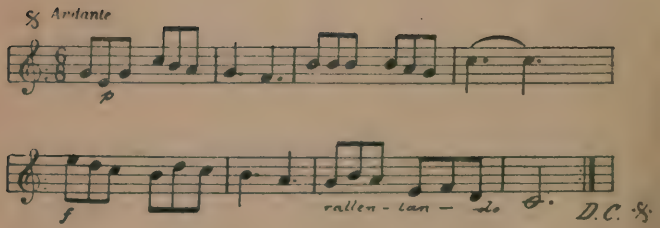
Aqui a lua não tem fulgores,
soluça em dôres o coração!
Ai, quantas maguas sinto por ella,
saudosa e bella, rosa em botão!

Maguas eu sinto neste momento,
cruel tormento de amor tão santo!
Pois a saudade que sinto agora,
tudo devora no triste pranto.

Tanta vaidade, tanta riqueza,
venha a pobreza, mas junto della!
Quero ser pobre na minha terra,
viver na serra com a minha bella!

Tanta vaidade, tanta opulencia,
quero a indigencia, que é mais honrada...
Quero ser pobre no meu cantinho,
viver sósinho com a minha amada!

MAURA



Tenho saudades de Maura,
Daquella Maura amorosa,
Daquelles céos estrellados,
Daquellas noites de rosa.

Tenho saudades do rio,
Daquellas fontes d'ali,
Onde Maura se banhava...
Eu por Maura me perdi.

O' morte vem dar allivio
Ao meu triste padecer,
Já que esperanças não tenho
De Maura me pertencer.

Adeus! adeus! Vou-me embora
E' hora da despedida,
Adeus, mulher de minha alma,
Adeus, ó Maura querida.

INDICE

	Pag.
Á MANEIRA DE PROLOGO	V
Pai João	3
Quando meu peito	5
Menina, porque razão	7
Canto do pescador	9
Hymno da descrente.	12
Quizera ser borboleta	15
Ao luar	17
A casa branca da serra	20
Canto do cysne	23
Canção do trovador	25
A gentil Carolina.	27
O vago mestre	30
O poeta e a fidalga	34
Fado primavera	37
Sempre te amando	39
Mucama	41
Ai! meu bem, se eu não te amo	43
Canção do boiadeiro.	45
A nossa amisade.	48
Vem cá, meu anjo	50
Perdão, senhor, meu Deus	54
Minha esperança.	56

Pag.
O corcunda 58
Se não me amas, oh ! mulher 61
O testamento. 63
Não és tu. 66
Perdão, Emilia 68
Gosto de ti porque gosto 71
Acorda, Adalgisa. 73
O sapo na lagoa 75
Rosa do sertão 77
Deixei cabanas 79
A casinha pequenina. 82
Quero fugir-te 84
Meu coração está vasio 86
Foste falsa hontem á noite 88
Seu Nastaço chegou di viage 90
Quizera amar-te 93
Como o orvalho da noite 95
Mulatinha do caroço. 97
Estes mocinhos d'agora 100
O que é sympathia 102
Nas horas longas. 104
Caso de amor tão fingido 106
Tristes saudades 108
Eu sinto angustias 111
Sonhei comtigo, donzella 114
Remae, remae 116
A rosa murcha 118
Serenata 121
Querem vêr esta menina 124
Lundú das moças 126
Amor de artista 129
Teu sorriso 134
Um ai gerado pela paixão 136
Mal me queres ? Bem me queres ? 140
O gondoleiro do amor 143
Tu és um anjo na terra 146

Pag.
Partir levando a lembrança 148
Meu destino é immutavel 150
De livre que sempre fui 152
Para a cêra do santissimo 154
Pallida madona 157
E foi-se 159
Não corras na areia 161
Borboleta, meus encantos 163
A vida e a morte. 165
A borboleta do natal 167
Cantatas de reis 170
Sonhei! Sorri! Amei! Descri! 176
Hei de amar-te até morrer 179
Espectro 181
A mulata. 184
Um sonho 188
Riso e morte. 190
Vem, ó noite, ó doce amiga 192
Igualdade illusoria 194
Ta, te, ti, to, tu 196
Nas horas negras da noite 198
Beijo a mão que me condemna 200
Papai, eu quero me casar 202
Quero partir 205
A flôr de meus cultos 207
Sob o cypreste 209
As clarinhas e as moreninhas 211
3.ª Serenata 214
Desalento. 217
Boas noites 220
Bella nympha de minh'alma. 222
Tenho ciumes 224
A missa campal 226
O bem-te-vi 230
Morena, teus olhos 233
Confissão e desengano 237

Pag.
Nestas praias de limpidas areias 239
A partida. 241
Prazeres que eu não sonhava 244
Poesia e amor 247
Sempre ella 251
Tu és o sol 254
A marrequinha 257
As bahianas 260
Se eu fôra poeta 263
Eu te adoro 266
Ah! tu dormes o somno da morte 269
Que noite de encanto 271
A separação saudosa. 274
Ciumes 276
O Guarany 278
Modinha do Capadócio 280
Foi assim o seu amor 282
A noite 284
Mater dolorosa 286
Marinheiro 288
Por te amar sem esperança 291
Canção de Maria. 293
Eram dez horas 296
Sonhei 298
Cri-te. 301
A náu Catharineta 304
O seu Antonho Gerardo 308
O fatal segredo 311
Quiz debalde varrer-te da memoria 313
O bumba meu boi 315
O picapáo 319
Queres que eu chore? 322
No meu rosto ninguem vê 324
Era uma noite tristonha 326
Quero ser pobre na minha terra 328
Maura 330

M
1689
B86C3
cop.2

Brito Mendes Julia de
Canções populares do
Brazil

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY